



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Rafaela de Araujo Vieira de Oliveira

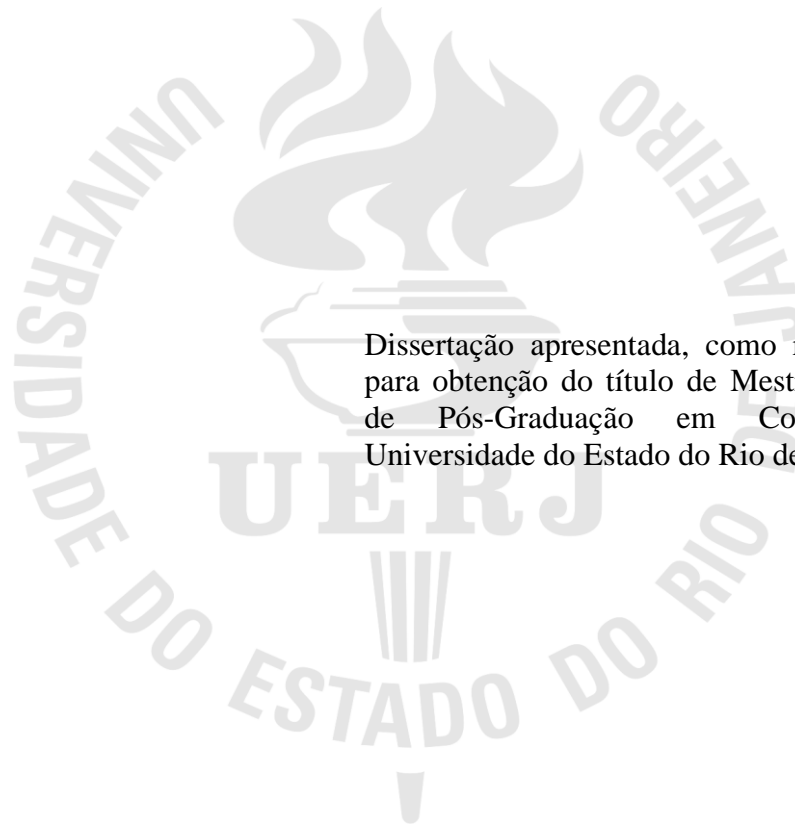
**Uma cartografia pela “ferrugem das tesouras de gênero”: as performances
dissidentes e os a(r)tivismos digitais em conteúdos pós-massivos**

Rio de Janeiro

2024

Rafaela de Araujo Vieira de Oliveira

Uma cartografia pela “ferrugem das tesouras de gênero”: as performances dissidentes e os a(r)tivismos digitais em conteúdos pós-massivos



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Cíntia Sanmartin Fernandes

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

O48 Oliveira, Rafaela de Araujo Vieira de
Uma cartografia pela “ferrugem das tesouras de gênero”: as performances
dissidentes e os a(r)tivistas digitais em conteúdos pós-massivos / Susanne
Oliveria dos Santos. – 2024.
140 f.

Orientadora: Cíntia Sanmartin Fernandes.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Comunicação.

1. Comunicação social – Teses. 2. Gênero – Teses. 3. Redes sociais on-line
– Teses. I. Fernandes, Cíntia Sanmartin . II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Comunicação. III. Título.

bs

CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rafaela de Araujo Vieira de Oliveira

Uma cartografia pela “ferrugem das tesouras de gênero”: as performances dissidentes e os a(r)tivismos digitais em conteúdos pós-massivos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 29 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Cíntia Sanmartin Fernandes (Orientadora)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof^o. Dr^o. Eduardo Bianchi

Universidade Veiga de Almeida - UVA

Prof^a. Dr^a. Flavia Magalhães Barroso

Departamento de Comunicação - UFES

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos dissidentes e a(r)tivistas brasileiros que inspiram e protagonizam revoluções.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço à prof.^a Dr.^a Cíntia Sanmartin Fernandes pelo nosso encontro; por todo o período de orientação, troca de ideias, afeto e acolhimento enquanto trilhamos o caminho desta dissertação; por todas as incríveis indicações de leitura, rápidas devolutivas, ótimas aulas ministradas e atenciosa supervisão do estágio docência. Agradeço também aos colegas do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC/UERJ) pelas sugestões e apontamentos frutíferos ao longo do Mestrado, além do compartilhamento de anseios, festividades e experiências de vida.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, obrigada por mostrarem caminhos e pensadores que dialogaram com a minha pesquisa. Agradeço ainda à coordenação e secretaria do PPGCOM/UERJ, bem como ao representante discente Luís Felipe dos Santos, pela dedicação e tranquilidade com os processos burocráticos.

Aos amigos da turma de Mestrado 2022, agradeço por me provocarem o riso até em momentos difíceis, por dividirem disciplinas e perspectivas comigo, por serem presentes mesmo quando estávamos à distância. Em especial, à Ana Carla Longo, Andréa de Freitas Machado, Daniele Rezende, Daniele Ribeiro, Jerson Pita, Letícia Couto e Pâmella Cordeiro.

À minha mãe, Maria Isabel Soares de Araujo, pelo apoio, amor incondicional, respeito e confiança no que me proponho a ser e fazer, sempre acreditando e investindo em mim. Ao meu irmão, Lucas de Araujo Cruz, pelo grande incentivo e atenção às conversas sobre a pesquisa. Aos demais familiares que semearam segurança, carinho, esperança e oportunidade durante toda a minha vida: Adenir Soares de Araujo, Ascendino Rodrigues de Araujo, Anibal Soares de Araujo e Silvia Maria de Araujo. Aos tios Regi e Néia, meus padrinhos e admiradores amorosos.

Aos meus amigos Juan de Melo Ferreira, Marcelo Henrique Lima e Rafael Nascimento, por todos os momentos de afeto e festa; pelas sugestões, empreitadas e filosofias acadêmicas que me inspiraram; por caminharem ao meu lado e serem ponte fundamental do meu tema de pesquisa. À Julia Mathura, Livia Siqueira, Mariana Brito, Nathalia Souza, Nicolas Teixeira, Raíssa Rodrigues, Rebeca Rangel e Vinícius Andrade, que há anos reafirmam laços de amizade e me ouviram falar muito sobre a pesquisa.

Aos sujeitos de pesquisa, obrigada por serem agentes de transformação social.

Há sempre algo de romântico no político, na defesa das utopias, no sonho de uma sociedade perfeita, na esperança de um mundo redimido de suas falhas, na perspectiva de uma sociedade perfeitamente igualitária etc. Creio que há, de fato, reaparecimento de uma sensibilidade romântica.

Michel Maffesoli

RESUMO

OLIVEIRA, Rafaela de Araujo Vieira de. Uma cartografia pela “ferrugem das tesouras de gênero”: as performances dissidentes e os a(r)tivismos digitais em conteúdos pós-massivos. 2024. 140f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta pesquisa busca investigar a “ferrugem das tesouras de gênero”, caracterizada nesta dissertação como um processo de mudanças no imaginário brasileiro acerca do binarismo homem/mulher e as normas de vida heterossexual. Para tanto, cartografou-se a atuação de quatro criadores de conteúdo digital que fomentaram debates na esfera pública no ano de 2022, marcado pela eleição presidencial no Brasil. São eles: Bielo Pereira, Blogueira de Baixa Renda (Nathaly Dias), Esse Menino e Jonas Maria. A estratégia metodológica de uma cartografia interseccional somada aos Estudos da Performance nos auxiliou a compreender a ambiência online, a produção audiovisual selecionada e sua função pós-massiva, presente em plataformas digitais como o YouTube e o Instagram. Entre outros aspectos, tal função midiática age por todo o planeta, com fluxo de informação bidirecional (todos-todos) e em nichos (LEMOS, 2010). Buscamos compreender como diferentes dissidências sexuais e de gênero estão inseridas nas comunidades digitais, mapeando possíveis táticas de enfrentamento às práticas de morte contra esses corpos. O objetivo é destacar a formação de novos saberes e identificar as narrativas que tensionam o conservadorismo por meio de “performances de (re)existências” e práticas de a(r)tivismo digital. Ao final, comprovou-se que há caminhos comunicacionais contemporâneos que desestabilizam normativas no país por meio de adaptações criativas, experiências de vida e visões de mundo próprias, bem como de “armas performativas” da linguagem que cultivam a construção de novos imaginários sobre os corpos.

Palavras-chave: Tesouras de gênero. Dissidências sexuais. Criadores de conteúdo. Cartografia. Ativismo digital.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Rafaela de Araujo Vieira de. A cartography through the “rust of gender scissors”: dissident performances and digital a(r)tivisms in post-mass media. 2024. 140f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This research seeks to investigate the “rust of gender scissors”, characterized in this dissertation as a process of changes in the Brazilian imagination regarding the male/female binary and the norms of heterosexual life. Therefore, the actions of four digital creators that encouraged debates in the public sphere in the year 2022, marked by the presidential election in Brazil, were mapped. They are: Bielo Pereira, Blogueira de Baixa Renda (Nathaly Dias), Esse Menino and Jonas Maria. The methodological strategy of an intersectional cartography combined with Performance Studies helped us to understand the online environment, the selected audiovisual production and its post-mass function, present on digital platforms such as YouTube and Instagram. Among other aspects, this media function operates across the planet, with a bidirectional flow of information (all-all) and in niches (LEMOS, 2010). We seek to understand how sexual and gender dissent are inserted in digital communities, mapping possible tactics for combating death practices against these bodies. The objective is to highlight the formation of new knowledge and identify the narratives that stress conservatism through “performances of (re)existences” and practices of digital a(r)tivism. In the end, it was proven that there are contemporary communication paths that destabilize regulations in the country through creative adaptations, life experiences and their own world views, as well as “performative weapons” of language that cultivate the construction of new imaginaries about bodies.

Keywords: Gender scissors. Sexual dissent. Creators. Cartography. Digital activism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Bielo Pereira em foto publicada em outubro de 2022.....	18
Figura 2 - Blogueira de Baixa Renda em março de 2023.....	20
Figura 3 - Esse Menino como jurado de <i>Drag Race Brasil</i>	21
Figura 4 - Jonas Maria em abril de 2023.....	22
Figura 5 - Conexões do mapeamento e as chaves de interpretação.....	28
Figura 6 - Pesquisa da Nielsen aponta número de criadores em diferentes plataformas no mundo.....	34
Figura 7 - Igã e Mítico, do Podpah, na Forbes.....	38
Figura 8 - <i>Stories</i> do Jonas em 23/12/2022 e 20/12/2022, respectivamente.....	64
Figura 9 – <i>Story</i> do Instagram publicado em 1/11/2022.....	65
Figura 10 - Vídeo do Esse Menino do dia 28 de novembro de 2022.....	74
Figura 11 - Bielo Pereira entrevista a cantora Liniker na cobertura do Rock In Rio 2022.....	80
Figura 12 - Blô mostra surpresa para a família com a compra da casa própria.....	84
Figura 13 - Bar do Dudu, no Mercadão de Madureira.....	85
Figura 14 - “Mercadão de Madureira onde o Rio é mais carioca” Erro! Indicador não definido	
Figura 15 - Comentários do vídeo “quem define a SEXUALIDADE/GÊNERO de um PERSONAGEM?”.....	97
Figura 16 - “From Perifa” estampa camisa de Blô em parceria com marca Chico Rei.....	12020
Figura 17 - Esse menino com filtro para satirizar compra de Botox pelos militares.....	122
Figura 18 - Story do Instagram publicado em 16/08/2022.....	1244

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	O CRIADOR DE CONTEÚDO COMO O “ROSTO” DA COMUNICAÇÃO	30
1.1	Abordagem de conceitos e termos: por que “criadores de conteúdo”?	30
1.2	O quadro brasileiro de acesso, consumo e produção de conteúdo na internet..	31
1.2.1	<u>Panorama sobre criadores de conteúdo e usuários no Brasil</u>	33
1.3	O mercado de influência publicitária e a ideia do “eu-mercadoria”	35
1.3.1	<u>O papel da Dia Estúdio enquanto rede de conteúdo dissidente</u>	36
1.3.2	<u>O mercado de influência e publicidade no Brasil</u>	38
1.3.3	<u>Dados do mercado de influência brasileiro</u>	41
1.4	Percepções sobre a formação da esfera pública na contemporaneidade	42
1.4.1	<u>Percepção das práticas de violência a partir da vivência favelada</u>	45
1.4.2	<u>As narrativas do pânico anti-trans na esfera pública</u>	49
2	OS (NOVOS) IMAGINÁRIOS E AS PERFORMANCES DE (RE)EXISTÊNCIAS	54
2.1	O que entendemos como performance	56
2.2	O impacto da performatividade cisgênero na construção do “eu”	59
2.3	Mapeando pensamentos-performances	59
2.3.1	<u>O corpo intersexo, desestabilização e novas pedagogias sexuais e de gênero</u>	59
2.3.2	<u>Pensando imagens de gênero, essencialismos e a desidentificação</u>	63
2.3.3	<u>Os imaginários a partir da moda favelada e da relação homoafetiva</u>	69
2.3.4	<u>Esse Menino, a subversão do monstro e a reivindicação das bichas</u>	73
3	A ORALITURA DISSIDENTE NO ENFRENTAMENTO ÀS NECROPOLÍTICAS	77
3.1	A ênfase das mudanças como fenômeno em curso: a última geração “dos únicos”	78
3.2	O “papo reto” da Blogueira de Baixa Renda com a estetização da vida	81
3.3	O humor de Esse Menino como arma performativa na subversão das práticas de violência	87
3.4	Pensando narrativas que conectam a cultura pop às vivências dissidentes	93
4	A(R)TIVISMOS DIGITAIS: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E	101

	ATUAÇÃO PELAS TELAS.....	
4.1	A complexidade do artivismo em plataformas controladas por oligopólios...	101
4.2	Causa negra, trans e gordoativismo: o artivismo interseccional de Bielo Pereira.....	103
4.2.1	<u>O gordoativismo de Bielo, a patologização e os imaginários.....</u>	105
4.3	As andanças de Jonas Maria, reflexões coletivas e o a(r)tivismo desobediente.	106
4.4.	Alteridade, transgressões faveladas e direito à cidade nas vivências da Blô.....	112
4.5.	Esse Menino contra um líder em declínio: rapidez, o deboche e escracho humorístico.....	119
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
	REFERÊNCIAS.....	134

INTRODUÇÃO

Nossas formas de existir no mundo podem ser moldadas por atores diversos, sejam eles a cultura, política, religião, mídia e tecnologia. Com relação aos processos comunicacionais, entendemos que a cultura digital viabiliza novas formas de troca de informação, com mais dinamismo e velocidade. Nos estudos de André Lemos (2010) sobre o impacto dessas possibilidades na mobilidade urbana, encontramos as mídias de função pós-massiva como representativas de um enriquecimento da paisagem comunicacional.

Tal função midiática se caracteriza, de acordo com o autor, como aquela em que o polo de emissão da informação é flexibilizado e descentralizado territorialmente, espalhando-se pelo planeta. Segundo ele, os fluxos comunicacionais são, na maioria das vezes, bidirecionais (todos-todos). Compreendendo que mídias com essa função não agem por hits, mas por nichos, Lemos (2010) indica que o produto da comunicação passa a ser mais personalizável. Ainda há a possibilidade de que o “criador” desse produto tenha maior domínio de todo o processo comunicacional, podendo criar uma comunidade de usuários e estabelecer vínculos abertos entre eles.

Pensando que o cenário sociopolítico brasileiro vem passando, nos últimos anos, por uma ascensão rápida de grupos conservadores radicais (FERNANDES et al., 2022), aos quais produzem e estão envolvidos numa *mediação gore* (FELINTO e GRUSIN, 2022)¹, percebemos que esse enriquecimento da paisagem comunicacional é formado por movimentações ambíguas e polarizadas. Ao mesmo tempo, vivenciamos o florescimento acentuado de práticas artivistas nas quais as dissidências sexuais e de gênero têm protagonismo e um engajamento que “é necessariamente um tema de resistência, dissidência ou dissenso” (ROCHA e RIZAN, 2022, p. 127).

Tendo isso em vista, voltaremos o nosso olhar para criadores de conteúdo digital brasileiros com a particularidade de atuarem no “nicho de minorias” como parte da expressão e visibilidade de suas dissidências sexuais e de gênero. Serão eles: Bielo Pereira, Blogueira de Baixa Renda (Nathaly Dias), Esse Menino e Jonas Maria. As histórias de vida, identificações, linguagens e pensamentos desses quatro sujeitos de pesquisa nos encaminham para a trilha das performances de (re)existências e dos a(r)tivismos digitais.

O “enferrujar” das “tesouras de gênero”

¹ Donald Trump e Jair Bolsonaro se utilizaram da técnica de *mediação gore*, na qual a mídia é usada para perpetuar a “violência afetiva e encarnada”. Autoritários com políticas neofascistas, eles tiveram as redes sociais como agentes do terrorismo e da violência psicológica e fisiológica (FELINTO e GRUSIN, 2022, p. 47).

A expressão “tesouras de gênero” se refere, nesta pesquisa de dissertação, aos muitos protocolos de performance do que é ser mulher e ser homem na sociedade brasileira, os quais metaforicamente cortam (ou tentam cortar) possibilidades de existências dissidentes. Isto é, refere-se aos protocolos que nos “podam” a todo instante, sob a égide de valores morais, regras e papéis sociais dos rótulos socio-culturalmente construídos de feminino e masculino, mulher e homem, menina e menino.

Nos inspiramos na ideia trazida pela *drag queen* Bianca DellaFancy, que publicou um vídeo no YouTube a respeito do assunto. No conteúdo intitulado “Sua vida não será a mesma” (2019)², a artista brasileira conta que teve uma trajetória de vida moldada por “tesouras sociais”, que lhe impuseram uma “timidez inventada”. Segundo ela, o momento de *insight* e autorreconhecimento aconteceu no início da fase adulta, quando começou a experienciar a arte *drag queen*.

Ao “se montar”, ou seja, ao performar outro gênero (neste caso, o feminino), Bianca se viu com a corporalidade alterada. Isto materializou e motivou uma transformação comportamental no modo de andar, vestir-se e até de falar. Ao contar sua história, a artista e criadora de conteúdo na internet relatou entender a existência dessas “tesouras de gênero” desde a infância, quando era hostilizada na escola por “andar como menina”, não poder chorar e ter que “falar grosso”, por exemplo. Para ela, a arte *drag* atuou como um caminho que contemplasse a possibilidade de se expressar enquanto homem cisgênero gay visto como “afeminado”.

A experiência de “poda” não se restringe à vivência de Bianca DellaFancy. De forma geral, entendemos que todos nós estamos submetidos a códigos de feminilidade e masculinidade baseados numa lógica binária e cisheteronormativa de existência. Mais especificamente os grupos minoritários, como as mulheres e pessoas LGBTQIAP+³, passam por silenciamentos no seio desses comportamentos ritualizados, que distinguem até o que seriam “brinquedos de menino” dos “brinquedos de menina”.

As violências que surgem por meio destas “tesouras de gênero” são complexas e bem introjetadas, pois fazem parte de um contexto ainda mais abrangente. Na visão de S. Valencia (2010), especialmente os países da América Latina experienciam o projeto neoliberal do

² Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wUyyf_OV4ek. Acesso em: 11 jan. 2024.

³ A sigla corresponde à abreviatura das palavras: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, *queer*, intersexo, assexuais e pansexuais. Trata-se de um termo vivo, que pode ser escrito com mais ou menos letras, já que não há uma convenção sobre sua forma exata. Até por essa razão, a sigla possui o símbolo de “+”, que representa uma continuidade de identidades de gênero e/ou orientações sexuais dentro do movimento de minorias sociais.

“*capitalismo gore*”, em que as bases do nosso sistema se tornam sangrentas e necropolíticas⁴ não apenas em relação às formas de organização do trabalho e à comercialização de ilícitos, mas também pelos sistemas de simbolização cultural que reafirmariam narrativas coloniais e ficções políticas vinculadas ao consumo, binarismo de gênero, migração de povos, entre outros aspectos.

Seguindo o pensamento da autora mexicana, o *Capitalismo Gore* se caracteriza como um sistema de derramamento de sangue, justificado como 'um preço a pagar' pelas ex-colônias que se agarraram à lógica do neoliberalismo. Há uma introdução frenética desses ideais pelo nosso sistema econômico, que se liga intimamente à validação da ascensão social do indivíduo e da espetacularização da violência. Nesse sentido, a investigação de S. Valencia também reflete sobre o uso predatório dos corpos de devires minoritários e a normalização da morte, com a qual dialogaremos ao longo deste estudo.

Para a metáfora e imagética do “enferrujar”, nos valem das ideias de Paul B. Preciado, que aponta para a crise da epistemologia binária e hierarquizante de gêneros. Para o autor transfeminista, na década de 1940, não só os movimentos de contestação das minorias dissidentes estavam em voga, mas também foi quando surgiram “novos dados morfológicos, cromossômicos e bioquímicos que tornaram a atribuição binária do sexo ao menos conflituosa, se não impossível” (PRECIADO, 2022, p. 47).

Sobre essas mudanças, o autor afirma:

A epistemologia da diferença sexual foi abalada por mudanças profundas, e vai dar lugar, provavelmente nos próximos dez ou vinte anos, a uma nova epistemologia. Os novos movimentos transfeministas, queer e antirracistas, mas também as novas práticas de filiação, de relações amorosas, de identificação de gênero, de desejo, de sexualidade, de nomeação são indícios dessa mutação e das experimentações na fabricação coletiva de uma outra epistemologia do corpo humano vivo (PRECIADO, 2022, p. 47).

Por vezes, as pessoas que se “desviam” das regras impostas por esse sistema binário conseguem se reconhecer e compartilhar experiências e vivências dissidentes. Nesse sentido, sugerimos que as narrativas elaboradas por dissidentes sexuais e de gênero desafiam estruturas autoritárias já consolidadas pelo Estado e pelas dinâmicas socioculturais, bem como tensionam imaginários e discursos que são construídos a partir dos ideais normativos.

Ou seja, essas pessoas promovem um movimento de recusa de práticas necropolíticas e articulam novos saberes que reforçam o autorreconhecimento e as identificações cambiantes. Isso ocorre, em parte, pela possibilidade de conexão entre os usuários e novos

⁴ No sentido preconizado por Achille Mbembe (2016), a necropolítica e o necropoder correspondem às novas formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte, instaurando “mundos de morte” nos quais as populações são submetidas ao status de “mortos-vivos” e a tecnologias de massacre.

movimentos a(r)tivistas nas redes sociais. Os criadores de conteúdo dissidentes ocupam então espaços digitais reafirmando que é possível falar do jeito que fala e andar do jeito que anda, além de “enferrujar tesouras” que podam e matam pessoas que fogem ao binarismo de gênero e (cis)heteronormatividade⁵.

De que violências e práticas de morte estamos falando?

Para Butler (2019), a violência é um modo de vida que faz parte da nossa vida física. No entanto, a autora compreende que as vidas são apoiadas ou mantidas num regime no qual o Estado dita quem deve (ou não) morrer. Nesse sentido, ela assume que a precariedade da vida e os corpos vulneráveis estão distribuídos de forma desigual. Logo, alguns grupos serão mais violentados que outros.

Quando não se torna pública certa imagem de morte, quando o nome do morto não é pronunciado, ocorre uma desrealização da violência. Por isso, nem todos os que sobrevivem têm o direito de reconhecer seus mortos. Numa dimensão coletiva, lutamos por corpos que não são apenas nossos, mas que se relacionam conosco de alguma maneira.

O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao toque e à violência, e os corpos também ameaçam nos transformar na agência e no instrumento de tudo isso. Embora lutemos por direitos sobre nossos próprios corpos, os próprios corpos pelos quais lutamos não são apenas nossos. O corpo tem sua dimensão invariavelmente pública. Constituído como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu (BUTLER, 2019, p. 46).

Fora as práticas mencionadas anteriormente acerca da construção binária de gênero e vida heteronormativa, as pessoas dissidentes recebem o estatuto de “*outro*” ao serem consideradas divergentes do *establishment*. Principalmente homossexuais, pessoas trans e travestis foram/são historicamente animalizadas, vistas como corpos abjetos, ameaças ou pessoas doentes em diferentes contextos.

Um retrato disso é que, somente durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, em maio de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou oficialmente a categoria da transexualidade: de “transtorno mental” passou a ser considerada uma “condição relacionada à saúde sexual”. Apesar da mudança, a medicina continua praticando violências simbólicas e físicas ao persistir na estigmatização e patologização de corpos transgêneros.

⁵ A (cis)heteronormatividade pode ser entendida como o conjunto de regras fundadas partir da suposta coerência entre sexo biológico, gênero, desejo e prática sexual e que é violentamente imposto a todos, mesmo àqueles que não são cisgênero e/ou heterossexuais. Isto é, a cisheteronormatividade se institui como o modelo de vida ideal (COLLING, 2018a).

Atualmente, a OMS caracteriza a transexualidade como uma “incongruência de gênero”. O título consta na 11ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11)⁶, documento da organização cuja versão final foi publicada em 11 de fevereiro de 2022.

No Brasil, em abril de 2019, o Supremo Tribunal Federal proibiu a prática de “reversão sexual” – conhecida popularmente como “cura gay”. Com a decisão, profissionais da psicologia não podem oferecer qualquer “tratamento para a homossexualidade” no país. Este é um dos assuntos que toca Paul B. Preciado (2022), um homem trans de corpo não-binário.

Também em 2019, o filósofo fez um discurso para psicanalistas na Jornada Internacional da Escola da Causa Freudiana em Paris, cujo tema era “Mulheres na psicanálise”. Sua fala se transformou no livro *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas* (2022), no qual ele critica a epistemologia da diferença sexual e o tratamento psicanalítico de pessoas trans enquanto “portadores de uma disforia de gênero”.

Nas décadas de 80 e 90, a epidemia da Aids foi rotulada a partir do discurso midiático como a “peste gay”, criando um imaginário histórico sobre a doença como um “mal exclusivo aos homossexuais” que reforça a precarização dos corpos dessa população, bem como a noção de ameaça. Para parcela da população mundial, a doença foi encarada como uma forma de punir esses homens cuja sexualidade não era heterossexual.

Não só a doença é representada como a “doença gay”, mas na reação histórica e homofóbica da mídia à doença registra-se a construção tática de uma continuidade entre o status poluído do homossexual, em virtude da violação de fronteiras que é o *homossexualismo*, e a doença como modalidade específica de poluição homossexual. O fato de a doença ser transmitida pela troca de fluidos corporais sugere, nos gráficos sensacionalistas dos sistemas significantes homofóbicos, os perigos que as fronteiras corporais permeáveis representam para a ordem social como tal (BUTLER, 2003, p. 189).

Em menor nível, a mesma falácia começou a ser reproduzida em relação aos casos de infecção da Monkeypox⁷ em 2022 no Brasil. De acordo com a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), embora a doença não seja uma IST (Infecção Sexualmente Transmissível), a alta prevalência entre homens que fazem sexo com homens nos primeiros diagnósticos daquele

⁶ Disponível em: <https://shre.ink/UdP3>. Acesso em: 12 nov. 2023.

⁷ Monkeypox é uma doença causada por um vírus da mesma família do vírus da varíola humana.

ano “motivou manifestações de autoridades que chegaram a aconselhar a redução do número de parceiros sexuais para esse grupo”⁸.

Além dos discursos da medicina, as violências simbólicas se manifestam ainda pela invisibilidade das dissidências sexuais e de gênero nos levantamentos elaborados por órgãos nacionais e internacionais sobre essas populações. A lacuna de estudos consistentes a respeito das condições de vida desse grupo no Brasil acaba por explicitar o apagamento de sua existência enquanto cidadãos dotados de direitos.

Ao falarmos de violência física, é recorrente que nos deparemos com a baixa expectativa de vida de pessoas trans no país, que chegam na faixa dos 35 anos de idade. O dado ainda é controverso, tendo em vista que não há pesquisas sistemáticas de órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, que corroborem ou neguem a estatística. Essa estimativa é um resultado obtido pela Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), que reúne relatórios para a investigação com base nas idades das vítimas de violência registradas anualmente no Brasil⁹.

A faixa etária pode não ser representativa das condições de vida da população trans brasileira, já que não se sabe o total de pessoas transgêneros no país. Por sua vez, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023 traz alguns dados sobre os crimes cometidos contra a população LGBTI+ em 2022, incluindo homofobia, transfobia, lesão corporal, homicídio e estupro.

O relatório se baseia em informações fornecidas por órgãos oficiais de segurança pública, tais como as secretarias de segurança pública estaduais e polícias civis, militares e federal. Ele é elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), uma organização não-governamental e sem fins lucrativos, integrada por pesquisadores, cientistas sociais, gestores públicos, policiais, operadores da justiça e profissionais de entidades da sociedade civil.

Segundo o levantamento, o Brasil registrou 2.324 casos de lesão corporal contra pessoas LGBTQI+ em 2022 (13,4% a mais que no ano anterior). No mesmo ano, também houve 163 homicídios dolosos (7,4% a menos que em 2021) e 199 estupros (o mesmo que em 2021). Vale mencionar que os estados do Acre, Maranhão, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul

⁸ Informações retiradas de uma reportagem online sobre o assunto, do dia 19 de agosto de 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/corremos-o-risco-de-repetir-com-monkeypox-o-estigma-da-aids-alerta-historiadora>. Acesso em: 12 nov. 2023.

⁹ Dados referentes ao Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2022 Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2023.

e São Paulo não entraram na contabilização por falta de informações disponíveis (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 106).

Devemos pontuar que, tanto a Antra quanto o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, enfrentam a alta subnotificação dos casos – que podem não ter sido enquadrados corretamente ou nem terem sido denunciados.

Quanto aos dados referentes a LGBTQIA+ vítimas de lesão corporal, homicídio e estupro, seguimos com a altíssima subnotificação. Como de costume, o Estado demonstra-se não incapaz, porque possui capacidade administrativa e recursos humanos para tanto, mas desinteressado em endereçar e solucionar. Em função disso, permanece fundamental comparar os dados oficiais aos produzidos pela sociedade civil, nas figuras dos relatórios anuais da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e do Grupo Gay da Bahia (GGB), que seguem contabilizando mais vítimas que o Estado, mesmo dispondo de menos recursos que a máquina pública. A ANTRA contabilizou 131 vítimas trans e travestis de homicídio (BENEVIDES, 2023). O GGB contabilizou 256 vítimas LGBTQIA+ de homicídio no Brasil (MOTT et al., 2023). O Estado deu conta de contar 163, 63% do que contabilizou a organização da sociedade civil, demonstrando que as estatísticas oficiais pouco informam da realidade da violência contra LGBTQIA+ no país (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 114).

Em 2023, o IBGE anunciou que vai, pela primeira vez, estimar o tamanho da população trans, travesti e não binária do Brasil. A medição ocorrerá por meio da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde, iniciada no mês de outubro, que pretende visitar 133 mil domicílios em mais de 2.500 municípios do país. Para o levantamento, serão perguntadas a identidade de gênero (nas opções mulher, mulher trans, homem, homem trans, travesti, não binário, outros) e orientação sexual (nas opções lésbica, gay, heterossexual, bissexual, outros). Segundo o Instituto, haverá uma breve explicação sobre os termos para os entrevistados, que ainda podem optar por não responder. Os resultados devem ser divulgados no último trimestre de 2024.

Questões da pesquisa: recorte, objeto, hipóteses e objetivos

Para delimitar o corpus de pesquisa, pretende-se cartografar a atuação de quatro criadores dissidentes cuja produção audiovisual fomentou, de alguma maneira, debates na esfera pública brasileira no ano de 2022, marcado pela eleição presidencial entre Lula e Jair Bolsonaro. A escolha por Bielo Pereira, Blogueira de Baixa Renda (Nathaly Dias), Esse Menino e Jonas Maria tentou priorizar diferentes expressões de gênero, orientações sexuais, histórias de vida e contextos sociais. A seguir, faremos uma breve apresentação de cada um deles.

Bielo Pereira [figura 1] é apresentadora, empresária e militante gordoativista paulistana, que também pauta o empoderamento de pessoas negras e a luta contra a

LGBTQIAP+fobia. Começou a produzir conteúdo para a internet entre os anos de 2017 e 2018, ao ter encontrado no movimento *body positive*¹⁰ seu nicho no ambiente digital.

Figura 1 – Bielo Pereira em foto publicada em outubro de 2022



Fonte: foto retirada do Instagram @hellobielo pela autora em 12/05/2023

Autodeclara-se transgênero, com a especificidade de ser bigênere (aspecto da não-binariedade, dentro do ‘guarda-chuva’ trans, que se identifica com os gêneros masculino e feminino ao mesmo tempo, o tempo todo) e também intersexo (termo ‘guarda-chuva’ que abarca pessoas que possuem características biológicas que corresponderiam tanto ao masculino quanto ao feminino). A criadora de conteúdo tem a imagem e estética mais assimilada ao que se entende como “feminino” e prefere ser nomeada pelos pronomes ela/dela.

Por si só, o corpo de Bielo coloca em xeque o binarismo de gênero ao materializar uma força contestatória sobre o imaginário popular brasileiro acerca do que é considerado mulher ou homem. Além disso, sua corporalidade questiona o padrão de beleza magro, o que também está presente discursivamente em sua atuação enquanto gordoativista. Ela é engajada em diferentes plataformas digitais, com perfil no Instagram, TikTok e um canal no YouTube.

¹⁰ *Body positive* é um movimento de contestação de padrões corporais e estéticos, bem como de aceitação e exaltação de diferentes tipos de corpos – seja em relação ao tamanho, à forma, tom de pele, condições de pele (como o vitiligo), tipo de cabelo, gênero, idade, deficiência ou habilidade física.

Para esta cartografia, mapearemos as participações em podcasts e *videocasts* (podcasts em vídeo) no ano de 2022.

A Blogueira de Baixa Renda (Nathaly Dias) [figura 2] é uma criadora de conteúdo que tem a questão de classe como tema central. É carioca e moradora do Morro do Banco, uma comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro. Autodenominava-se como pansexual até terminar um longo relacionamento heterossexual e, em 2022, começar a se relacionar com uma mulher. Quando questionada por um seguidor sobre sua sexualidade, ela disse estar repensando sua identidade enquanto mulher cisgênero lésbica.

Nas descrições das plataformas digitais, “Blô” afirma que faz humor, critica o sistema e transforma o mundo sob a perspectiva de uma mulher favelada em ascensão. Ela flutua sobre diversos modos de se vestir e agir, reivindicando espaços de visibilidade não só no ambiente digital, como em sua ocupação pela cidade, onde ressalta a potente contribuição cultural e cidadã dos favelados. Veremos que ela não se restringe aos estereótipos de classe (atribuídos aos moradores de favela) e de feminilidade (atribuídos às mulheres lésbicas) por meio de uma estética *remix* (ROCHA e POSTINGUEL, 2017)¹¹.

¹¹ Ao estudar as políticas de visibilidade e estética ativista da cantora *drag* Pablo Vittar, Rocha e Postinguel (2017) indicam o mix da trajetória pessoal e sua práxis artística, que se apresenta pelo imbricamento de experiências subjetivas de alteridade e insurgência, expressões e novas politicidades de gênero e sexualidade em meio ao entretenimento “poplítico”. Consideramos que a Blogueira de Baixa Renda se aproxima dessas características na criação de conteúdo na internet, sobretudo em seus vídeos no YouTube.

Figura 2 - Blogueira de Baixa Renda em março de 2023



Fonte: foto retirada do Instagram @blogueiradebaixarenda pela autora em 19/10/2023

Esse Menino [figura 3] é um humorista mineiro, atualmente domiciliado em São Paulo. É um homem cisgênero homossexual que, além de produzir seus próprios espetáculos de comédia, apresentar e participar de alguns programas de TV, ganhou maior notoriedade por meio dos vídeos publicados em seu perfil no Instagram (@essemenino) em 2021. Em 2023, ele participou como jurado de um dos episódios da primeira temporada de *Drag Race Brasil*, *reality show* de competição de *drag queens*. O programa faz parte da franquia de Rupaul's Drag Race, criado e apresentado por Rupaul Charles. O humorista brasileiro disse ter realizado o sonho de “participar do reality mais vi4do da história!”¹².

¹² É importante salientar que o reality não é integrado exclusivamente por homens cis homossexuais, mas também por artistas transgênero (homens, mulheres e não-binários). Além disso, já houve a presença de um competidor cis heterossexual (Maddy Morphosis), na 14ª temporada da franquia estadunidense.

Figura 3 - Esse Menino como jurado de *Drag Race Brasil*



Fonte: foto retirada do Instagram @essemnino pela autora em 19/10/2023

Os temas mais recorrentes abordados pelo criador de conteúdo são relativos à política e sexualidade, com uma linguagem caracterizada pela ironia, deboche e humor. Em sua construção humorística, ele costuma atuar pelo “escracho” e zombaria ao se apropriar de narrativas conservadoras para subvertê-las, utilizando estigmas atribuídos aos gays com o intuito original de depreciá-los (como o modo de falar e gesticular “afeminados”). Há, portanto, uma ressignificação desses símbolos e apropriação da identidade “bicha”.

Jonas Maria [figura 4] é um homem transgênero, escritor e criador de conteúdo. Os temas que aborda giram em torno das questões de gênero e transexualidade, ao mostrar sua rotina, experiências de leitura e hormonização com a testosterona, medicamentos para alteração de voz, crescimento de barba etc. Ele é mineiro e mora em São Paulo com a companheira Nátaly Neri, que também produz conteúdos digitais.

Entre suas iniciativas, Jonas realiza um clube de leitura mensal com seguidores e integra o Degenerados, podcast lançado em temporadas nos *streamings* de áudio. Ele hospeda parte de suas reflexões no YouTube, onde mapearemos o conteúdo produzido em 2022, além de incluir alguns registros de postagens do seu perfil no Instagram. Nos vídeos, o criador de conteúdo questiona discursos de ódio e premissas dos movimentos “anti-trans”, com leituras

próprias embasadas em autores também transgêneros, além de estabelecer conexões entre a cultura pop e a vivência trans.

Figura 4 - Jonas Maria em abril de 2023



Fonte: foto retirada do Instagram @jonasmariia pela autora em 19/10/2023

Além desses marcadores, é importante salientar que também os escolhemos pelos seus estilos variados de conteúdo, em que exercem “funções” diferentes. Por exemplo, os conteúdos de Bielo Pereira foram retirados de canais de terceiros, em que atuou como coapresentadora/entrevistadora ou entrevistada. Já a Blogueira de Baixa Renda produziu *vlogs* (estilo de vídeo que mostra ações cotidianas) do seu dia a dia com a família e como moradora de uma favela no Rio de Janeiro.

Esse Menino, por sua vez, elaborou vídeos rápidos de poucos minutos, em que debateu acontecimentos políticos por meio do humor. Ao contrário do humorista, Jonas Maria publicou conteúdos mais aprofundados e com temáticas densas, além de trazer referências acadêmicas, seja para comentar filmes, séries, debates da internet ou casos noticiados na imprensa.

Nosso problema de pesquisa caminha para entender: diante das suas dissidências sexuais e de gênero, como esses criadores de conteúdo produzem táticas de enfrentamento em relação às práticas e políticas de morte no Brasil por meio da função pós-massiva (LEMOS,

2010)? Na internet, consideramos que estes atores estão em constante interação, criando vínculos nas práticas cotidianas.

Para esta investigação, tentaremos visualizar formas de sentir, pensar, existir e criar que se constituem por meio de insurgências (re)inventadas no cotidiano através de práticas de (re)existências (FERNANDES et al., 2022). A partir disso, busca-se compreender como os criadores de conteúdo e seus “pensamentos-performances” agem tensionando agressões naturalizadas sobre gênero e sexualidade no Brasil.

Nos valemos ainda da dimensão transnacional da comunicação e da noção de dinâmicas culturais pós-periféricas. Estas buscam “ampliar e pensar as situações de imbricamento (para o bem e para o mal) de práticas e imaginários, não pela via territorial, mas pela via simbólica” (ROCHA, SILVA e PEREIRA, 2015, p. 101).

Ao delimitar os sujeitos de pesquisa, entendemos ser positivo e enriquecedor para a cartografia o fato de que alguns deles não levam as questões de gênero e sexualidade como foco narrativo. Ainda assim, os criadores de conteúdo não são dissociados de suas dissidências, porque aprendemos e transmitimos conhecimento por meio da ação corporificada (TAYLOR 2013; 2023).

Nesta pesquisa, nossa principal hipótese é a de que os criadores de conteúdo fazem performances de (re)existências com suas dissidências sexuais e de gênero nos conteúdos pós-massivos. Além disso, também sugerimos que, mesmo que não se considerem militantes, eles constroem a(r)tivismos digitais nas plataformas em que atuam.

Também gostaríamos de analisar se os criadores de conteúdo selecionados contribuem para a construção de novos saberes sobre gênero e sexualidade, o que geraria mudanças no imaginário brasileiro acerca dessas questões. Em relação à linguagem, outra hipótese a ser trabalhada é a de que artifícios como o humor, ironia e deboche atuam como “armas performativas” em suas produções.

Portanto, o objetivo geral da pesquisa é identificar as narrativas que tensionam, em algum nível, as noções de gênero e sexualidade no Brasil por meio da função pós-massiva como parte da formação de novos saberes e imaginários. Para isso, será observado o modo como os conteúdos digitais “enferrujam” as “tesouras de gênero” (os discursos normativos), relacionando as suas temáticas às discussões cotidianas presentes no imaginário popular e esfera pública contemporânea.

Como um estudo empírico e qualitativo, traçaremos alguns objetivos para dar conta de elaborar perguntas e talvez dar algumas respostas acerca dos caminhos que estamos mapeando, cartografando.

Como objetivos específicos, queremos:

- a) Entender a adaptação criativa, de posicionamento ou releitura sobre os debates que aparecem nas discussões públicas. Ou seja, entender como os criadores de conteúdo interpretaram assuntos e acontecimentos e os colocam nas plataformas digitais.
- b) Visualizar a potência das táticas linguísticas utilizadas pelos criadores de conteúdo, buscando identificar quais foram as “armas performativas” utilizadas. Isto é, quais foram os artifícios semânticos e simbólicos que subverteram lógicas de violência.
- c) Compreender como a performance das dissidências sexuais e de gênero foi estabelecida nesses conteúdos, construindo (ou não) a(r)tivismos digitais.

Nota-se, por meio da breve descrição dos criadores de conteúdo, a multiplicidade de temáticas e estilos de produção audiovisual conectada à abertura de diálogos entre grupos de devires minoritários – no caso desta pesquisa, os de gêneros e sexualidades dissidentes, os quais vivenciam no corpo e como forma de trabalho o fenômeno inédito da produção, publicação e circulação de informação em tempo real, sob diversos formatos e por meio da colaboração em rede.

Portanto, nos valem do conceito de função pós-massiva das mídias, categorizado por André Lemos em “Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade” (2010), para mapear narrativas compartilhadas em ambiente digital. A ideia é utilizar o método de pesquisa da cartografia para investigar a atuação dos conteúdos e seus criadores em seus múltiplos movimentos e significantes. Para isso, consideramos importante nos arrastar “como uma formiga, carregando seu pesado equipamento para estabelecer até o mais insignificante dos vínculos” (LATOURE, 2012, p. 46).

Ferramentas e estratégias metodológicas da cartografia social

Como método de pesquisa, a cartografia é como um mapa aberto, que busca mapear territórios existenciais de maneira interdisciplinar, sem fazer uma delimitação objetiva. Ou seja, é uma forma de pensar as subjetividades que se criam e se transformam nos modos de vida, nas produções de realidades. Não se trata de um mapa tradicional como propõe a Geografia, mas se aproxima de diagramas com uma topologia dinâmica e desenho de linhas de força (PRADO FILHO e TETI, 2013)

A partir das ideias de Deleuze e Guattari (1995; 1996; 1997), entendemos alguns princípios de uma pesquisa com intenção cartográfica. Os autores questionavam estruturas universais e transcendentais para explicar o mundo. Para eles, a realidade se faz no processo

de contínuas conexões, de agenciamentos. Seguindo esta premissa, tudo o que existe só é possível pelas tramas de conexão, com múltiplas entradas, pelas linhas que formam uma rede heterogênea (ou “rizomas”, no termo dos autores).

Tendo isso em vista, compreendemos que a cartografia não intenta representar um objeto de pesquisa, mas acompanhar o processo dos trajetos, arranjos e tramas que ativam produções de mundos ao redor dele. Essas linhas, portanto, indicariam “movimentos que traçam um mapa de intensidades e afetos no compor de territórios existenciais” (SIMONINI, 2019, p. 77). Mais do que uma metodologia, a cartografia exige que o pesquisador tenha uma atitude de investigação que ponha em xeque a noção de verdade absoluta e siga os “efeitos de verdade”.

[...] mais significativo que a ferramenta metodológica a ser utilizada é não se perder de vista de que a perspectiva de intenção cartográfica consiste em um movimento de pesquisa que em nada está comprometido com promessas de validação de realidade ou estabelecimento de verdades. Mais do que validar verdades, a proposta consiste em seguir efeitos de verdade que validam determinada produção circunstancial de constâncias que chamaremos de real (SIMONINI, 2019, p.81-82).

Enquanto procedimento de pesquisa em comunicação, a cartografia é desafiadora porque “não oferece regras definidas por antecedência, um roteiro definido e fixo ou um método estabelecido de trabalho” (ROSÁRIO e COCA, 2018, p. 37). Pensando nisso, há um certo caráter experimental e imprevisível no ato da pesquisa cartográfica, no qual nos colocamos a conhecer o objeto nos deixando ser afetados e atravessados por suas movimentações ao longo de sua investigação.

Autores como C. Fernandes e M. Herschmann empreendem pesquisas com a cartografia nas territorialidades urbanas do Rio de Janeiro. Segundo eles, alguns pesquisadores entendem a metodologia cartográfica como:

[...] um conjunto de procedimentos de pesquisa por meio dos quais se busca contemplar e conferir destaque às diferentes narrativas presentes (considerando inclusive as fabulações que alimentam os imaginários locais), isto é, como um protocolo de investigação que promove a polifonia e que tenta investir na enorme riqueza social presente nos diferentes contextos (FERNANDES e HERSCHMANN, 2015, p. 297).

Atentando para o social, que se faz justamente por redes sociotécnicas complexas formadas pelos múltiplos atores (LATOUR, 2012), a ideia é não perder de vista os agenciamentos e as formas de circulação (movimentação) das ações que envolvem os assuntos tratados nos conteúdos digitais, seus criadores e interlocutores. Quanto aos produtores de conteúdo, reiteramos a escolha pela cartografia como método de investigação pelo seu aspecto coletivo, no qual os sujeitos de pesquisa não são “informantes”. Eles são

atores ativos na construção do conhecimento (construir-com) no estudo a ser realizado (ROSÁRIO e COCA, 2018).

Olhando a característica movediça das ações, o trabalho do cartógrafo compreende a necessidade de uma observação cuidadosa do objeto de estudo. Portanto, cada cartografia corresponde a uma paisagem original, em que se fazem presentes um contexto específico, o olhar do pesquisador e a “escolha de “como viver” a eleição de critérios a partir dos quais os grupos sociais se reinventam continuamente” (FERNANDES e HERSCHMANN, 2015, p. 299).

Conforme Martín-Barbero (2004), a cartografia como metodologia possibilita certa inventividade de análise da vida em que é possível visualizar os pormenores ao dissolver fronteiras. Para ele, nossa episteme encontra hoje a figura dos arquipélagos, um lugar de diálogo e confrontação entre as múltiplas terras-ilhas que os entrelaçam. Ou seja, “pensar o arquipélago é, então, indagar o novo tipo de logos que interconecta o diverso” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 13). O autor empreendeu estudos cartográficos rejeitando mapas sínteses, mas partindo das margens para explorar zonas da realidade cotidiana outrora inalcançáveis ou invisíveis.

A proposta deste estudo é olhar para o presente e as dinâmicas de subjetividade envolvidas por novas relações e práticas discursivo-existenciais.

A produção política da subjetividade é um dos focos centrais e estratégicos da análise cartográfica, implicando uma atenção especial a jogos de verdade e de enunciação, jogos de objetivação e subjetivação, modos de sujeição e assujeitamento, produção de corpos morais, sexuais, produtivos, estetizações e produções de si mesmo, formas de resistência, práticas de liberdade (PRADO FILHO e TETI, 2013, p. 56).

Dessa forma, o mapa dos conteúdos publicados em 2022 pelos quatro criadores escolhidos não pretende ser fixo nem livre de instabilidades, mas propõe uma descrição detalhada dos aspectos particulares que permearam suas atuações. Em eventos dinâmicos, em meio à produção para plataformas online, discursos de ódio e polarizações políticas no Brasil, a ambiência digital com narrativas dissidentes nos parece atrativa para um estudo cartográfico em que possivelmente conseguiríamos identificar facetas morais, culturais e sociais que podem ter sido tensionadas, de alguma maneira, pela atuação dos sujeitos de pesquisa.

A intenção é que a cartografia nesta pesquisa reúna marcadores sociais variados, tendo um olhar interseccional como uma das chaves de interpretação da comunicação dos criadores de conteúdo enquanto uma gramática que orienta a construção deste mapeamento. Na teoria preconizada por Kimberlé Crenshaw no final da década de 80, a autora aponta a relação entre as violações de direitos das mulheres e marginalização de mulheres negras.

O debate interseccional da questão ainda era incipiente, mas já configurava a materialidade social, seja no quadro de violência ou na falta de garantia de direitos civis e políticos das mulheres negras. Isto é, mesmo que já se discutisse a desigualdade de gênero entre homens e mulheres no início dos anos 90, a heterogeneidade do grupo “mulheres” não era amplamente considerada. Pelo contrário, a diferença das mulheres (principalmente racial) era ignorada pelas instituições de direitos humanos na análise de gênero (CRENSHAW, 2002).

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p.177).

Nesse sentido, salienta-se que as várias formas de hierarquia que estruturam a sociedade não são indissociáveis. Quando vistas *em relação*, elas não dizem respeito apenas às mulheres marginalizadas, mas também aos homens e demais pessoas marginalizadas – tendo em vista, por exemplo, que estereótipos racializados de gênero também são usados para racionalizar o linchamento de homens afro-americanos (CRENSHAW, 2002).

Assim como Crenshaw, entendemos que a interseccionalidade é uma importante lente teórico-metodológica. O reconhecimento de que as distinções sociais são interseccionais exige que analisemos o contexto de baixo para cima, como sugeriu a autora, e comparemos como políticas e práticas socioculturais moldam a vida das pessoas em níveis e formas diferentes, dependendo da combinação de fatores a que estão submetidas.

Outra chave de interpretação que nos auxiliará nesta cartografia é o estudo da performance, já que “como prática, a performance constitui um meio de comunicação, um fazer, e um fazer *com* e *para*. Como um ato de imaginação, a performance nos permite imaginar cenários e futuridades melhores” (TAYLOR, 2023, p. 185). Em certos contextos, poderíamos entender sua práxis como um estilo ou o reflexo imagético de ideias e valores – como D. Taylor exemplificou em relação às campanhas eleitorais. Segundo a pesquisadora, na política, a cena performática pode adquirir resultados na realidade material, invocando principalmente os afetos (anseios, preconceitos, esperanças etc.).

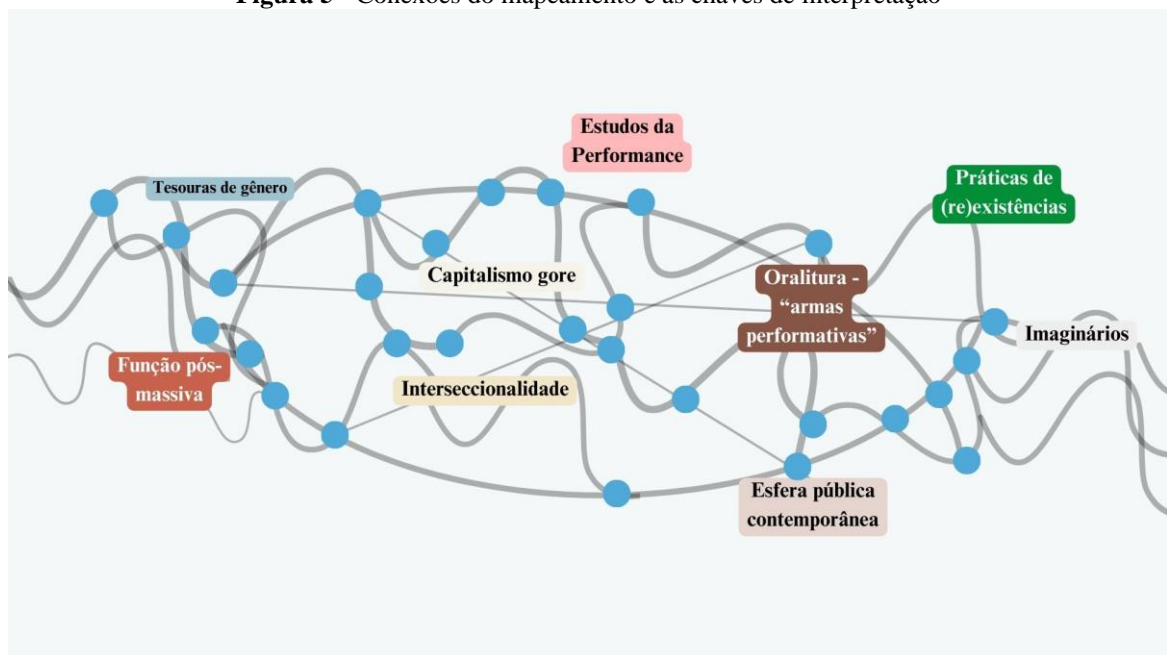
Nesse sentido, a performance atua como uma ferramenta metodológica para estudarmos as dissidências sexuais. Para isso, retomamos as ideias de Taylor (2013, 2023) quanto às tensões que aparecem nos atos performáticos que não seriam reconhecidas ou

capturadas em textos ou documentos escritos. Ainda incorporaremos as formulações de Martins (2021) sobre as performances orais, por meio da “oralitura”.

Para tal, concordamos “ser imperativo continuar reexaminando as relações entre a performance incorporada e a produção de conhecimento” (TAYLOR, 2013, p. 21). Nesta pesquisa, torna-se imprescindível mapear performances, a fim de compreender como a epistemologia heterocisnormativa e binária também pode ser modificada por meio de novas tecnologias e formas de comunicação.

Para visualização do método cartográfica e sua aplicação com as chaves de interpretação e lente teórico-metodológicas, montamos o mapa de tramas e arranjos a seguir [figura 5]:

Figura 5 - Conexões do mapeamento e as chaves de interpretação



Fonte: mapa criado pela autora em fevereiro de 2024

A fim de operacionalizar a cartografia, nos esforçaremos para dividi-la em capítulos com eixos temáticos, atendendo aos objetivos desta dissertação e costurando a atuação de cada um dos sujeitos de pesquisa ao longo de todo o mapeamento. O primeiro capítulo pretende situar o que são os criadores de conteúdo na contemporaneidade brasileira, pensando a atuação de nichos, influência, mercado publicitário e a relação com a esfera pública contemporânea.

Depois, no segundo capítulo, abordaremos a noção de performance como um campo de saber, com base nas contribuições de Diana Taylor, refletindo sobre a relação das dissidências e a atuação online dos criadores. Também gostaríamos de abordar a conexão de seus pensamentos a performances de (re)existências e a formulação de outros imaginários.

No terceiro capítulo, nos debruçaremos sobre performances orais dos criadores de conteúdo, mapeando como eles se comunicam em diferentes estilos e artifícios de linguagem. Assim, buscaremos apontar a potência semântica empreendida e resgatada por cada um por meio da “oralitura” (MARTINS, 2021), além de trabalhar a ideia de “armas performativas” como táticas de enfrentamento à violência.

Por fim, no quarto capítulo, adentraremos as recentes discussões no campo da comunicação sobre os ativismos. Assim, buscaremos compreender como estes fenômenos estão inseridos no ambiente digital no universo dos sujeitos de pesquisa. Queremos considerar ainda a dimensão estética e lúdica do ativismo contemporâneo.

A ideia é construir um caminho entre os capítulos com o diálogo entre os conteúdos selecionados e perspectivas teóricas de autores da comunicação, antropologia, sociologia, psicologia e áreas correlatas. Dessa forma, a disposição dos conteúdos não se dará seguindo uma cronologia linear, mas pela ligação aos diferentes temas propostos acima.

1. O CRIADOR DE CONTEÚDO COMO O “ROSTO” DA COMUNICAÇÃO

Este capítulo traz nuances, pesquisas e reflexões sobre os criadores de conteúdo no Brasil – como os nomeamos, como os usuários o acessam, o mercado de influência publicitária que cresce no país, entre outros aspectos. Em cada sessão, tentamos relacionar as discussões contextuais aos sujeitos de pesquisa cartografados. Ao final, debatemos sobre a conexão direta desses atores na esfera pública contemporânea, produzida e reproduzida nos ambientes digitais.

1.1. Abordagem de conceitos e termos: por que “criadores de conteúdo”?

Com a finalidade de esclarecer termos e conceitos a respeito dos sujeitos de pesquisa desta dissertação, seguiremos o pensamento de duas pesquisadoras que dialogam entre si e com a prerrogativa da função pós-massiva nos conteúdos digitais. Ao longo da última década, a antropóloga Crystal Abidin pesquisou aspectos que permeiam as culturas online, incluindo a ação dos chamados “influenciadores digitais” e as redes sociais digitais.

Em entrevista à Revista Intercom¹³, a pesquisadora explicou que os criadores de conteúdo para a internet tendem a ser encarados por suas qualidades e suas “histórias de origem”, que geralmente têm bastante relevância para o público. Isso acontece porque, de certa maneira, mostra-se que eles vieram do “povo” e são parecidos com seus seguidores; na expressão popular, “são gente como a gente”.

Segundo Abidin, ao compartilhar conteúdos com declarações emocionais, os criadores instauram certa equidade, o que gera um “efeito de igualização” que torna suas mensagens mais críveis (ABIDIN; KARHAWI, 2021). Assim, a “intimidade” que sentíamos com as celebridades da televisão, por exemplo, acaba sendo intensificada, refeita e atualizada. Além disso, seus estudos sobre as celebridades mostraram que há uma relação direta entre a construção de uma boa reputação do criador de conteúdo, sua visibilidade, monetização (com publicidades e/ou rendimentos nas plataformas) e a exposição da vida privada.

A autora afirma que é possível enxergar os criadores de conteúdo como “um produto da cultura popular. Isso significa que também podemos lê-los como um texto cultural popular na medida em que servem a muitos propósitos” (ABIDIN; KARHAWI, 2021, p. 294). Quanto às práticas de nomeação desses “profissionais da internet”, a antropóloga percebe o uso de

¹³ Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3883>. Acesso em: 28 out. 2023.

uma linguagem corporativa e um estilo de desempenho específico daqueles que atuam no YouTube e TikTok. Ou seja, termos como “youtuber” e “tiktokker” podem ser utilizados, conforme sua investigação, para os desassociar da “cultura dos influenciadores” – já que se entende a expressão “influenciador digital” como aquela que nomeia atuações mais abrangentes e multiplataformas (ABIDIN; KARHAWI, 2021).

Em sua avaliação, Abidin pontua que o rótulo “criador de conteúdo” é ainda mais amplo e, por isso, permite maior transitividade no mercado publicitário e na disputa de espaços midiáticos. Há uma profissionalização daqueles que reivindicam o uso do termo (ABIDIN; KARHAWI, 2021). Sob essa perspectiva, optamos por nomear os sujeitos de pesquisa ao longo da dissertação como criadores/produtores de conteúdo, já que todos têm, através das postagens, o exercício de uma profissão em diferentes plataformas.

A professora Issaaf Karhawi, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, também elaborou trabalhos a respeito do universo de produção de conteúdo digital. No artigo “Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão” (2017a), ela traçará um panorama histórico dos termos utilizados na nomeação de profissionais da internet no Brasil. Conforme sua investigação, no início, os blogs ganhavam espaço na navegação online e consolidavam os chamados “blogueiros”; ao mesmo tempo, também conhecíamos os “vlogueiros” ou “youtubers” na atuação no YouTube.

Posteriormente, utilizou-se no Brasil o termo “formadores de opinião”, sobretudo na mídia tradicional e no meio acadêmico. A partir de 2015, os termos “influenciador digital” e “criador de conteúdo” foram popularizados no país, principalmente após serem propagados pela YouPix (agência que presta consultoria no âmbito da *Creator Economy*).

Ao final, concordamos com as leituras de Abidin e Karhawi (2017a). Esta última indica que a jornada de construção e gerenciamento de uma carreira na internet se alinha à manutenção de uma reputação baseada na imagem, identidade e posicionamento do criador de conteúdo. Dessa forma, as empresas que contratam este profissional compram a própria dinâmica de nichos.

1.2. O quadro brasileiro de acesso, consumo e produção de conteúdo na internet

Para Lemos (2010), as mídias com função pós-massiva estão aliadas às tecnologias móveis (dispositivos e redes de comunicação como laptops, GPS, smartphones, wi-fi). No entanto, vale pontuar que a internet não representa por si só o que é esta função.

Como bem alertou o autor, devemos pensar nas funções midiáticas e não nos dispositivos de mídia, já que também pode haver função massiva no meio digital. Lemos (2010) dará o exemplo de que um grande site jornalístico ou de busca pode seguir a lógica de desempenho massivo, enquanto fanzines, flyers e rádios comunitárias (mídias analógicas) podem desempenhar funções pós-massivas, de nicho.

É interessante perceber que o digital se caracteriza por estruturas midiáticas complexas, nas quais as funções massiva e pós-massiva coexistem.

[...] Funções “pós-massivas” já aparecem nos rádios, na TV e nas publicações impressas com as ações para “nichos”, como as rádios por satélite, a TV paga, as publicações impressas para públicos específicos, embora a estrutura empresarial, nesses casos, continue a mesma das mídias de funções unicamente massivas. Devemos pensar não em dualismos simplórios, mas em reconfiguração de sistemas. Podemos dizer, por exemplo, que a internet é um ambiente midiático onde existem funções massivas (a TV pela Web, os grandes portais ou máquinas de busca) e pós-massivas (blogs, wikis, podcasts...). A TV tem funções de massa (TV aberta) e pós-massiva, ou de nicho (como os canais pagos) (LE MOS, 2010, p. 158-159).

Pensando na internet como esse ambiente ambivalente, seguimos as preposições de Lemos (2010), que compreende que a função pós-massiva não impõe uma competição fundamental entre as mídias, sem necessariamente haver empresas ou conglomerados econômicos as comandando. No entanto, vemos que, hoje, as principais redes sociais utilizadas no Brasil fazem parte de grandes corporações de mídia – como a Meta (Facebook, WhatsApp, Instagram) e o Google (YouTube).

De acordo com Lemos (2021, p. 60), empresas do mundo digital, como Google (dono do YouTube) e Twitter, formam a maior parte de uma “esfera pública mediada”. Apesar da internet ser um ambiente midiático ambivalente, com funções massivas e pós-massivas, a atuação em nichos de produtores de conteúdo digital se diferencia ‘pós-massivamente’ ao possibilitar um fluxo de comunicação direta com grupos específicos de internautas, de modo a construir uma “bolha” de seguidores.

Nesse sentido, Karhawi (2022) acrescenta que, com a consolidação de plataformas como essas, a Amazon e a Apple, por exemplo, a organização horizontal é colocada em xeque no ambiente digital. Mas entendemos que é por isso que os criadores de conteúdo se destacam. Segundo a autora, eles demarcam uma relação mais simétrica em suas comunidades interativas, rejeitando hierarquias e valorizando sentimentos comuns aos membros.

No Brasil, a TIC Domicílios 2022¹⁴ revela que 62% dos usuários acessam a internet apenas pelo celular (o que equivale a mais de 92 milhões de pessoas). A estatística ainda é prevaiente entre os grupos minoritários: mulheres (64%), pretos (63%) e pardos (67%) e pertencentes às classes DE (84%).

A pesquisa ainda levantou que 36 milhões de brasileiros não acessam a internet. Entre os motivos estão: alto custo (28%), falta de afinidade com dispositivos tecnológicos (26%) e falta de interesse (16%). Dos que possuem acesso, 142 milhões se conectam todos ou quase todos os dias.

De acordo com o estudo, a alta prevalência do acesso pelo celular não significa que a principal conexão de rede no país seja a móvel (3G ou 4G). Pelo contrário, a internet a cabo ou de fibra ótica aparece como o tipo de conexão mais comum no Brasil – podemos sugerir o uso rotineiro do *wi-fi* na navegação pelos *smartphones*, que também atuam como facilitadores de acessos mais rápidos à internet, seja para as redes sociais, teletrabalho, checagem de e-mail etc. Quanto às atividades de consumo multimídia, assistir a vídeos, programas, filmes ou séries *online* foi a opção mais citada (80% em 2022 e 73% em 2021).

1.2.1. Panorama sobre criadores de conteúdo e usuários no Brasil

Ao pesquisar sobre os criadores de conteúdo no Brasil, percebemos uma falta de dados mais sistemáticos e objetivos para identificar e caracterizar a realidade desses atores no país. A seguir, descreveremos alguns dados obtidos por instituições privadas, em que cada uma mediu aspectos diferentes, com metodologias próprias.

Em nossa busca, encontramos pesquisas da Nielsen Holdings Inc., empresa global germânico-americana com sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Segundo a sessão de “sobre” do site da Nielsen em português, a empresa é líder mundial em medição, dados e análises de audiência midiática¹⁵.

O relatório “*Building better connections: Using influencers to grow your brand*” (Nielsen, 2022)¹⁶ apontou o Brasil como o país com o maior número de criadores de conteúdo digital no Instagram: 10,5 milhões de usuários com pelo menos 1.000 seguidores cada.

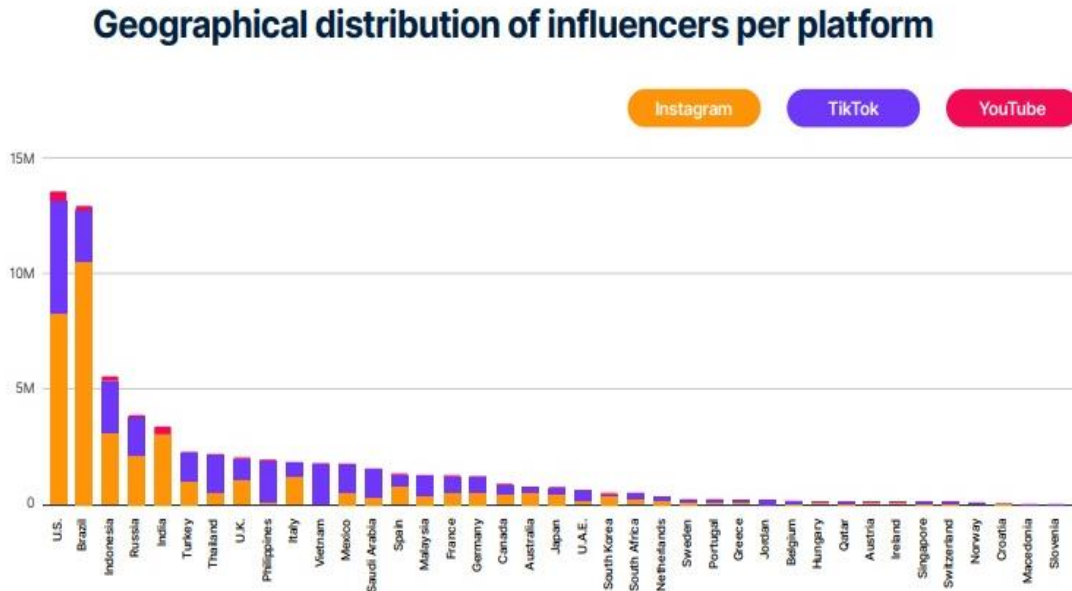
¹⁴ A TIC Domicílios é realizada anualmente pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) desde 2005. Na edição de 2022, a pesquisa incluiu 23.292 domicílios e 20.688 indivíduos na coleta feita entre junho e outubro daquele ano. Mais informações disponíveis em: <https://cetic.br/pt/noticia/92-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet-apenas-pelo-telefone-celular-aponta-tic-domicilios-2022/>. Acesso em: 29 out. 2023.

¹⁵ Disponível em: <https://www.nielsen.com/pt/about-us/about/>. Acesso em: 23 set. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.nielsen.com/pt/insights/2022/building-better-connections/>. Acesso em: 23 set. 2023.

Somando a rede social ao TikTok e ao YouTube, o número de criadores brasileiros é menor apenas que o dos Estados Unidos [figura 6].

Figura 6 - Pesquisa da Nielsen aponta número de criadores em diferentes plataformas no mundo



Fonte: Nielsen InfluenceScope 2022

A contagem foi feita por meio das postagens de novembro de 2021 a abril de 2022. No levantamento, percebemos que se considera como criador de conteúdo aquele que tem mais de 1.000 seguidores. No entanto, é importante salientar que a métrica não reflete necessariamente a prática da criação de conteúdo no sentido tratado nesta dissertação, em que usuários fazem da prática a sua profissão. Ainda podemos pensar nos perfis que são de órgãos oficiais (como o do @governodobrasil, com 1,2 milhão de seguidores), empresas ou simplesmente de usuários comuns que ultrapassam a marca de 1.000 seguidores.

Para complementar nosso panorama, também encontramos dados elaborados pela plataforma Data Reportal. O relatório é produzido pela empresa de consultoria e estratégia de marketing Kepios Pte. Ltd., sediada em Singapura. Vale pontuar que a consultora recebe a colaboração de outras entidades que investigam usos do meio digital, como a agência inglesa We Are Social e a Meltwater, empresa norueguesa de tecnologia e monitoramento de mídia online, atualmente sediada em São Francisco, nos Estados Unidos.

O relatório intitulado “Digital 2023: Brazil – Data Reportal” (KEPIOS, 2023)¹⁷ pesquisou usuários brasileiros durante o mês de janeiro de 2023. Conforme o levantamento,

¹⁷ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 09 out. 2023.

84,3% da população brasileira usa internet (181,8 milhões de pessoas). Só de mídias e redes sociais, eram 152,4 milhões de usuários (o que representaria 70,6% da população). O estudo indica um total de 221 milhões de conexões móveis ativas no país (102,4% da população).

No entanto, como ressalta a organização, os números podem não representar usuários absolutos, tendo em vista que uma pessoa pode ter mais de uma conta na rede social e mais de uma conexão móvel. Olhando para as estatísticas oferecidas nas ferramentas de planejamento de anúncios das próprias redes sociais, o Data Reportal observou que 145,7 milhões de usuários brasileiros possuem 18 anos ou mais (equivalente a 89,4% da população adulta). De forma mais ampla, 83,8% da base total de usuários da internet no Brasil (de qualquer idade) usaram pelo menos uma rede social em janeiro de 2023.

Mais especificamente sobre o YouTube, atualizações nos recursos publicitários do Google indicam que a plataforma tinha 142 milhões de usuários brasileiros no início de 2023 – o que não necessariamente representa o número de usuários ativos, conforme levantado pela Kepios. Já em relação ao Instagram, o relatório verificou as ferramentas de publicidade da Meta Platforms, Inc., que indicaram haver 113,5 milhões de usuários no Brasil no início de 2023.

1.3. O mercado de influência publicitária e a ideia do “eu-mercadoria”

Estudiosa de Abidin (2015), I. Karhawi (2017a, 2017b) pensa os novos tipos de relacionamentos digitais baseados na interatividade entre criadores de conteúdo e seus públicos. Com a autora indica, a **lógica “socialcast”** define as práticas midiáticas contemporâneas: a relação do produtor e os internautas é baseada na pessoalidade, com o uso da primeira pessoa e a impressão de que se compartilha aspectos da vida pessoal como um usuário comum.

Hoje, a produção de conteúdo não se restringe mais ao blog, mas se amplia para o Facebook, Instagram, YouTube. E a emergência de uma prática de produção de conteúdo baseada nas dinâmicas da rede e da blogosfera resultou na pessoalidade como característica basilar das relações entre produtores de conteúdo na rede – os influenciadores digitais, youtubers, *creators* – e seus públicos (KARHAWI, 2017b, p. 104-105).

Nesse sentido, como mencionado anteriormente, tem-se a impressão de diálogo “de igual para igual” nas comunidades digitais que se formam. O relacionamento do criador de conteúdo e o seu seguidor, que pode ser um interlocutor, reforça a ideia de co-criação do conteúdo: “me digam aqui na caixinha o que vocês gostariam de ver no canal”, como convoca Jonas Maria na convergência entre o Instagram e o YouTube, transmitindo certa

horizontalidade e sentido de proximidade. Através do compartilhamento a experiência do “eu trans”, da mastectomia, hormonização e afins, veremos como o criador de conteúdo estabelece tais vínculos com seus seguidores.

De acordo com Karhawi (2016), o criador de conteúdo é um novo perfil profissional, com dinâmicas diferenciadas no mercado da comunicação (desde o jornalismo até a publicidade). Nesse sentido, é ele mesmo a sua própria marca e mídia. Para a autora, os criadores de conteúdo atuam como “filtro de informação” por meio de declarações em primeira pessoa. Ela traz a ideia do Eu como uma *commodity*.

Dessa forma, os criadores de conteúdo se tornam responsáveis pela produção de sua própria visibilidade. Karhawi (2016) acrescenta que, na contemporaneidade, estabelecemos uma relação direta entre informação/opinião e imagem pessoal/sujeito, procurando um “rosto” para o consumo do produto da comunicação. Em relação ao Eu-mercadoria, a autora comenta:

E se o Eu passa a ser mostrado e compartilhado ele também pode ser comercializado. Quando um internauta comum se torna um influenciador digital – agregando públicos (consumidores) específicos ao redor da imagem que exibe e do conteúdo que produz – sua imagem passa a ter valor de troca. Ela se torna a moeda de negociação entre influenciadores e empresas/marcas (KARHAWI, 2016, p. 50-51).

Os criadores de conteúdo atuam como um “canal” entre as marcas contratantes e os usuários de suas comunidades, o que vem gerando mudanças no mercado publicitário. Para garantir o uso de seu nome e os devidos direitos autorais, bem como para prestar contas de transações financeiras, emitir notas fiscais e empregar outros profissionais (como assessores, advogados, videomakers, editores de vídeo etc.), aqueles que têm a criação de conteúdo como profissão no Brasil se deparam com a necessidade de abrir a sua própria empresa. Isto é, passar de “pessoa física” para “pessoa jurídica”.

A lógica de propaganda passa a ser uma via de mão-dupla, na qual não só a marca escolhe o criador, como o criador também pensa no que aquela “parceria” interfere na sua imagem, carreira e comunidade. Logo, entendemos que “o eu como mercadoria extrapola os limites da produção de conteúdo” (KARHAWI, 2016, p. 52).

1.3.1. O papel da Dia Estúdio enquanto rede de conteúdo dissidente

A Dia Estúdio vem atuando como mediadora entre os criadores de conteúdo, as marcas e as comunidades online do YouTube desde 2013. Com sede em Florianópolis e São Paulo, a rede intermedia 36 canais, majoritariamente formados por criadores dissidentes sexuais e/ou de gênero. Entre eles, estão dois dos quatro sujeitos de pesquisa: Bielo Pereira e Jonas Maria.

Criada e dirigida pelo CEO Rafa Dias, a Dia Estúdio afirma não somente oferecer produtos de entretenimento, como também valores de pluralidade, criatividade e representação tanto no time de criadores quanto nos profissionais “por trás das câmeras”¹⁸. Certificada pelo próprio YouTube, a Dia Estúdio já possuía mais de 100 milhões de visualizações mensais somando os canais que a integravam em 2018.

Naquele ano, pela primeira vez na história, a Parada LGBTQ+ de São Paulo foi transmitida online. A live foi exibida por quatro canais simultaneamente e teve mais de 15 criadores convidados, além de ter sido a ocasião em que Rafa Dias declarou publicamente, pela primeira vez, ser homossexual.

A Dia Estúdio seguiu transmitindo a Parada LGBTQ+ de São Paulo nos quatro anos seguintes, tendo edições especiais do evento durante a pandemia da Covid-19 (quando o isolamento social proibia a realização da parada tradicional na Avenida Paulista). Em 2021, o faturamento anual da rede chegou a 45 milhões de reais.

Com experiências de trabalho na televisão, Rafa Dias lançou junto à Dia Estúdio a primeira televisão na internet em maio de 2023. Segundo ele, a DiaTV se propõe a ser feita inteiramente por criadores de conteúdo, com programação 24 horas por dia, 7 dias por semana, de forma gratuita. O projeto no YouTube reúne a audiência de todos os canais que integram a rede, de forma que a ‘TV na internet’ é transmitida a todo instante – algo inédito na plataforma do Google.

Antes mesmo da iniciativa da DiaTV, o canal próprio da Dia Estúdio já possuía programas apresentados por alguns de seus criadores associados. Entre eles, o videocast DiaCast, um podcast de entrevistas em *live* (ao vivo). Em 2023, o programa era apresentado pelas criadoras Gabie Fernandes e Nátaly Neri.

Após ser editado, o DiaCast também é publicado nos *streamings* de áudio, havendo convergência entre plataformas e adaptações de formato. No ano de 2022, Bielo Pereira atuou como coapresentadora em cinco episódios do *videocast*, entre os quais mapeamos três que trataram mais fortemente temáticas sociais e que tiveram cunho ativista.

Por participar de podcasts e entrevistas em diversos canais, com públicos de diferentes características, pessoas que não seguem os perfis próprios de Bielo também a acompanham. Ou seja, para além do número de seguidores próprios, outros fatores atuam na configuração do público de Bielo – como os algoritmos, que agem elencando conteúdo no resultado de uma busca ou nas recomendações de vídeos do próprio YouTube, por exemplo. São diversas

¹⁸ As informações dessa sessão foram retiradas das próprias redes da Dia Estúdio, bem como do site disponível em: <https://diaestudio.com/quem-somos/>. Acesso em: 02 out. 2023.

configurações possíveis, mas pontuamos que a visibilidade digital de pessoas pretas não é a mesma de pessoas brancas¹⁹, assim como quando comparamos pessoas cis e trans, magras e gordas.

1.3.2. O mercado de influência e publicidade no Brasil

Em junho de 2023, os criadores de conteúdo Igão (Igor Cavalari) e Mítico (Thiago Marques) tiveram o podcast Podpah anunciado como “o fenômeno da publicidade” na edição 109 da revista Forbes Brasil. O texto e o layout da reportagem enfatizaram os números da dupla à frente do *videocast*: 7 milhões de inscritos no YouTube, 18,5 milhões de reais no 1º semestre de 2023, 33 marcas no portfólio, 60 milhões de visualizações e 20,4 milhões de seguidores²⁰ [figura 7].

Figura 7 - Igão e Mítico, do Podpah, na Forbes



Fonte: print retirado do Instagram @podpah em 06/10/2023

¹⁹ Fenômeno que está sendo investigado por pesquisadores como ‘racismo algorítmico’.

²⁰ Reportagem disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/09/podpah-o-fenomeno-da-publicidade/>. Acesso em: 29 set. 2023.

O Podpah exemplifica como a produção de conteúdo pode alcançar números significativos nas plataformas digitais mesmo que haja uma forte relação com trabalhos publicitários. No entanto, refletimos que isto não se restringe apenas aos criadores com milhões de seguidores nem a homens cisheterossexuais (como a dupla citada).

Em nossa cartografia, identificamos que, dos 99 vídeos postados no Instagram do Esse Menino em 2022, 33 eram de cunho publicitário. Tais “publis” (no linguajar da internet) não eram, porém, engessadas como vemos em mídias tradicionais como a televisão. A linguagem humorística e a personalidade de Esse Menino não somente estavam presentes nas propagandas, como faziam parte do porquê de ter sido contratado pelas marcas.

Em 21 de setembro de 2022, Esse Menino postou um *reels* no Instagram com a propaganda de um aparelho dental invisível²¹. O conteúdo era no formato de esquete, que é um tipo de performance humorística curta com personagens, comum em vídeos postados na internet e sobretudo no perfil de Esse Menino.

Na publicação, o criador de conteúdo simulava o encontro entre um casal. Um personagem havia colocado o aparelho. O outro, por sua vez, não conseguia acertar qual havia sido a mudança na aparência do parceiro por não enxergar o produto nos dentes do humorista.

O mapeamento de conteúdos do Esse Menino se dá pelas postagens no Instagram, que segue a lógica de produção de grande quantidade de publicações para manter o engajamento do perfil – o que é diferente do formato de vídeos longos do YouTube. Na rede social, privilegia-se o conteúdo de poucos minutos, a exemplo dos *stories* (postagens com 24 horas de duração) e dos *reels* (vídeos que duram até 1min30s). Nesse sentido, a constância de publicação determina o desempenho algorítmico de alcance de novos usuários; isto é, quanto mais se publica, maior tende a ser sua visibilidade.

É importante reconhecer que a maior parte dos conteúdos do Esse Menino é no formato *reels*, sem excluir aqueles (poucos) com maior minutagem. Além disso, alguns *stories* do criador de conteúdo se tornaram publicações em formato *reels*, funcionando como um modo de arquivar um conteúdo com a temporalidade limitada e facilitar seu compartilhamento, havendo um processo de “recirculação” do conteúdo. No caso do humorista, esse efeito geralmente corresponde a um vídeo no qual ele responde seguidores através da “caixinha de perguntas”.

No vídeo publicado em 16 de março de 2022, Esse Menino problematiza o envio de “mimos” – ou “recebidos”, como são chamados os produtos enviados gratuitamente para

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CixfyaGgg4d/>. Acesso em: 29 set. 2023.

criadores de conteúdo. O humorista expõe que as marcas promovem uma ação de marketing esperando receber propaganda gratuita dos criadores. Além disso, há uma crítica quanto ao tipo de mercadoria enviada, uma vez que Esse Menino mostra as várias *ecobags* recebidas. Em tom de indignação, ele reflete que as bolsas acabam perdendo seu propósito, ao serem enviadas em grande quantidade e com papéis e plásticos: “[...] É tanta *ecobag* que está poluente [risos], ‘tá’ indo contra a ideia de *ecobag*. Não ‘tá’ “eco” mais, só ‘tá’ “bag”.

Já Bielo Pereira, que é uma pessoa negra, intersexo, gorda e bigênera, comenta incongruências do mercado publicitário na contratação de criadores de conteúdo no nicho de minorias. Numa *live* da *drag queen* Lorelay Fox, do dia 1º de junho de 2022, Bielo ironizou o aumento grotesco no volume de trabalho em todo mês de junho, em decorrência da celebração do Orgulho LGBTQIAP+. O mesmo ocorre com criadores negros no mês de novembro, quando se celebra o Dia da Consciência Negra.

No entanto, Bielo comenta a importância de estabelecer um foco na produção de conteúdo que atenda a um nicho específico como forma de facilitar a chegada de propostas publicitárias. Em seu caso, a criação de sua comunidade está no mix entre a causa gorda, racial e LGBTQIAP+, com destaque intencional e de mercado ao combate à gordofobia.

Como um conselho para pessoas que gostariam de começar a produzir conteúdo na internet, Bielo Pereira diz ser preciso saber cobrar um valor justo das marcas pelas publicidades, já que as empresas se apropriam da voz dos influenciadores. Para ela, saber que “o produto é você mesmo” é ter visão de mercado principalmente para criadores do ‘nichos de causas sociais’. Conforme as declarações, parte fundamental do início da carreira de Bielo no meio digital, em 2018, foi escolher no que poderia se tornar referência.

No nicho de minorias, vemos o quanto os oligopólios internacionais que gerenciam as redes sociais e marcas contratantes se aproveitam dessa lógica, apropriando-se até mesmo do caráter ativista dos conteúdos. É possível perceber a complexidade da relação entre os criadores de conteúdo e as empresas, que muitas vezes dão visibilidade para marcadores identitários que não o cisheterossexual apenas em datas comemorativas/específicas.

No Diacast com Ana Paula Xongani e Gabie Fernandes em 17 de março de 2022, Bielo Pereira também relatou episódios em que teve que recusar trabalhos de publicidade com propostas racistas, transfóbicas ou que, de alguma maneira, não se alinhavam a valores de diversidade social. Por volta dos 59min30s, Bielo, pessoa trans bigênera, relatou já ter recebido uma proposta de propaganda de coletor menstrual.

O marketing com esse viés puramente capitalista acaba esvaziando e/ou falseando o apoio aos criadores dissidentes quando preza apenas pela venda de sua mercadoria e não pelo

incentivo legítimo à diversidade. Nesse sentido, fenômenos como o *Pink Money* nos ajudam a questionar essa nuance. O termo em inglês é usado para expressar tanto o potencial de consumo da comunidade LGBTQIAP+, quanto para pensar as manobras e apropriações mercadológicas de sua luta política²².

1.3.3. Dados do mercado de influência brasileiro

Para melhor entender o mercado de influência brasileiro, consultamos o relatório “Creators e Negócios 2022”, elaborado pela YouPix e a agência Brunch²³. O levantamento das duas consultoras de negócios entre marcas e influenciadores digitais contou com um questionário online, respondido por 314 criadores de conteúdo até 23 de agosto de 2022.

Dos respondentes à pesquisa, a maioria era de brancos (63,1%) e de mulheres (63,4%). Além disso, os que se identificaram como LGBTQIAP+s corresponderam a 34,1%. O percentual de mulheres e de LGBTQIA+ caiu 1% cada em comparação à apuração de 2021, ao passo que o percentual de criadores PCD subiu: de 8% para 9,2%.

Para 34,6% do total de respondentes, a renda como criador de conteúdo é a única fonte – porcentagem que representa o dobro em relação a 2021. Quanto ao mercado de influência, a pesquisa de análise quantitativa mostrou que a maior parte acontece no sudeste do Brasil, com 61,5% dos produtores nesta região. Não houve um crescimento dos criadores LGBTQIA+ no mercado, nem do ponto de vista numérico, tampouco na diversificação dos segmentos, segundo a avaliação da YouPix e agência Brunch.

O tamanho da audiência dos 314 criadores consultados no relatório varia, sendo que a fatia mais expressiva (32,5%) tem entre 10 mil e 50 mil seguidores. Outro aspecto interessante dessa pesquisa é que o Instagram apareceu como a principal plataforma, tanto em atuação (59,6%), quanto em rentabilidade: 75,2% dos declarantes a caracterizaram como o espaço onde mais se fecha negócios. O YouTube apareceu como a segunda principal plataforma de atuação e rentabilidade, com 12,7%.

Após os dados mencionados, percebemos que o Instagram e o Youtube são as principais plataformas de criação de conteúdo no Brasil. Além disso, notamos que os produtores interagem com um mercado próprio, no qual há demandas e dinâmicas específicas em cada plataforma. Ainda entendemos que as minorias sociais que aparecem ao longo desta dissertação também são minoria entre os criadores de conteúdo brasileiros em geral, o que reforça a lógica de nichos, mas não diminui o impacto de seus trabalhos.

²² Ver mais em “É ocupando que se sabe: mídia pós-massiva e *drag queens* contra a verdade de gênero” (OLIVEIRA e TÁVORA, 2022).

²³ Disponível em: <https://medium.youpix.com.br/creator-economy-no-brasil-pesquisa-2022-883035f4ed18>. Acesso em: 23 set. 2023.

A noção de “minority celebrity” (ABIDIN, 2019) corresponde àqueles que produzem conteúdo sobre uma população marginalizada, construindo a sua validação e celebrando seus valores, com uma agenda política que critica os desafios vividos por esses grupos. De acordo com a autora, esse tipo de atuação se volta para elementos de resistência.

Celebridade minoritária é a fama e o reconhecimento fundados na mercantilização e representação de um grupo demográfico da sociedade geralmente marginalizado e estigmatizado, construído sobre a validação e celebração de valores minoritários, com a agenda política de tornar público e criticar os desafios sistêmicos e pessoais enfrentados pelo grupo minoritário na vida cotidiana (ABIDIN, 2019, p. 3, tradução nossa).

Conforme os estudos de Abidin, leitora de Deleuze, os criadores de conteúdo no YouTube se tornaram um tipo de celebridade da internet e tiveram uma rápida profissionalização no seu formato de produção e numa estética específica bem definida. É comum que eles consigam criar vídeos em torno de assuntos atuais que se adaptam à esfera pública contemporânea e as *trends* online.

1.4. Percepções sobre a formação da esfera pública na contemporaneidade

A explosão de elementos comunicacionais ultravelozes, polifônicos e cotidianos configura a face dinâmica da formação da esfera pública na internet. Para debater o assunto, entendemos a importância de Jürgen Habermas, que conceitua a esfera pública como aberta e deslocável. Para ele, ela seria constituída por “uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas” (HABERMAS, 1997, p. 92).

O autor indica a possibilidade de uma prática política emancipatória ao reconhecer a potência da linguagem e da ação comunicativa para estabelecer acordos na sociedade civil. Isto é, Habermas acredita que a esfera pública é formada tanto pelos discursos dominantes do “sistema” (representado pelo mercado econômico e pelo Estado) quanto pelo dito “mundo da vida”.

Embora Habermas assuma as práticas comunicativas na construção de uma esfera pública participativa com possibilidade de transformação social e política, a complexidade deste processo não é apreendida pela sua teoria. Para tanto, o autor investe em características universalistas modernas, de um ‘sujeito transcendental’.

Segundo Fernandes (2005, p. 35), na teoria habermasiana, “o consenso aparece como homogeneizador, não permitindo o desenvolvimento das heterogeneidades e as diferentes identificações socioculturais das comunidades”. Além disso, a ampla potência das

sensibilidades nas dinâmicas de sociabilidade é deixada de lado na esfera pública habermasiana.

Apesar da tentativa de Habermas em interpretar a comunicação e interação na esfera pública, S. Lash aponta que a teoria ainda se debruça mais fortemente na reflexividade cognitiva (da racionalidade comunicativa), sendo uma teoria fundamentalmente crítica. Ao propor a modernidade reflexiva, sustentada pelo “entrelaçamento articulado de redes globais e locais de estruturas de informação e comunicação” (LASH, 2012, p. 183), Lash vai investir na mediação da experiência do cotidiano, fruto de uma auto reflexividade própria do processo de modernização. Para ele, a modernidade reflexiva apresenta três instâncias: a reflexividade cognitiva, a reflexividade estética e a hermenêutica comunitária.

Diferente de Habermas, S. Lash entende a esfera particular (“o mundo da vida”) como a estética, caracterizada por símbolos miméticos (sons, imagens, narrativas) e que “envolve não apenas a “arte elevada”, mas também a cultura popular e a estética da vida cotidiana” (LASH, 2012, p. 169). Essa dimensão se apresenta como princípio de um individualismo expressivo na vida cotidiana, que produz significado pela semelhança.

Já pelo olhar ao comunitário, o autor destaca que os significados compartilhados são fundamentais para a existência do “nós”. Segundo Lash (2012):

Para se ter qualquer acesso ao “nós”, à comunidade, não devemos desconstruir, mas hermeneuticamente interpretar e, assim, abandonar as categorias de ação e estrutura, sujeito e objeto, controle versus contingência e conceitual versus mimético. Este tipo de interpretação vai dar acesso aos fundamentos ontológicos, em Sitten, em hábitos, em práticas assentadas de individualismo cognitivo e estético. Isso, ao mesmo tempo, vai nos proporcionar algum entendimento das significações compartilhadas da comunidade (LASH, 2012, p. 222).

O caminho teórico do ponto de partida habermasiano, passando por Lash e chegando a M. Maffesoli foi traçado por Fernandes (2005). Para a autora, as comunidades contemporâneas “não buscam um projeto unificador e integrador, mas sim a compreensão de si mesmas por meio de uma hermenêutica comunitária” (FERNANDES, 2005, p. 35).

Nesse caminho, Fernandes (2005) percorre o pensamento de Maffesoli (1995, 2010) a respeito da pós-modernidade como um momento marcado pela possibilidade de reencantamento do mundo, em que o imaginário, o onírico, o lúdico são expoentes de uma outra maneira de estar-junto. Com o olhar voltado para as histórias contadas, nas quais as experiências cotidianas pessoais e coletivas têm o mesmo nível de importância que a razão instrumental, podemos compreender a formação da esfera pública.

Assim, o conceito do agir comunicativo nos valeu para seguirmos a pista epistemológica da comunicação no mundo vivido. No entanto, Lash, assim como Maffesoli, oferecem um acesso ao que está por baixo dessas estruturas

racionais comunicativas. Provocaram-nos para olharmos o universo do não-dito, do imaterial, do sensível, do imaginal, do simbólico (FERNANDES, 2005, p. 81).

Também seguindo o pensamento de Maffesoli, Susca (2019) aponta que a ação das tecnoculturas digitais permite que cada um descubra sua potência transpública, com um valor público e consequências públicas maiores do que anteriormente, na modernidade. Nesse sentido, o autor compreende que as culturas digitais contemporâneas pós-modernas são como um “exorbitante laboratório de sensibilidades não-artísticas, pós-espetaulares e transpúblicas” (SUSCA, 2019, p. 196).

Quanto às opiniões públicas, entendemos que o termo “opinião” carrega uma gama abrangente de significados – sendo utilizado, inclusive, para a propagação de discursos de ódio principalmente em pautas que envolvem minorias sociais. M. Maffesoli vai destacar a diferença entre a opinião pública e a publicada. Para ele, esta última pretende ser um saber, uma competência, enquanto a opinião pública reconhece “sua fragilidade, sua versatilidade e sua humanidade” (MAFFESOLI, 2010, p. 20).

Em relação à razão dos sentidos, incluindo a razão sensível de M. Maffesoli, V. Susca enfatiza a articulação da emoção pública como reveladora de que os sentidos pensam: “isso implica que pensamos cada vez mais nos emocionando, que nossa emoção pensa e nos pensa antes que seja pensada, antes que possamos pensá-la” (SUSCA, 2019, p. 39).

Ainda conforme Susca, as mídias e sociabilidades eletrônicas são plataformas expressivas, por meio das quais os bastidores da vivência cotidiana renovam seu “ser-aí” e cultivam seu “ser-aí-com”. Assim, compreendemos que as comunidades digitais evidenciam as emoções públicas e suas potências, envoltas nas identificações e afetividades dos significados (e significações) compartilhados.

Portanto, a esfera pública mediada por computadores, tablets e smartphones compreende a participação e interação entre atores, as ações comunicativas, emoções públicas, sentimentos e trocas simbólicas nos debates sociopolítico-culturais. Quanto à construção de uma esfera pública nas redes sociais:

[...] Os atores buscam, em um primeiro momento, disseminar suas opiniões a partir de pequenas redes (nichos) de concordância, para depois ressaltar suas diferenças em ambientes ainda digitais, mas que permitam evidenciar diferenças de ideias. Nesse sentido que existe a deliberação, na possibilidade de considerar as palavras, as ideias, os conceitos expostos pelos outros, mas também apresentando motivos que possam ser aceitos por outros indivíduos, criando uma possibilidade de “negociação” (MEDEIROS, 2013, p. 32).

Entendemos que esse movimento de nichos possa atuar como “porta de entrada” em relação ao fluxo de conteúdos digitais com visões de mundo consideradas “desviantes” das normas – a partilha de significados pela semelhança. A partir disso, os criadores das

publicações fazem adaptações (temáticas, linguísticas, de formato, de ferramentas, de plataformas). Há uma tentativa de abordar assuntos silenciados ou pouco visibilizados pelas instituições, para integrá-los à formação de uma esfera pública na internet com possibilidade de produção de sentido e outras formas de estar-com.

Para que isso seja possível, acreditamos que não haja ação apenas do aparato tecnológico, mas também de um *modus operandi* comunicacional de circular os debates promovidos. Não afirmamos que a internet tenha posto fim à desigualdade de vozes e acessos, mas concordamos que “o que mudou subjetivamente a favor da sociedade civil é a possibilidade de denúncia online, dentro e fora dos países, de qualquer abuso às garantias sociais e às liberdades fundamentais” (MAGNONI, 2012, p. 49).

Como já pontuamos anteriormente, o meio digital é ambivalente em suas funções midiáticas, poderes e investimentos de capital. Ou seja, a internet não é um território totalmente livre e democrático. As plataformas digitais são também empresas que, por mais que possibilitem a ampla circulação de discursos dissidentes, têm gramáticas próprias que, em maioria, são regidas pelo mesmo sistema opressor que violenta os criadores de conteúdo – seja por meio dos algoritmos ou de suas políticas internas.

1.4.1. Percepção das práticas de violência a partir da vivência favelada

Para Butler (2019), o que pode ser dado a ver na esfera pública produz enquadramentos que determinam de que maneira as figuras podem ser representadas. Nesse sentido, segundo a autora, o que aparece na esfera pública geralmente dita o que é percebido como realidade. Ou seja, fenômenos como a banalização da morte ocorrem no enquadramento em que as imagens de morte estão contidas.

Isso acaba por acarretar a produção do binarismo “nós” contra “eles”. Em outras palavras, aquele que não está ao meu lado é automaticamente encaixado como meu inimigo. Essa visão interfere diretamente na produção de quais questionamentos podem ser feitos, o que está ligado a interpretações hegemônicas de fenômenos sociais.

No entanto, a esfera pública é formada também por aquilo que não poderia se tornar público. O pensamento da Blogueira de Baixa Renda acerca das práticas de violência evidencia a disputa de narrativas sobre quais corpos importam no Rio de Janeiro. No dia 23 de dezembro de 2022, a criadora de conteúdo publicou o vídeo intitulado “**Todas as vezes que o Renatinho foi confundido com bandido**”.

O vídeo em questão abordou alguns casos de violência sofridos pelo irmão de Nathaly Dias por meio de “uma lista de momentos ruins” do jovem que completava 22 anos de idade, nos quais ele foi “julgado ou preterido”. Primeiramente, a Blogueira de Baixa Renda relata

um episódio em que ouviu o segurança de uma loja de roupas falando para outra funcionária “ficar de olho” nela e na namorada, quando esta experimentava uma calça no provador.

Segundo Nathaly Dias, as duas estavam com roupas comuns do dia a dia, como qualquer pessoa que vai ao shopping no Rio de Janeiro. Entretanto, a Blogueira enfatizou que se fosse uma menina loira ou um homem “meio europeu [risos]”, mais bem vestidos, que não tivessem “cara de favelado”, não teriam passado por isso.

Ela continua ao brincar que nem se considera “tão favelada”, que às vezes força a “favelice”, mas que Renatinho (seu irmão) é ‘favelado nível clássico’:

Cabelinho na régua, risquinho, faz aquelas luzes horríveis, o Iphone dele é pendurado no negócio aqui [suporte na cintura], a correntinha de ouro (folheada, obviamente). É, gente, ‘favelice’ total, a cara dos ‘menor caixa baixa’ do Morro do Banco e das favelas do Rio de Janeiro (YOUTUBE BRASIL, 2022).

Durante o relato, Nathaly Dias comenta sobre a senhora que chamou seu irmão Renatinho de vendedor numa loja de departamento nesse mesmo *shopping center*, localizado na Barra da Tijuca, bairro considerado nobre na cidade. Na ocasião, nada aconteceu, muito em razão do jovem não ter tido um olhar crítico para avaliar a discriminação. A criadora de conteúdo afirma ainda que a estética descrita acima não é julgada na favela, mas “no asfalto” é – percebemos, em seu discurso, a diferença do “nós” versus “eles”.

Outro episódio corresponde ao dia em que seu irmão fez “um bico” (trabalho informal e temporário) num parque de diversões. Depois do trabalho, ele iria à casa da então namorada e pôs o dinheiro recebido no short que vestia. No caminho, Renatinho parou para jogar uma “pelada” na quadra da comunidade.

Sobe a PM, começou a revistar, botou todo mundo na parede (...). E para explicar que esse dinheiro não era de tráfico, de boca? Nossa senhora! O policial bateu o pé falando que Renatinho era traficante e que esse dinheiro era de tráfico de drogas. Essa é a realidade do jovem favelado, é ser julgado. Quando não é pelas pessoas que deveriam cuidar de nós, é lá embaixo pelas pessoas que se acham melhores que nós (YOUTUBE BRASIL, 2022).

Houve também a vez em que o irmão da Blogueira de Baixa Renda (Nathaly Dias) voltava da Região dos Lagos dirigindo o carro dela, acompanhado de dois amigos. Durante a viagem, um deles soube que poderia retirar a motocicleta que havia comprado da concessionária e, então, os três passariam no local na volta para casa. Enquanto Renatinho esperava no carro no estacionamento da loja, os outros dois jovens foram buscar a moto.

Então um deles saiu pilotando a motocicleta, parou ao lado do carro com Renatinho e retirou o celular do bolso. Foi nesse momento que a Polícia Militar parou a viatura, apontando a arma para eles, achando que iriam assaltar o irmão da “Blô”. No entanto, Nathaly Dias contou que os policiais estavam dentro da concessionária e viram quando os amigos do irmão

retiraram o veículo da loja. Segundo ela, os transeuntes gravaram toda a ação enquanto seu irmão tentava explicar que o carro pertencia à irmã.

O irmão de Nathaly Dias disse que os PMs fizeram os três abaixarem a calça, abrirem a mala do carro e as malas de roupa. Todo o ocorrido só foi relatado para a criadora de conteúdo seis meses depois, o que não diminuiu sua reação à ação dos policiais.

Renatinho tem muito mais trejeitos e características de uma ‘pessoa favelada’, se é que a gente pode falar assim, mas eu sei que minha audiência aqui vai entender o que eu ‘tô’ querendo dizer... o quanto ele pode sofrer sendo um homem favelado, sabe? O quanto de preconceito ele pode sofrer dentro e fora da favela (YOUTUBE BRASIL, 2022).

O relato traz um conflito em relação aos moradores de favela e a atuação de policiais militares no Rio de Janeiro. Sobre a abordagem sofrida pelo irmão, Nathaly Dias pontua que se os jovens “fossem branquinhos, mauricinhos, cabelinho liso loiro” o tratamento teria sido diferente: “eu acho que é porque os meninos têm cara de favelados mesmo e não têm a pele tão branca, não tem o cabelo liso, não tem o olho claro, não vestem o que **a galera do asfalto** veste”.

Nesse sentido, a produtora de conteúdo digital ressalta que existe uma cultura de que o favelado apoia traficante e odeia policial, mas que este é um discurso falacioso. Para ela, bastaria que as pessoas saíssem um pouco da “bolha” para entender a questão.

Vamos fazer um vídeo: 10 coisas que o pobre quer falar para a sociedade. A gente não odeia PM, a gente odeia a forma que a Polícia entra na favela, muito por ser subordinada de alguém, de um governo, de um sistema, para acabar com uma espécie de tráfico, de “guerra às drogas”, “guerra à criminalidade”. Isso a gente não gosta, porque a gente está aqui na nossa e aí vem a polícia reproduzindo uma coisa que é feita desde sempre, que o sistema permite que aconteça. Um exemplo disso foi quando o governador lá que saiu, o Witzel, subiu no helicóptero e começou a fuzilar a favela, uma favela aqui da zona norte do Rio, e aí você percebe que ele interpreta que todo favelado é bandido, que todo mundo que ‘tá’ na favela é bandido, porque saiu atirando para tudo que é lado. Minha casa é de telha, um tiro de fuzil entra aqui. Um tiro de fuzil me mata. Imagina um helicóptero em cima da sua casa, te rodeando de tiro. Isso a gente não gosta, isso a gente critica, o jeito que é feito, o sistema [...] (YOUTUBE BRASIL, 2022).

O caso mencionado por Nathaly Dias aconteceu em maio de 2019 e, na verdade, foi em Angra dos Reis, município na Costa Verde do estado do Rio de Janeiro. Na ocasião, o então governador Wilson Witzel estava no helicóptero que sobrevoou uma comunidade no que seria uma ação da Polícia Civil contra traficantes locais. Um agente teria atirado contra a tenda de um grupo de religiosos, de acordo com moradores da região.

Fato é que, dois dias após esse episódio, um helicóptero da Polícia Civil sobrevoou o Complexo da Maré, na zona norte do Rio, numa operação que deixou oito mortos e três

feridos – entre eles, uma criança. Em uma praça do Conjunto Esperança, a ONG Redes da Maré contou e marcou com tinta 20 marcas de tiros no chão, disparados de cima para baixo²⁴.

A Blogueira de Baixa Renda ainda citou a morte de Ágatha Félix, menina de 8 anos de idade baleada no Complexo do Alemão em setembro daquele ano (2019). Em abril de 2023, a Justiça do Rio determinou que o policial militar réu pelo homicídio vá à júri popular.

Um quarto episódio falado no vídeo é o da apreensão de 117 fuzis incompletos no Méier, também na zona norte do Rio, na casa de um amigo do ex-policial militar Ronnie Lessa, acusado de ter matado a vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) e o motorista Anderson Gomes em 14 de março de 2018. O armamento seria encaminhado para a residência de Lessa, no condomínio Vivendas da Barra, na Barra da Tijuca.

“E aí não tem governador dentro de helicóptero dando tiro no Vivendas da Barra, mas tem onde? Na Maré, no Jacaré, no Alemão. Onde é que morre criança inocente?”. No momento da publicação deste vídeo no canal de Nathaly Dias, esta era a maior apreensão de armas na história do Rio de Janeiro, o que foi bastante enfatizado por ela. Mas, para fins de atualização, em março de 2023, o número foi superado por uma apreensão feita no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, onde foram achadas cerca de 1.000 armas (das quais 68 eram fuzis)²⁵.

Todos os episódios indicados pela Blogueira de Baixa Renda aconteceram no âmbito do governo Witzel, que já havia declarado abertamente que a ordem dada à polícia era para matar, bem como que defendia a não responsabilização legal dos agentes por tal ato: “a polícia vai fazer o correto: vai mirar na cabecinha e... fogo!” – frase que ficou conhecida como um slogan da necropolítica de Witzel. Eleito em 2018 com a promessa de combate à corrupção, o governador foi afastado em 2020 e virou réu por corrupção e lavagem de dinheiro em 2021.

Para finalizar o conteúdo, Nathaly Dias afirma que esse assunto é muito doloroso para ela: “Toda vez que eu falo disso é pesado, me dói porque eu morro, **morro de medo**, morro de medo de acontecer alguma coisa com meu irmão nesse sentido de sofrer uma consequência dessa cultura”. Esta é a visão da criadora de conteúdo, que vivencia no corpo as consequências dessas práticas de violência no Morro do Banco, numa dinâmica de “guerra às drogas” empreendida no Rio de Janeiro como massacre.

²⁴ Disponível em: <https://mareonline.com.br/a-ordem-e-matar/>. Acesso em: 22 out. 2023.

²⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/pf/pt-br/assuntos/noticias/2023/03/pf-deflagra-operacao-desarmada-iii-na-baixada-fluminense>. Acesso em: 22 out. 2023.

1.4.2. As narrativas do pânico anti-trans na esfera pública

O mapeamento de conteúdos de Jonas Maria durante o ano de 2022 indica que os dois vídeos postados no canal no YouTube em dezembro daquele ano foram os que abordam mais intensamente debates da esfera pública. No primeiro deles, do dia 14 de dezembro de 2022, Jonas traz a polêmica em torno da expressão “pessoas que menstruam” em meio à repercussão do texto de Djamilia Ribeiro – que declarou que o termo “apaga a realidade concreta das mulheres, pois se está criando uma nova categoria universal que não nomeia a materialidade delas”²⁶.

Jonas destaca que este não é um vídeo-resposta ao texto de Ribeiro (2022), apenas um exercício de reflexão sobre a discussão. Ele insere o conteúdo publicado no portal Diadorim com a carta de repúdio do Ibrat (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades), que reivindica a fala como ferramenta de enfrentamento²⁷. Na visão do criador de conteúdo, a prerrogativa de que “pessoas que menstruam” universaliza uma identidade é distorcida e não representa o seu emprego na concretude do cotidiano.

Segundo Jonas, o argumento de que expressões como “pessoas que menstruam”, “pessoas que gestam”, “pessoas com próstata” desumanizam é contraditório porque o emprego de “pessoas” visa justamente o contrário: humanizar grupos invisibilizados, como em “pessoas com deficiência”, “pessoas com transtornos mentais”, “pessoas idosas”. Ou seja, para ele, a utilização da expressão acrescida de “pessoas” atua mais como um termo guarda-chuva, que não exclui características heterogêneas de um grupo.

O mesmo acontece na frase criticada, de acordo com a articulação de Jonas Maria. Ele pontua que “pessoas que menstruam” é usada em pequena escala, em contextos muito específicos e que, geralmente, está acompanhada das palavras “mulheres” e “meninas”. Logo, o criador de conteúdo defende que tal expressão é apenas uma alternativa mais curta e mais abrangente do uso “mulheres cis, pessoas intersexo, homens trans e demais identidades não-binárias”. Ainda que não seja obrigatório utilizá-la, Jonas acredita ser muito simbólico tamanha oposição ao seu uso. Trata-se, segundo ele, de como o discurso é construído. E, neste caso, é um discurso falacioso que põe as pessoas trans na posição de perigosas e ameaçadoras.

Jonas ainda esclarece que a menstruação não necessariamente é interrompida com o início da aplicação de testosterona, a depender de diversos fatores como a quantidade das

²⁶ A reportagem foi publicada em 1º de dezembro de 2022, na Folha de São Paulo. Disponível em: <https://shre.ink/lhLC>. Acesso em 22 out. 2023.

²⁷ Texto disponível integralmente em: <https://adiadorim.org/opiniao/2022/12/pessoas-que-menstruam-entidade-repudia-texto-de-djamila-ribeiro-e-pede-retratacao/>. Acesso em: 22 out. 2023.

doses tomadas e o tempo de hormonização. Fora isso, nem todas as pessoas trans conseguem ou querem fazer uso do hormônio (seja por problemas de saúde, condições financeiras ou escolha estética). Para o criador de conteúdo, é sintomático falar em apagamento das mulheres nessa situação quando uma das principais demandas transmasculinas é justamente o combate da invisibilidade e silenciamento.

Nós, pessoas trans, temos poder para oprimir mulheres? Estão criando um pânico moral em relação a nós. Pessoas transfóbicas querem que você acredite que a travesti negra que está lá na esquina da sua cidade se prostituindo para ter o que comer vai te oprimir, ou então que o homem trans que tem vulva igual a você vai te apagar (YOUTUBE BRASIL, 2022).

No vídeo, Jonas explica brevemente a diferença entre o tratamento de corporalidades – que trata de condições específicas (funções fisiológicas, reprodutivas e/ou sexuais) – e das mulheridades, relacionadas exclusivamente a mulheres (como o feminicídio, por exemplo). Portanto, homens trans devem ser incluídos em discussões quanto a questões biológicas e prevenção de doenças, como o câncer de mama, e saúde menstrual.

Jonas afirma que raramente o debate sobre o uso das expressões “pessoas que menstruam” ou “pessoas que gestam” estabelece diálogo com pessoas trans, sejam homens trans ou não-binários. No caso do texto elaborado pela Djamila Ribeiro na Folha de São Paulo, o criador de conteúdo destaca que a teórica trouxe várias pensadoras negras, mas não inseriu ou sequer mencionou a visão de autores trans, quando a pauta gira em torno deles. Assim, Jonas expõe que a cisgeneridade constrói saberes sobre a comunidade trans, mas nunca constrói-com ela.

A defesa de Jonas quanto ao uso de termos que incluam homens trans, pessoas transmasculinas e não-binárias nas discussões que afetam seus corpos diretamente (sejam por razões médicas ou não) evidencia as pistas deixadas por Maffesoli (1995) acerca das características de construção de saberes na contemporaneidade. Como aponta o autor, as novas dinâmicas de sociabilidade da pós-modernidade estão ancoradas no estar-junto e fazer-com.

No raciocínio do sociólogo francês, vemos que a história humana é marcada por ciclos epistemológicos. Hoje, o que se demarca é a preocupação com o presente, a vida cotidiana e o imaginário, no que ele considerou configurar-se enquanto “estilo estético” (MAFFESOLI, 1995). Conforme os apontamentos do autor, sempre que valores tradicionais e clássicos de uma sociedade ficam saturados, há certa tensão e receio daqueles que não se adaptam e acompanham essas modificações (MAFFESOLI, 2010). A juventude tem um papel fundamental na reivindicação dessas transformações, seja acerca de questões culturais de

forma geral ou até mesmo de especificidades entorno das sexualidades e gêneros, como é o caso do movimento trans.

Baseada nas múltiplas identificações e partilhas afetivas, a vida social cotidiana é constituída nas relações com o outro, no desejo e ideal comunitário, nas emoções comuns e no sentimento de fazer parte. Nesse sentido, os levantes, revoltas e revoluções têm como princípio a ênfase das emoções desse estar-junto e fazer-com, “embaralhando todas as instituições e estruturas estabelecidas” (MAFFESOLI, 1995, p. 151).

A configuração de nosso tempo está fundada nas comunidades dos mais diferentes tipos. Não acompanhar esta transformação é ignorar a participação desses grupos na coisa pública e estigmatizá-los. Como defende Maffesoli (2010, p. 38), é perigoso “não reconhecer a força do pluralismo”.

Já que elas existem, por que não aceitar as diferenças comunitárias, colaborar para que elas se encaixem umas com as outras e aprender a combinar-se com elas? O jogo da diferença, longe de empobrecer, enriquece. Afinal, uma composição desse tipo pode participar de uma melodia social de ritmo talvez um pouco mais brusco, mas não menos dinâmico (MAFFESOLI, 2010, p. 38-39).

O assunto levantado por Jonas Maria continua no vídeo “EXTINÇÃO LÉSBICA, LOBBY QUEER E PANDEMIA TRANSEXUAL?”, do dia 26 de dezembro de 2022. O conteúdo aborda o “pânico antitrans”, no qual Jonas traz algumas narrativas problemáticas em torno da questão trans reverberadas nos meios de comunicação.

De acordo com o criador de conteúdo, a “ideologia de gênero” é um exemplo de pânico moral²⁸, que faz parte do movimento “anti-gênero” surgido nas últimas décadas e fomentado por fanáticos religiosos e políticos conservadores – que discursam sobre a destruição da família, da moral e dos valores tradicionais. Ele cita também a repressão sofrida por Judith Butler em 2017, em São Paulo. Na ocasião, a filósofa foi chamada de “assassina de crianças”, “corruptora de menores” e “porca”, entre outros xingamentos.

Um grupo de manifestantes formado por jovens, adultos e senhores se aglomerou em frente ao Sesc Pompeia desde as 8h30. Eles esbravejavam palavras de ordem e recados irados, amplificados por uma caixa de som improvisada sobre um carro estacionado na calçada. ‘Para os comunistas, os fascistas, as feministas... Tenho um recado para vocês: a revolução familiar começou’, ouvia-se. Os manifestantes transformaram a figura da filósofa em uma boneca de bruxa feita de sacos de lixo, roupas velhas e um sutiã rosa. Sob o chapéu negro pontudo, foi colada uma imagem do rosto de Judith.

²⁸ Miskolci (2007) e Romancini (2018) leem os pânicos morais como um mecanismo de substituição, no qual se faz prevalecer uma visão de mundo distorcida e manipulada no debate público. Para isso, os discursos não antagonizam diretamente um determinado grupo de pessoas, mas se baseiam em aspectos negativos (geralmente vindos de estereótipos), comumente associados ao grupo.

‘Menos bruxas e mais príncipes e princesas’, diziam alguns cartazes empunhados (ÉPOCA, 2017)²⁹.

Jonas resgata novamente o portal da agência Diadorim. Desta vez, a respeito de um levantamento acerca dos mais de 120 projetos de lei contra os direitos LGBTI+ elaborados por parlamentares brasileiros desde o ano de 2019³⁰. No documento, foram identificados quatro aspectos recorrentes dos PLs: i) a proibição do uso de linguagem neutra (59 PLs); ii) a proibição dos banheiros multigêneros (28 PLs); iii) a proibição da veiculação de publicidade que promova a diversidade LGBT (19 PLs); e iv) a proibição da participação de atletas trans em competições esportivas (16 PLs).

A partir desse relatório, Jonas aponta que podemos entender como a comunidade trans está servindo de “bode expiatório” para a propagação dos pânico morais, tendo em que vista que mais da metade dos Projetos de Lei envolvem especificamente a causa. Para o criador de conteúdo, há a possibilidade de que isso seja em razão da maior visibilidade que a comunidade tem adquirido nos últimos anos.

Podemos reiterar o pensamento de Jonas na materialidade da política brasileira. Em audiência pública da Comissão de Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados, no dia 21 de junho de 2023, a Deputada Federal Erika Hilton (PSOL-SP) reforçou que estão sendo difundidos discursos mentirosos a respeito da causa trans no Brasil. No episódio³¹, uma médica anti-vacina teria afirmado que há processos transexualizadores e tratamentos hormonais em crianças no país – o que não se confirma pela mídia, por meio de denúncias ou pela legislação, que só permite o início de tais ações com 18 e 16 anos, respectivamente.

A parlamentar argumentou que as falas induzem as pessoas a acreditarem que se tem uma preocupação em proteger as crianças, mas o que está sendo narrado de fato é a desinformação, a transfobia e a mentira. Além disso, declarações feitas na audiência associam famílias de crianças trans à pedofilia e a hipersexualização na infância, bem como a transexualidade ao transtorno do espectro autista sem qualquer comprovação científica. Portanto, tais discursos se constituem de falas criminosas. A médica em questão ainda é responsável pela teoria de que há uma “epidemia trans” sendo difundida.

²⁹ Texto da reportagem disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofa-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

³⁰ Levantamento disponível em: <https://adiadorim.org/especial/2022/07/em-3-anos-deputados-apresentaram-mais-de-120-pls-anti-lgbti/>. Acesso em: 22 out. 2023.

³¹ Mais informações sobre a reação de Hilton em reportagem do Correio Braziliense, do dia 21 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/06/5103667-erika-hilton-denuncia-transfobia-em-comissao-na-camara-argumentos-falaciosos.html>. Acesso em: 23 out. 2023.

A propagação de mensagens falaciosas acontece não só no Brasil, mas em diversos países nos quais jornais e revistas sugerem absurdos como a “extinção lésbica”, “lobby queer” e “epidemia transexual” – a exemplo, o britânico *The Daily Telegraph* e os norte-americanos *The Tennessean* e *The Spectator*. Em relação a esses sensacionalismos, Jonas Maria argumenta que não há nem uma quantidade suficiente de pessoas trans para que se fizessem tais revoluções (“dominações”), tampouco um poder estrutural ou relevância social.

Existe uma desproporcionalidade em termos de ameaça. Estão construindo ou, para ser mais preciso, estão reforçando a ideia de que nós somos pessoas perigosas, que somos pessoas más e depravadas, que vamos destruir a moral, a família e tudo o que eles mais amam e prezam (YOUTUBE BRASIL, 2022).

Nota-se que o criador de conteúdo propõe uma leitura de mundo a partir da vivência trans, buscando dialogar-com e construir-com. Identificamos ainda que a leitura de Jonas Maria acerca dos pânicos morais se mostra conectada ao contexto sociopolítico brasileiro, seja pelas discussões nos meios tradicionais de comunicação, seja na academia. Esses discursos não só reverberam falácias na esfera pública, como também fazem parte de uma arquitetura de poder, que invisibiliza corpos trans.

2. OS (NOVOS) IMAGINÁRIOS E AS PERFORMANCES DE (RE)EXISTÊNCIAS

No pensamento de G. Durand (2004, p. 117), o imaginário “define-se como uma representação incontornável, a faculdade da simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente”. Segundo ele, o imaginário navega entre o real e o simbólico, sendo formado por uma “bacia semântica”. Esta, por sua vez, é produzida a partir do museu de imagens heterogêneas que são digeridas simbolicamente. O autor aponta um trajeto antropológico que se inicia em ações neurobiológicas básicas, passa por arquétipos e símbolos e chega às imagens mitológicas.

Para M. Maffesoli (2001, p. 76), “a existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens”. O autor afirma que o imaginário é, ao mesmo tempo, impalpável e real. Imbricado ao simbólico, trata-se de uma sensibilidade e um estado de espírito de um grupo, indo além do que permeia a cultura. Ele defende o aspecto coletivo da formação dos imaginários, tendo em vista que estão contidos numa lógica de partilha, laços sociais, afetos e desejo de pertencer.

Para Rocha, Silva e Pereira (2015), o imaginário ainda está associado a politicidades e expressividades públicas, palco da disputa por visibilidade e simbolismos representativos de lugares sociais. Ao pensar na cena pós-periférica, as autoras identificam a dinâmica de espaços híbridos em que há negociação conflituosa de visões de mundo e práticas culturais.

Nessa mesma linha, Rocha et al. (2018) associa o imaginário à possibilidade de criação de outras imagens diferentes do que está estabelecido pelo poder dominante. Este processo se daria a partir dos afetos, emoções, performances cotidianas e visibilização de alteridades, o que acabaria por figurar “experiências culturais diaspóricas” e “subjetividades insurgentes” de pessoas dissidentes.

O imaginário como reflexo de afetos, emoções pode suscitar a emergência de outras imagens do meio em que vivemos, no caso que trazemos aqui, imagens midiáticas diaspóricas de artistas drags, travestis, trans, possibilitando a produção de insurgentes, dissidentes que não se referencializam em binarismos de gênero ou, mais ainda, que apresentam uma concepção não-essencialista dos sujeitos (ROCHA et al., 2018, p. 8-9).

Vemos a disputa de imaginários e subjetividades refletida no contexto brasileiro. Com a intensa polarização política no país e a ascensão do conservadorismo em todo mundo, acentua-se as práticas de violência, censura, cerceamento e repressão empreendidas contra grupos dissidentes. No entanto, cada vez mais iniciativas estéticas e discursivas combatem a precarização da existência de minorias e a ofensiva reacionária voltada às dissidências sexuais e de gênero.

Tendo isso em mente, sugerimos que os criadores de conteúdo mapeados nesta pesquisa promovam performances de (re)existências como tática de enfrentamento e resposta às adversidades. A noção de (re)existência não diz respeito apenas a práticas de resistência em si, mas se caracterizam ainda pelos atores que “também protagonizam, ocupam, negociam, escapam, existem, criam, perseveram, e assim por diante” (FERNANDES et al., 2022, p. 17).

A discussão sobre as expressões não normativas e não binárias de gênero vem ocupando o debate público no Brasil e no mundo, e, sem dúvida, o alcance e o impacto de artistas e ativistas de gênero contribuíram para um modo de visibilidade exponencial e midiático das questões relacionadas a esse debate. Mapear e analisar as características desse *boom* expressivo parece-nos essencial para compreender o que exatamente se atualizou [...] (FERNANDES et al., 2022, p. 12).

No cenário das mídias digitais, V. Susca indica a existência de um “imaginário conectivo”. Este deixa de ser religado somente ao campo lúdico, ao entretenimento e imaginação, e torna-se a “matriz do estar-junto contemporâneo” (SUSCA, 2019, p. 49). A interação com o outro é reveladora do papel das sensibilidades transpolíticas do nosso tempo na vida cotidiana, que se estende pelas redes.

Podemos, sem exagerar excessivamente a interpretação, associar o paradigma de vida e de beleza àquilo que se forma dia após dia nos jogos linguísticos, nas relações sociais e na imaginação simbólica implantada nas paisagens midiáticas contemporâneas e, mais geralmente, nos territórios em que se exprimem as pulsões transpolíticas da vida cotidiana (os mundos do consumo e do entretenimento, os lugares do estar-junto sem objetivo, as zonas de autonomia temporária subtraídas ao trabalho, os bairros sensíveis nos quais prevalece, apesar de tudo, um sentimento alegre da existência). O espetáculo retornou na carne da vida cotidiana, e esta o desvia contra as intenções daqueles que o conceberam, absorvido sob a forma de desejo de poder, de ação, de visibilidade, levado por uma tensão perpétua a pôr em movimento o imaginário e a deixá-lo agir sobre o mundo (SUSCA, 2019, p. 22).

Como caracterizou Rincón (2016, p. 41), aqueles que querem “estar nas telas da autoestima pública (meios e redes) com voz, rosto, história e estética própria” são *cidadãos celebrities* que prezam pelas narrativas no relato midiático, constituído fundamentalmente pelo conflito. As fronteiras imagéticas e discursivas impostas são borradas quando estes atores se tornam porta-vozes, a(r)tivistas e criadores de conteúdo digital.

Se fazer visível para eles se dá pela ação coletiva, o significar-com, ser estrela da sua própria tela. Nesse sentido, enxergamos todos os quatro sujeitos de pesquisa com a potência das *cidadanias celebrities* que, segundo Rincón (2016), configuram-se em:

Lideranças midiáticas, ativismo político nas telas e novos formatos de comunicação. Nisto é que se dão as **cidadanias celebrities**: uma expressão e visibilidade bastardizada: todas as telas, estéticas e formatos são possíveis para os novos heroísmos da sobrevivência popular (RINCÓN, 2016, p. 43).

Assim, reforçamos as “potências estético-comunicativas” (FERNANDES, 2005) na atuação pós-massiva de criadores de conteúdo dissidentes de gênero e sexualidade, cujo efeitos estamos mapeando nesta pesquisa. Indicamos a força das imagens e corporalidades na reinvenção dos imaginários.

2.1. O que entendemos como performance

Os Estudos da Performance tiveram origem em departamentos como o de Teatro, Artes Visuais, Dança, Sociologia e Antropologia, que abordaram profundamente o tema. A partir da década de 1960, momento no qual a arte da performance rompeu grandes barreiras culturais e institucionais (TAYLOR, 2023), as investigações se desdobraram para as mais diversas disciplinas.

Para Taylor (2023), os Estudos da Performance mostraram-se não apenas interdisciplinares, mas pós-disciplinares, contando também com a visão dos próprios artistas a respeito de sua prática. Este processo se dá pela criação de uma base, de uma lente epistemológica própria. A autora pontua ainda que a performance pode ser discursiva, mas não somente, pois se dá pelos atos e na força política do corpo. Além disso, devemos sempre enxergá-la em seu contexto, suas visualidades, ritmos de ação e a qual público se dirige.

Tendo como base a pesquisa de D. Taylor, visualizamos a performance enquanto um saber. De acordo com a pesquisadora, devemos entendê-la como um processo que se move entre o simular e as novas construções do real. Ao contrário do que imaginamos a respeito de seu caráter efêmero, devemos visualizá-la como um “repertório contínuo de gestos e comportamentos que são reencenados ou reativados repetidamente” (TAYLOR, 2023, p. 30).

Ainda conforme a autora, a performance engloba atos repetidos com uma lógica e tempo próprios. Logo, engloba comportamentos convencionais ou eventos de uma cultura, como um jogo de futebol e um funeral. Para esse tipo de investigação, busca-se compreender não somente os rituais de um povo ou as manifestações de um artista, mas também a consolidação de identidades nas sociedades letradas, semiletradas e digitais.

Segundo Taylor (2013), a desvalorização da performance como um saber faz parte da colonização das Américas, projeto que pretendia destruir as formas incorporadas de memória dos povos originários. Leitora de D. Taylor, Martins (2021) reafirma que as culturas americanas são fruto da mútua influência entre os europeus, indígenas e africanos, ainda que houvesse diferença de legitimidade, hierarquia e uso da força dominante dos colonizadores. Isto é, as práticas performáticas dos colonizados resistiram e se mantiveram vivas, apesar de

toda a repressão física e simbólica, que impunha a cultura letrada como única fonte legítima de conhecimento.

Esses processos de resistência ocorreram seja pela camuflagem ou pela recriação de práticas ancestrais. Mais especificamente sobre as culturas africanas e afro-brasileiras, Martins (2021) visualiza que os rituais, performances e cerimônias de dança, cantos e transmissão oral da memória perpetuaram não só hábitos do cotidiano, como também os mais sofisticados pensamentos, filosofias e estéticas.

A ideia de corpo-tela e corpo-imagem de L. M. Martins enfatiza que o corpo é *locus* de inscrição e transmissão de saberes, um *corpus* cultural e historicamente conotado pela linguagem. Nesse sentido, ao enunciar pensamentos-performances dissidentes, entendemos que os criadores de conteúdo aqui estudados adentram “um circuito de expressão, potência e poder” (MARTINS, 2021, p. 80).

Quando olhamos para o digital, novas práticas corporais estão sendo naturalizadas (como a digitação e as *selfies*). Considerando que “as plataformas digitais criam seus próprios ambientes experienciais, permitindo-nos trabalhar, interagir e experimentar em múltiplos níveis simultaneamente” (TAYLOR, 2023, p. 129), criadores de conteúdo na internet têm a possibilidade de desenvolver subjetividades não-normativas com suas comunidades.

De acordo com Gorini (2019), as tecnologias de comunicação estão intimamente ligadas aos corpos dissidentes na construção de performatividades políticas. Tendo em vista que a performance é uma prática do corpo, entendemos que ela sempre é mediada por ele e pelos que o observam. Por meio dela, é possível conhecer e interpretar o mundo, transmitir e produzir conhecimento.

Quanto às dissidências, Taylor concorda com a perspectiva de J. Halbertam e J. Butler acerca do caráter performativo do gênero. Quando nascemos, já nos é atribuído o título de homem ou mulher. Ou seja, somos inseridos em um mundo ocidental cheio de códigos e expectativas sociais binárias.

Nesta discussão, acrescentamos a perspectiva de B. Bento (2003). A autora afirma que todos os sistemas de controle são interdependentes da cultura e “não existem corpos livres de investimentos e expectativas sociais”. Ao nascer, segundo ela, nossos corpos já nascem “maculados pela cultura” e “cirurgiados por tecnologias discursivas precisas que irão determinar e validar as formas apropriadas e impróprias dos gêneros” (BENTO, 2003, p. 1).

Portanto, o gênero faz parte de um regime disciplinar com a força de definir o que devemos ser, fazer e quais funções temos que desempenhar. Enquanto processo de

socialização que gera (ou não) senso de pertencimento um grupo, o gênero é encenado e reencenado a todo instante – configurando-se também enquanto performance.

2.2. O impacto da performatividade cisgênero na construção do “eu”

Experenciamos no corpo a reiteração forçada das normas cisgênero, que estabilizam a binariedade e as distinções pela genitália como provas biológicas irrefutáveis de que seríamos enquadrados como “homem” ou “mulher”. No entanto, ao contrário do que se instituiu, o gênero não se faz pela divisão sexual, mas, sim, pela repetição estilizada de atos no tempo (BUTLER, 2003).

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero (BUTLER, 2003, p. 200).

A noção de performatividade de gênero de J. Butler traz a ideia de que o gênero só existe quando é desempenhado repetidamente. Em outras palavras, a materialidade do corpo é palco da compatibilidade forçada das normativas cis e heterossexual, que são encenadas repetidamente sem que nos demos conta, como se fossem intrínsecas à existência humana.

O trabalho da autora busca exprimir que práticas sexuais não definem o que somos, tampouco o gênero atribuído, pois discursos regulatórios atuam sobre os corpos, controlando-os e naturalizando sistemas de poder que se falseiam essenciais. Nesse sentido, o discurso é um agente com o poder de reiterar e produzir fenômenos impostos e regulados por ele, tendo em vista que “nós só passamos a existir enquanto sujeitos no momento em que os outros determinam que somos homens ou mulheres” (COLLING, 2018a, p. 28).

Deste modo, Butler (2019) reflete que o gênero é um modelo de ação que se faz e refaz a todo instante. Na performatividade, torna-nos reconhecíveis dentro dos limites políticos do nosso tempo; aqueles que dissidem dessa lógica não são reconhecidos nem legitimados e têm seus corpos precarizados em condições de ameaça à vida.

Ao estudar a arte *drag queen*, J. Butler (2003) sugere que há possibilidade de subversão da coerência entre sexo-gênero-desejo e prática sexual. Para ela, gênero é um artifício flutuante considerando que “homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2003, p. 25).

Sobre a noção de performatividade, Paul B. Preciado aponta que o gênero não é somente performativo, mas também prostético. Ou seja, que se dá fundamentalmente na materialidade dos corpos sendo uma mistura do orgânico e o artificial. Segundo o autor, o gênero:

Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais (PRECIADO, 2014, p. 29).

A obra *Manifesto Contrassexual* (2014) propõe a renúncia dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos das práticas significantes de identidades sexuais fechadas e determinadas naturalmente. No texto, Paul B. Preciado traz a ideia de *corpos falantes*, que reconheceriam a si mesmos e uns aos outros abandonando a classificação homem/mulher.

A partir dessa noção, sugerimos que há imagens corporais que por si só desafiam a binariedade, sem que para isso atos performativos discursivos sejam necessários. Acerca das pessoas intersexo, por exemplo, o autor afirma que a tentativa de atribuição de sexo em bebês com mais de uma genitália ou com a proeminência de um órgão em relação ao outro evidencia que o sistema binário e seus simbolismos “não passam de uma questão de centímetros” (PRECIADO, 2014, p. 78).

Embora a corporalidade seja um elemento fundamental na compreensão das “tesouras sociais de gênero e sexualidade”, as verdades fabricadas a partir disso não estão ancoradas apenas no corpo, mas também “nas possibilidades múltiplas de construir novos significados para os gêneros” (BENTO, 2003, p. 4). São essas possibilidades que buscamos identificar nesta cartografia, considerando a materialidade do nosso tempo informacional e político.

2.3. Mapeando pensamentos-performances

2.3.1. O corpo intersexo, desestabilização e novas pedagogias sexuais e de gênero

Em 2022, o Brasil elegeu Carolina Iara (PSOL-SP), a primeira deputada estadual intersexo das Américas. Enquanto codeputada, ela faz parte de um mandato coletivo, eleito na candidatura composta por outras quatro mulheres. Seu exemplo de vida evidencia que as “tesouras de gênero” se mantêm não apenas no discurso médico, mas nas práticas médicas.

As mutilações de bebês intersexo são uma realidade em muitos países. Em entrevista, a parlamentar relatou ter passado por três cirurgias entre 0 e 12 anos de idade para que se cortasse a “ambiguidade genital” do seu corpo³². Por meio do relato de Carolina Iara e outros ativistas da causa, percebemos ainda que a invisibilidade da população intersexo no Brasil é latente à medida em que o grupo sofre com a falta de direitos básicos e reconhecimento jurídico.

A violência médica permeia a vivência das pessoas intersexo de forma direta. Elas têm no corpo (geralmente, ainda infantil) a materialidade que desafia a binariedade de gênero.

Os chamados corpos “intersexuais” comprometem o trabalho mecânico da mesa de atribuição dos sexos, minam secretamente a sintaxe segundo a qual a máquina sexual produz e reproduz corpos. Os bebês intersexuais representam uma ameaça, alteram a fronteira para além da qual há diferença, e aquém da qual há identidade. Põem em xeque o automatismo performativo da mesa de operações. Evidenciam a arbitrariedade das categorias (identidade e diferença, macho/fêmea) e a cumplicidade que essa categorização estabelece com a heterodesignação dos corpos (PRECIADO, 2014, p. 131).

Nesta pesquisa, temos contato com a experiência de vida de outra pessoa intersexo. No Dia Internacional da Visibilidade Intersexo, celebrado em todo 26 de outubro, Bielo Pereira publicou um vídeo no Instagram (@hellowbielo) de publicidade para a Amstel na campanha #IAMOrgulho em 2022. Na postagem³³, ela traz informações sobre a sigla I de LGBTQIAP+.

Segundo Bielo, uma pessoa intersexo é alguém com uma condição biológica que pode nascer com a anatomia reprodutiva/sexual diferente das convenções de macho e fêmea e/ou apresentar características que fogem de fatores “típicos” hormonais, cromossômicos, fenotípicos ou de órgãos internos atribuídos às convenções de masculino e feminino. No passado, usava-se socialmente o termo “hermafrodita”, advindo da medicina, porém concordamos com Bielo sobre o caráter limitante desta palavra que se refere a apenas um tipo de DDS (Distúrbio de Desenvolvimento Sexual).

Enquanto pessoa intersexo, Bielo Pereira passou a se entender dessa forma com o desenvolvimento do seu corpo ao longo da puberdade. Conforme Jesus (2012), alguém intersexo é:

Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno

³² Informações retiradas de entrevista em reportagem do IG Queer, disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-10-26/visibilidade-intersexo-carolina-iara-deputada-estadual-joao-marcus-abrai.html>. Acesso em: 02 jan. 2024.

³³ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CkMtvjZoXG0/?igshid=M2MyMzgzODVINw%3D%3D>. Acesso em: 02 jan. 2024.

ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas (JESUS, 2012, p. 25).

Além de intersexo, Bielo Pereira também é uma pessoa bigênera: homem e mulher ao mesmo tempo, o tempo todo, independente da imagem social que apresenta. Segundo ela, uma pessoa bigênera pode ter uma representação ou forma de se expressar de um gênero em específico, mas isso não faz dela “menos bigênera”. É importante mencionar que bigênera é um aspecto da não-binariedade, que também está inserida no guarda-chuva transgênero.

A animalização e patologização de pessoas trans é um aspecto recorrente nas falas de Bielo. Evocando a visão negativa e violenta da medicina sobre esses corpos, Preciado (2022) afirma que o regime da diferença sexual (a binariedade) é uma jaula na qual as pessoas são aprisionadas e aquelas que se libertam (os corpos trans) são tidas como os monstros.

Segundo o autor, “toda sexualidade não heterossexual, todo processo de transição de gênero ou toda identificação de gênero não binária dispara uma proliferação de diagnósticos” (PRECIADO, 2022, p. 32). Por uma série de fatores, P. B. Preciado diz ter escapado dessa jaula e escolhido essa tal “monstruosidade” num processo de “descolonização do corpo”, no qual encontrou uma vida plena apesar de todas as violências.

Hoje, vejo com clareza: se não tivesse sido indiferente ao mundo ordenado e supostamente feliz da norma, se não tivesse sido abandonado pela minha própria família, se não tivesse preferido minha monstruosidade à heteronormatividade social, se não tivesse optado pelo meu desvio de gênero ante a saúde sexual de vocês, eu jamais teria conseguido escapar... ou, para ser mais preciso, me descolonizar, me desidentificar, me desbinarizar. Ao sair da jaula da diferença sexual, conheci a exclusão e a rejeição da sociedade, mas aceitar a norma teria exigido algo ainda mais desastroso e doloroso: a destruição da minha potência vital (PRECIADO, 2022, p. 34).

Seguindo as pistas da “monstruosidade”, como apontado por Preciado (2022), percebemos que a crítica a este imaginário e às práticas necropolíticas sobre pessoas trans está presente na narrativa de Bielo Pereira. Partindo da sua própria experiência enquanto pessoa bigênera e intersexo, a criadora de conteúdo traz consigo o relato de muitas violências simbólicas sofridas a partir da patologização e animalização do seu corpo.

Atuando novamente como coapresentadora do DiaCast, em 10 de agosto de 2022, Bielo Pereira entrevistou a advogada e criadora de conteúdo Fayda Belo. As duas conversaram sobre a importância da interseccionalidade para um feminismo mais plural, entre outros assuntos. Ambas comentaram que as mulheres trans são animalizadas no Brasil e Bielo reforçou o caráter fortemente religioso da sociedade brasileira ao afirmar que é

“demonizada”: “eu tenho muita passabilidade³⁴ e isso me salva em muita coisa, mas meu nome é Bielo, as pessoas estranham [...]. Percebo que fora desse eixo Rio-São Paulo ainda é muito preconceituoso. As pessoas realmente me olham como um bicho”.

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador (LOURO, 2008, p. 22-23).

Ao relatar as violências e os olhares sobre a monstruosidade, é possível identificar que Bielo tensiona e desestabiliza o sistema binário de gênero por meio do seu corpo e suas performances incorporadas. Consequentemente, ela nos ajuda a enxergar novas possibilidades de existência, com outras formas de ser, estar e expressar o gênero e a sexualidade – o que se caracteriza, seguindo as pistas de Louro (2008), como uma “pedagogia contemporânea”.

2.3.2. Pensando imagens de gênero, essencialismos e a desidentificação

Em abril, foram publicados três vídeos no canal de Jonas Maria no YouTube. O primeiro deles, intitulado “Todo Trans é Igual? (não tão óbvio assim)”, trata-se de um conteúdo reflexivo sobre gênero e *passabilidade* de pessoas trans. Nele, o criador de conteúdo constrói seu pensamento-performance com o resgate do discurso médico sobre a transexualidade, seguindo a explanação de B. Bento (2008).

Conforme a autora, o médico endocrinologista Harry Benjamin forneceu as bases de diagnóstico do que seria o “verdadeiro transexual” em um livro publicado na década de 60. Para Jonas Maria, ao instituir a transgeneridade como uma doença, o médico acabou indicando que todos sentiram os mesmos “sintomas”. A partir disso, o criador de conteúdo afirma que se construiu uma narrativa trans universal, que ignora não só a pluralidade das experiências, como também os fatores sociais, políticos, culturais, históricos e geográficos.

No vídeo, Jonas Maria ressalta que não concorda com a forma que se categoriza a transexualidade, nem com nenhuma definição simplista que a reduza a uma única coisa, pois um fator importante da comunidade é o quanto ela é heterogênea. Isto é, Jonas confirma que

³⁴ O termo ‘passabilidade’ é utilizado para designar pessoas trans que possuem traços físicos e/ou traços que as tornam “passáveis”, ou seja, a estarem menos suscetíveis a julgamentos transfóbicos. Nesse sentido, uma mulher trans com passabilidade é aquela cuja aparência se assemelha à imagem de uma mulher cis, por exemplo.

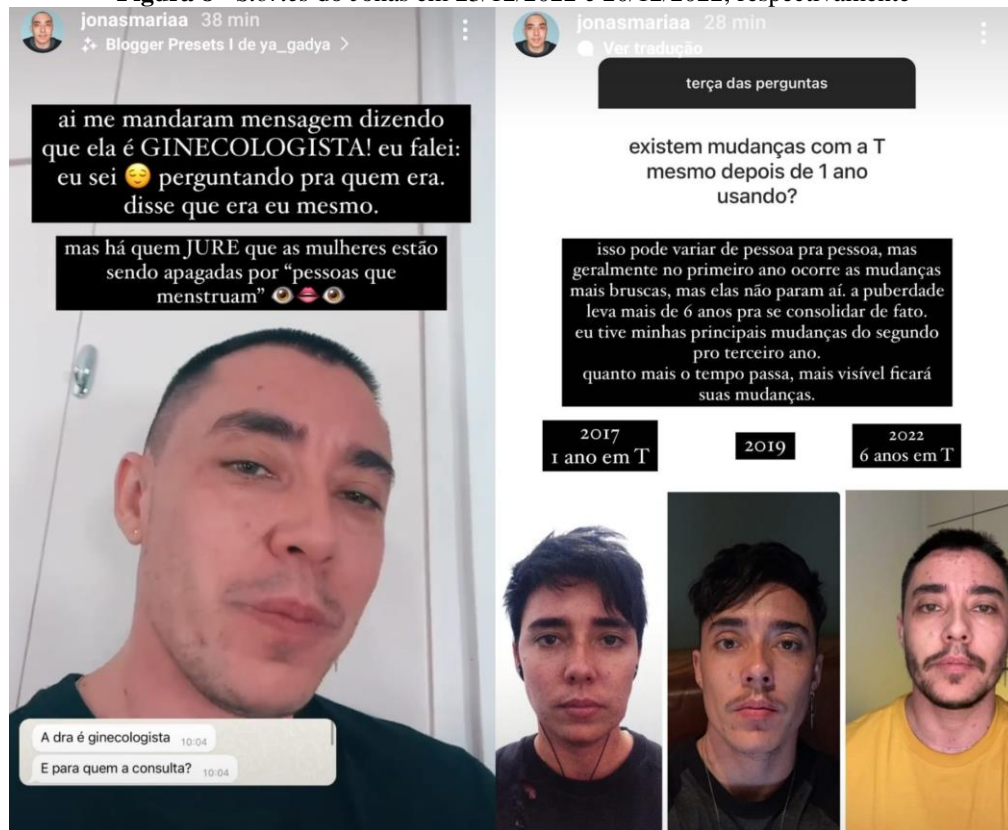
peças da comunidade trans podem compartilhar a mesma identidade, mas não as mesmas posições sociais. Há a tendência, por exemplo, de pessoas hormonizadas/operadas terem mais legitimidade e *passabilidade*. Por isso, o criador de conteúdo sublinha que as vezes esquecemos ou ignoramos o poder das imagens.

Existe uma imagem de gênero e ela diz respeito a roupas, comportamentos, gestos, modos de falar [...]. No nosso momento histórico e conforme a sociedade que a gente está inserido, o vestido ainda é uma peça de roupa de mulher. Embora a gente esteja tentando ressignificar isso, um homem cis vestindo um vestido é percebido e tratado diferente de uma mulher cis vestindo um vestido. Um homem trans com uma cicatriz no peito e sem volume na cueca é percebido de modo diferente de um homem cis que não tem nada disso. Gênero, sendo uma construção social, utiliza não só das diferenças sociais para se construir, mas também dos códigos sociais.

Eu ter me operado e me hormonizado, embora me legitime mais enquanto trans e embora isso seja visto como uma maior adequação ao sistema (“cistema”), também me coloca em lugar de violência. Eu sou uma cobaia para a medicina, que ainda está estudando os efeitos da testosterona em pessoas como eu. Eu tenho uma cicatriz no peito que, se identificada, pode me colocar em uma situação de perigo. Eu não tenho profissionais qualificados para lidar com o meu corpo, que é xx mas faz uso contínuo de testosterona... a maioria [dos profissionais de saúde] não sabe o que fazer. E uma pessoa trans que não passa por isso está em outro lugar, e esse outro lugar não é necessariamente melhor ou pior, mas é diferente. E me incomoda as pessoas, sobretudo as pessoas trans, apontando quem é trans e quem não é – quase que revisitando aquela ideia do século passado de quem são os transexuais de verdade e os de mentira (YOUTUBE BRASIL, 2022).

Pelo Instagram (@jonasmariaa), o criador de conteúdo compartilha episódios corriqueiros em que a vivência de homem trans estabelece conflito, como ao marcar uma consulta ginecológica. Além disso, ele interage diretamente com os seguidores ao responder perguntas sobre o processo de hormonização com a testosterona [figura 8].

Figura 8 - *Stories* do Jonas em 23/12/2022 e 20/12/2022, respectivamente



Fonte: prints de *stories* do Instagram feitos pela autora nas datas de postagens

Em 25 de abril de 2022, Jonas Maria publicou o vídeo “MASTECTOMIA: o pós-operatório (com fotos)”, que faz parte da série “**Jonas, o despeitado**”. Na publicação, ele conta detalhes da sua experiência, mostra imagens da época e dá dicas para quem quer fazer o procedimento.

O criador de conteúdo defende que todos têm direito de escolher como a cirurgia vai ser conversando previamente com a equipe médica. É possível indicar preferência pela posição da aréola, seu tamanho ou até se não a quiser, além de, em alguns casos, poder decidir qual será a técnica cirúrgica. Segundo o relato, Jonas havia percebido que gostaria que suas aréolas ficassem um pouco mais baixas em comparação às mastectomias realizadas pelo mesmo profissional em outros pacientes.

Nesse sentido, Jonas reafirma que, apesar de não ser considerada uma cirurgia estética, a mastectomia impacta na autoestima e no olhar que o corpo receberá, em como será lido socialmente. Ele não se lembra de quanto tempo durou o procedimento, mas que, quando acordou, ainda sentia os efeitos da anestesia e teve dificuldades de respirar. Ao longo do vídeo, o criador de conteúdo avisa que vai incluir no vídeo imagens sensíveis de cicatriz, hematomas e afins.

Figura 9 – Story do Instagram publicado em 1/11/2022



Fonte: print tirado pela autora na data da publicação

No dia 5 de setembro de 2022, Jonas postou o vídeo intitulado “Não me “sinto” mulher/homem” no seu canal no YouTube. A fim de promover um “exercício mental”, o criador de conteúdo questiona as expressões ‘eu não me sinto homem/mulher’; ‘eu não me identifico como homem/mulher’.

A partir da sua experiência, Jonas Maria diz que nunca se sentiu mulher, mas também nunca se sentiu homem. No entanto, como pontuou, compartilhar essa mesma desidentificação não lhe enquadra automaticamente enquanto pessoa trans. Para o criador de conteúdo, a noção de gênero não deve ser compreendida de tal maneira, porque não existe uma forma – ou fórmula – de se sentir mulher ou se sentir homem.

Conforme seu pensamento, o que entendemos como “sentimentos masculinos” e “sentimentos femininos” tem a ver com a nossa cultura, então achar que isso seja uma escolha individual acaba criando um essencialismo do “ser homem” e “ser mulher”. É como dizer que é natural da mulher ser carinhosa e é natural do homem ser agressivo, por exemplo.

Jonas pondera que o que existe são os sentimentos vindos das questões de gênero, como sentir-se feliz e realizado ao ser tratado de determinada maneira. Segundo ele, quando alguém cisgênero declara essa felicidade, não é questionado. O cenário muda quando se trata de uma mulher trans, por exemplo: “como assim você se sente feliz na nossa sociedade? Ser

mulher é ser explorada!”. Em outras palavras, o criador de conteúdo resume que “todo mundo se relaciona com o gênero de alguma forma, mas só as pessoas trans são alvos de críticas”.

Para Jonas, o “sentir-se homem” ou “sentir-se mulher” é mais uma figura de linguagem, uma metáfora, do que a descrição de um sentimento propriamente dito. Na experiência dele, ao ouvir essa expressão, nada lhe é comunicado. “Como é que eu sei como eu me sinto como homem?”. Ao final, o criador de conteúdo estimula que pensemos: **o que quero dizer quando digo que não me sinto como determinado gênero?**

De acordo com o pensamento-performance de Jonas, ninguém em sã consciência se identificaria com classificações de um sistema patriarcal, machista, LGBTfóbico etc. Sendo trans, as pessoas podem ser mal interpretadas ao afirmarem tal coisa, porque soa como se concordassem com esse sistema de gênero e quisessem manter a divisão binária hierárquica – quando, na verdade, gênero não é uma escolha, mas uma imposição.

Não é isso que nós queremos, porque é limitante, é violento, é mentiroso. Somos muito mais do que homem ou mulher. O que eu acho importante, ao utilizar essa expressão, é entender que quando alguém fala que não se identifica como homem ou mulher há vários sentidos possíveis nessa frase. Talvez, quando alguém fala isso queira dizer que justamente não concorda com esse sistema, que rejeita essa classificação. Mas discordar do sistema não necessariamente implica que a pessoa seja trans; da mesma forma que, dizer que se identifica como homem ou mulher, não necessariamente quer dizer que essa pessoa concorde com esse sistema ou essa classificação (YOUTUBE BRASIL, 2022).

Enquanto homem trans, Jonas enfatiza que não busca a perpetuação dos privilégios masculinos e que esta é uma visão binária. Portanto, achamos interessante transcrever seus questionamentos: é possível se identificar com algo e ainda sim discordar dele? Como essa maneira de falar afeta a forma como eu me percebo, a forma como o outro me percebe e a forma como o outro percebe a si mesmo?

Essa é uma discussão cara aos estudos *queer*. Como um expoente dessa corrente teórico-filosófica, a visão de Preciado (2022) contra as noções de homem e mulher nos remete à performance discursiva de Jonas Maria nas plataformas digitais. Ambos vivenciam a transição de gênero, o “estatuto” de corpo trans masculino e a experiência de “intoxicação voluntária” (como apresentado em *Testo Junkie*, 2018), com aplicação da testosterona.

Recebi uma designação do sexo feminino e, assim como o macaco mutante, me desvencilhei dessa “jaula” estreita para entrar em outra – mas ao menos, dessa vez, por minha própria iniciativa. Falo hoje a partir dessa jaula escolhida e redesenhada do “homem trans”, do “corpo não binário”. Alguns dirão que se trata sempre de uma jaula política: em todo caso é uma jaula melhor que a dos “homens e das mulheres”, uma vez que tem o mérito de reconhecer sua condição de jaula (PRECIADO, 2022, p. 15-16).

Em 26 de setembro de 2022, o vídeo publicado por Jonas Maria direciona o debate para as classificações de sexualidade. O criador de conteúdo inaugura a reflexão declarando que, apesar de só se relacionar com mulheres, não se considera heterossexual. Ele salienta que parte do seu próprio entendimento identitário e que, portanto, não fala em nome de toda comunidade ou de outra pessoa trans.

“Quando me entendo trans, viro automaticamente hétero, mesmo que essa classificação não tenha tido nenhum significado para mim. Pelo contrário, foi a classificação que sempre me violentou”. Em vista disso, Jonas comenta que não há nada na sua vivência ou no seu relacionamento amoroso com a companheira Nátaly Neri que tenha a ver com a heterossexualidade. O sexo, a forma de relação com o corpo, seu círculo social, os anseios e objetivos do casal, os lugares frequentados, as referências e preocupações são diferentes quando comparadas a de pessoas cisheterossexuais.

De acordo com o relato, Jonas nunca esteve na régua da heterossexualidade. Quando criança, era identificado pelo outro enquanto lésbica – cuja denominação o acompanhou até os 25 anos de idade. Em mídias como as novelas, nem as mulheres e tampouco os homens heterossexuais se pareciam com ele, ao contrário dos casais homossexuais que compartilhavam os mesmos medos e anseios.

A respeito desse ponto levantado por Jonas, sugerimos que o criador de conteúdo reafirma a potência da transitividade enquanto um lugar de prática de sentido e modo de vida. Isto assinala que as múltiplas possibilidades de existência, experimentação e práticas incorporadas estão na força do devir, do vir a ser, e não no que está “cristalizado” nas normatividades.

A ideia trazida por Haraway (2019) e reforçada por Mons (2023) de seguir-com o problema nos ajuda a refletir que habitar o que é encarado como distúrbio ou desordem é uma maneira de reapropriar o sensível do mundo, possivelmente atuando como forma de responder a questões urgentes do presente. Enquanto pessoa trans, Jonas perturba a categoria binária de gênero e desmistifica o essencialismo biológico vivendo intensamente o transitivo. Isto é, ele carrega consigo a metamorfose, a ruptura e os estranhos agenciamentos que nos obrigam a ter uma “perspectiva nômade, lábil e fluida” sobre estes corpos (MONS, 2023, p. 12).

O criador de conteúdo acrescenta ainda que o planejamento familiar de um casal com alguém trans é totalmente diferente do que o de um casal cisheterossexual. Ele relata que não tem casais de amigos grávidos e que nunca havia ido a um casamento de um amigo. Enquanto os héteros estão sendo padrinhos de filhos e de casamentos, ou estão sendo promovidos no trabalho, as amigas de Jonas estão querendo saber se vão viver até os 35 anos de idade.

“Não sou heterossexual como os homens héteros porque, no fundo, não sou homem como o homens cis”. Ao refletir que a base da heterossexualidade é a diferença sexual e a procriação, o criador de conteúdo reafirma a sua não-relação com a heterossexualidade e a rechaça completamente. No entanto, há pessoas trans que reivindicam esse lugar, o que, para Jonas, também não as desqualifica.

Ao ser encaixado na categoria heterossexual, Jonas afirma que isto apaga quem ele é, apaga suas diferenças enquanto ator social, ignora sua trajetória de vida, sucumbe as complexidades da vida que ele não desconsidera. Apesar do seu relacionamento ser lido como heterossexual e, por isso, gozar de privilégios, continua não se encaixando nessa identificação. Houve uma construção identitária anterior à essa ótica, que posicionou Jonas em outros lugares. Como conclusão, o criador de conteúdo afirma não saber qual termo se classificar: “apenas digo que me relaciono apenas com mulheres”.

2.3.3. Os imaginários a partir da moda favelada e da relação homoafetiva

O início das postagens em 2022 no canal da Blogueira de Baixa Renda se deu com a segunda temporada da série “Minimalismo Baixa Renda”, composta por dez vídeos publicados de 7 de fevereiro a 8 de março daquele ano. Segundo Nathaly Dias, o minimalismo “virou uma febre” nas redes sociais e passou a ser banalizado por criadores ricos com postagens como “minha coleção minimalista de bolsas de grife”. Embora acredite que o conceito tenha sido deturpado, “Blô” admite sentir falta de trazê-lo para a realidade baixa renda tendo em vista que a prática do minimalismo poderia facilitar a saúde, as finanças e o tempo gasto de uma pessoa pobre.

Com a ascensão da plataforma online Shein (varejista chinesa de comércio internacional) nos anos mais críticos da pandemia de Covid-19³⁵, questionou-se a venda de produtos a preços extremamente baratos. Além disso, passou-se a debater, na esfera pública da internet, as condições de trabalho às quais os funcionários de toda cadeia produtiva da empresa estariam submetidos. Apesar das problemáticas, Nathaly Dias disse compreender “os baixa renda” com corpo fora do padrão, como pessoas gordas e pessoas com deficiência, que veem no *fast fashion*³⁶ uma alternativa mais acessível.

³⁵ O varejo online foi um hábito que se manteve em alta no Brasil em 2022, de acordo com o TIC Domicílios.

³⁶ *Fast fashion* é caracterizado como o movimento da indústria têxtil no qual os itens são fabricados, consumidos e descartados muito rapidamente, aumentando os danos ao meio ambiente. Fenômenos como a plataforma Shein já podem configurar o movimento *ultra fast fashion*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/roupas-descartaveis-novo-padrao-de-consumo-na-era-do-ultra-fast-fashion/>. Acesso em: 17 out. 2023.

A complexidade dos padrões de consumo de pessoas de baixa renda é explicitada por Nathaly Dias, que destaca que “todo mundo da favela usa Adidas e Nike”. Enfatizando a compra de roupas originais, o discurso da criadora de conteúdo tem a intenção de desmistificar a ideia de que os favelados não consomem itens caros ou que apenas adquirem peças falsificadas.

Para Martins (2021), a vestimenta é um veículo de mensagens que integra as práticas corporais performáticas. Segundo a autora, o modo de vestir produz imagens, desenha cenografias e traduz hábitos. Os simbolismos presentes na moda favelada, seus significados e efeitos no imaginário e na formação das emoções públicas indicam uma dimensão estética representativa de situações de classe, raça, territorialidade, sexualidade, autoestima etc.

A Blogueira de Baixa Renda menciona que nunca foi procurada pelas marcas que consome para um contrato de publicidade. Isso evidencia como a juventude favelada é invisibilizada em espaços de grande projeção mesmo quando os jovens adquirem certa visibilidade no meio digital. Uma campanha de lançamento da Adidas, em parceria com a Farm em 2018, exemplifica a questão.

Na ocasião, uma das inspirações para uma nova coleção foi a musicalidade presente na dança do Passinho Foda, do Rio de Janeiro. Para a divulgação dos produtos, as empresas produziram um vídeo pouco representativo, o que foi trazido por H. Oliveira no artigo “Tensões sociais e visibilidade da dança Passinho Foda” (2022).

A campanha foi protagonizada por modelos e um dançarino, em sua maioria brancos, que não sabiam dançar o Passinho no turístico cenário do monumento a Estácio de Sá com o fundo do Pão de Açúcar. As críticas logo surgiram e teve grande repercussão e consternação por parte dos dançarinos [do Passinho Foda], pela ausência tanto de artistas legítimos quanto de uma representatividade ou de representações que fizesse jus aos ambientes em que a dança é praticada – bailes de favela – ou às lutas de personagens que contribuíram para a legitimação da dança (OLIVEIRA, 2022, p. 315).

Depois das críticas, o vídeo publicitário foi refeito com a consultoria de representantes do movimento Passinho Foda, como o dançarino Iguinho Imperador, mostrando a importância do “fazer-com” e não somente utilizar a cultura da favela e os favelados como objetos estereotipados. Além disso, o conteúdo foi filmado na região onde a dança ‘ganhou vida’, na zona norte da cidade.

Com a ‘viralização’ das bolsas da grife Bottega Veneta, que se assemelhavam a toalhas, a Blogueira de Baixa Renda publicou o vídeo “reagindo a itens de luxo” em março de 2022. No conteúdo, o conceito de moda de luxo foi criticado por ela, que ironizou a compra de itens fúteis e extremamente caros por parte das blogueiras. No vídeo, Nathaly Dias navega pelo aplicativo Farfetch, um *marketplace* de lojas de alto valor.

A criadora de conteúdo comenta os produtos no seu primeiro uso do aplicativo, mostrando não saber todas as funcionalidades: “não sei nem mexer nesse aplicativo de rico”, brinca. Autointitulada “pobre prime”, “Blô” satiriza a compra de itens mais caros que o valor do salário-mínimo: “não aceito minhas amigas blogueiras com consciência de classe gastarem 11 mil reais numa bolsa da Prada [...]. Ninguém virou Neymar ou Bruna Marquezine. Estão todas classe média no máximo”.

Já no vídeo postado em 25 de agosto de 2022, a Blogueira de Baixa Renda responde a perguntas pessoais feitas pelos seguidores. No conteúdo, ela comenta que a relação com o ex-namorado se manteve ótima após o término por se tratar de uma relação que “sempre foi muito esclarecida”, na qual ela já falava abertamente que, se um dia terminassem, não voltaria a se relacionar com homens.

Apesar disso, a sexualidade da produtora de conteúdo acabou sendo pautada com mais veemência após a separação, o que ficou ainda mais acentuado quando mostrou publicamente namorar uma mulher. No conteúdo mapeado, Nathaly Dias pondera sobre a dimensão fluida das sexualidades, mas relata que passou a se entender enquanto mulher lésbica recentemente, mesmo sabendo que gostava e sentia atração por mulheres desde a infância.

O relacionamento homoafetivo mudou aspirações de vida da “Blô”, segundo o relato. Ela passou a desejar se casar e ter filhos no futuro. Ao revelar o desejo para experimentar essa dinâmica afetiva, a Blogueira de Baixa Renda expõe a possibilidade de um outro olhar sobre o casamento formal e a maternidade lésbica fora do controle heteronormativo e de oposição radical entre união civil e relação homoafetiva.

É possível perceber uma mudança epistemológica sobre a temática, na qual o casamento formal e a maternidade surgem como uma escolha de vida, e não como forma de manifestação do poder masculino. No entanto, Miskolci (2007) salienta que instituições como o casamento e a família podem provocar um “efeito de enquadramento” para parte das pessoas homossexuais.

As transformações em curso nas relações sociais e nas instituições como o casamento e a família geram pânicos morais que visam culpabilizar e controlar grupos estigmatizados. A parceria civil (ou casamento) entre pessoas do mesmo sexo beneficiará com maior aceitação social um grupo privilegiado e mais convencional de gays e lésbicas, enquanto pouco ou nenhum benefício trará para os não enquadrados, quer os que recusam a institucionalização e normalização de suas vidas amorosas, quer aqueles para os quais ainda restará o estigma da perversão sexual (MISKOLCI, 2007, p. 125).

Os próximos cinco vídeos do canal da Blogueira de Baixa Renda fizeram parte de uma série na qual a produtora de conteúdo ensina a fazer bolo no pote – alimento que ela vendia

durante a faculdade de administração para se sustentar e, posteriormente, chegou a vendê-los no escritório onde estagiava para complementar a renda. Nesta série, “Blô” ensina o passo a passo de todo o processo que fazia naquela época, incentivando os seguidores: “eu não sou boa na cozinha. Se eu consegui fazer sabendo o mínimo, você também consegue”.

Ao longo das publicações, em tom irônico, Nathaly Dias reafirmou que seu canal é voltado para pessoas de baixa renda, mas que “as de alta renda” são bem-vindas porque ela adora quem tem consciência de classe. No vídeo seguinte à série, postado no dia 31 de outubro de 2022, a Blogueira de Baixa Renda mostra um novo “desapego” das roupas, comentando novamente sobre seu estilo: “tem dia que eu quero acordar e ser patricinha da favela. Tem dia que eu quero acordar e ser jogadora, botar a minha Kenner, meu cordão de “ouro” escrito ‘da favela para o mundo’, com boné bem sapatão... eu tenho minhas personalidades”.

Notamos, por meio desse mapeamento, que a Blogueira de Baixa Renda aponta o caráter multifacetado da expressão favelada, bem como o seu imbricamento no modo de se vestir, nas representações de classes sociais, manifestações culturais e performance de gênero e sexualidade. Seu pensamento-performance corrobora que “movimentos corporais, expressões faciais, falares, cantares, roupagens são formulações estilísticas, nos remetem a idiomas e estilos culturais” (MARTINS, 2021, p. 104).

Em 25 de novembro de 2022, “Blô” publicou um vídeo respondendo comentários de ódio, dentre os quais questionavam a sexualidade dela e do ex-namorado. No conteúdo, Nathaly Dias esclareceu que só porque o ex-namorado não performa a figura do “macho alfa”, tentam tirá-lo do armário a todo instante. Ao receber a pergunta “você virou lésbica?”, “Blô” ironiza o emprego do verbo virar e debocha ao ler um comentário que dizia: “quanto mais a mulher se torna feminista, mais masculina ela fica”.

Como tradição familiar, todos os anos a família de Nathaly Dias compra roupas de presente de aniversário para seu irmão. Novamente se pauta as roupas de marca, sobretudo quando “Blô” aborda a prática que os favelados têm em consumirem itens da Lacoste – mesmo após ações controversas da marca, que contratou artistas e modelos pouco representativos para uma campanha nas redes sociais do Brasil³⁷. A produtora de conteúdo digital também fala, em tom lúdico, sobre a semelhança de seu irmão com o rapper carioca L7nnon: “É o L7nnon de Baixa Renda”.

³⁷ O episódio aconteceu em setembro de 2021, quando a Lacoste contratou quatro modelos para uma campanha no Brasil. Destes, apenas uma pessoa era negra. A escolha foi passível de críticas, sobretudo pelo movimentos musicais do funk e *trap*, em decorrência da “estética de ostentação” que exalta o uso da marca há alguns anos no país. Disponível em: <https://shre.ink/IDUV>. Acesso em: 02 jan. 2024.

Depois da ida às compras, Nathaly Dias também mostra sua ida à casa de parentes da namorada. A visita para o aniversário de uma sobrinha da companheira provocou certa tensão, pois a menina havia declarado em outra ocasião que “menina com menina não pode” (referindo-se ao namoro da tia com a blogueira). Ao final do vídeo, “Blô” contou que tudo havia dado certo, apesar de elas terem evitado demonstrar carinho publicamente, o que expõe seu receio e a necessidade de se proteger de violências a respeito da sua sexualidade.

Na visão de Preciado (2018), tecnologias como a indústria farmacêutica, a pornografia e a mídia fabricam e exploram os nossos prazeres. Ao pensar nisso, sugerimos que a reprodução e performance do modelo heterossexual, tanto dentro de relações sexuais e afetivas quanto socialmente, pode ter limitado a *potentia gaudendi* da Blogueira de Baixa Renda durante anos³⁸. Relacionamos isso ao fato de que, segundo algumas declarações públicas da Blô, ela havia dificuldade de sentir prazer em relações sexuais com homens, momentos nos quais se sentia frustrada e nem mesmo entendia o que motivava essa privação – situação que podemos entender como parte do que compõe a heterossexualidade compulsória³⁹.

Mesmo tendo um namoro lésbico declarado publicamente, assistido por mais de 250 mil seguidores nas redes sociais, espaços como reuniões familiares ainda bloqueiam a plena manifestação da sexualidade de Nathaly Dias. Ainda assim, indicamos que a *potentia gaudendi* (PRECIADO, 2018) tem a força de nos fazer escapar pelas frestas dessa regulação. Os desejos falseados pela heterossexualidade são desmantelados, dando lugar àqueles que foram freados e agora rompem com as normas e se manifestam no corpo. Na relação com uma mulher, “Blô” passou a ter uma nova leitura de si, adquirir outros objetivos, sentir afetações que não existiam nas relações heterossexuais e imaginar outros mundos possíveis.

2.3.4. Esse Menino, a subversão do monstro e a reivindicação das bichas

No dia 10 de junho de 2022, o *reels* postado por Esse Menino faz menção à “ocupação hétero” em São Paulo com a ida dos homossexuais para o festival de música Primavera Sound, realizado em Barcelona, na Espanha. O humorista utiliza noções do imaginário

³⁸ Breve comentário da Blô sobre heteronormatividade em videopodcast, a partir dos 4min50s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L3xtB7cv87U>. Acesso em: 04 fev. 2024.

³⁹ Segundo Colling (2018a), o conceito de heterossexualidade compulsória vem sendo utilizado desde os anos de 1980 e pensa a desnaturalização da heterossexualidade, considerando que, ao constituir nossa sexualidade somos influenciados, doutrinados e vigiados em diversos setores (seja pelas narrativas midiáticas, práticas religiosas, discursos médicos e jurídicos, entre outros).

associadas aos homens (tanto homossexuais quanto heterossexuais) para insinuar a mudança do espaço e ambiência da cidade, que estaria sob a “doutrinação hétero”.

[...] Os héteros invadiram Vila Madalena, Bela Vista, “Santa Cê” ... tomaram os apartamentos. Vi imagens fortíssimas aqui agora, tenebrosas do que eles fizeram com a decoração. Desfizeram o *feng shui* das gatas, pegaram a decoração que elas tinham e colocaram decoração industrial. Fizeram a samambaia de refém. As vitrolas, as coleções de vinis, tacaram fogo em tudo, ‘tá’? E substituíram por *action figures* (INSTAGRAM, 2022).

O jogo com os estereótipos continua no *reels* publicado no dia 19 de setembro de 2022, no qual Esse Menino compartilha um trecho do seu espetáculo de humor em que pede que os rapazes gays da plateia se manifestem. Em seguida, ele afirma: “o gay principal aqui hoje sou eu. Se vier aquela vontade de aparecer, guarda. Elas ficam “quando é a minha vez?”, “e quando que vai ser eu?”, “eu também consigo, eu também sou boa”. Eu chamo essa bicha de Bicha Ciro Gomes”⁴⁰.

No dia 23 de setembro, o tema do *reels* postado por Esse Menino é o Dia do Orgulho Bissexual. O criador de conteúdo afirma que vai defender suas amigas do lugar-comum de que pessoas bissexuais não são confiáveis para manter um relacionamento. Três dias depois, em 26 de setembro, é publicado mais um trecho do espetáculo do humorista, no qual ele diz que é ridículo achar possível “transformar alguém em travesti” e “transformar alguém em gay”: “até porque, se desse para transformar, eu estaria igual Testemunha de Jeová na porta das casas suas na intenção de converter. Toc toc toc. Bom dia, a senhora acredita que a Rihanna está voltando?”.

Em 21 de novembro de 2022, o *reels* publicado por Esse Menino traz o aspecto LGBTfóbico do Qatar, sede da Copa do Mundo de Futebol daquele ano. No vídeo, o humorista comenta o uso do *Guthra* (ou *Gutra*), lenço feito de algodão utilizado na cabeça dos homens no país. A peça possui diferentes significados, com fundo religioso e cultural, mas o criador de conteúdo brasileiro sugere que o objeto também possa atuar como uma armadilha para “identificar” homossexuais: “seria muito difícil para mim como gay ‘tá’ lá, ter que usar isso aqui e não [coloca o lenço atrás da orelha e o joga como se estivesse de cabelo grande]” – performatizou ao encenar trejeitos tidos como afeminados na corporalidade de homens gays no Brasil.

No dia 28 de novembro, o *reels* postado no perfil @essememino no Instagram interpreta como seria entrevistar o primeiro jogador da seleção brasileira de futebol declarado

⁴⁰ Na eleição de 2022, Ciro Gomes se candidatou pela 4ª vez ao cargo da Presidência do Brasil com uma postura crítica aos governos de Lula e Jair Bolsonaro, assumindo o papel de uma suposta “terceira via” na campanha.

homossexual publicamente. Enquanto repórter, Esse Menino declara uma série de estigmas associados aos gays e às bichas, fazendo perguntas de cunho sexual carregadas de misoginia.

O vídeo simula um possível sensacionalismo midiático a respeito da pauta, bem como as falsas crenças, estigmas e estereótipos presentes no imaginário brasileiro, que por vezes promovem o silenciamento dessas pessoas. Além de associar o grupo ao interesse por moda e salto alto, por exemplo, o foco das piadas o conteúdo gira em torno do constrangimento causado por perguntas sobre sexo anal e oral, masturbação e pênis ereto no vestiário.

Ao final da entrevista fictícia, Esse Menino encena que o suposto jogador entrevistado se exaltou e mostrou indignação em relação às perguntas feitas. O atleta afirmaria que “sexualidade não interfere na profissão” e que ele, como qualquer jogador, estaria na Copa por ser qualificado. Por sua vez, o repórter terminaria a entrevista chamando o entrevistado de “bicha safada”.

Figura 10 - Vídeo do Esse Menino do dia 28 de novembro de 2022



Fonte: print do vídeo no perfil @essemenino no Instagram, tirado pela autora em 17/05/2023

De acordo com Butler (2021, p. 13), “a denominação ofensiva tem o risco de introduzir no discurso o sujeito que utilizará a linguagem para rebater a denominação ofensiva”. Esse Menino faz isso ao escrachar a força imagética do corpo com sua ironia ao

“dizer sem dizer”; atuando não somente pelas palavras, mas também pelos gestos, olhares e caricaturas.

No Brasil, parte do que entendemos hoje como comunidade LGBTQIAP+ marca seu lugar enquanto Bicha. Conforme a explanação de L. Colling, em relação aos homossexuais, isso ocorre porque buscam se desassociar dos “gays padrões”, que, por vezes, reproduzem comportamentos e hábitos de vida ligados à heterossexualidade.

Isto é, “a identidade gay, a depender da situação e contexto, está vinculada a um tipo de vida, comportamento, modo de ser e estar no mundo que as bichas não desejam para si” (COLLING, 2018a, p. 49). Os “gays padrões” podem ter corpos musculosos, agir como valentões que praticam bullying e rechaçar qualquer mínima manifestação de suas feminilidades⁴¹.

Ao estudar o grupo, sob influência de Deleuze e Guattari, Zamboni (2016) afirma que a Bicha é um devir, fruto de um processo inventivo e em constante mutação – o que se conecta ao que comentamos anteriormente sobre o “viver na transitividade”, no mapeamento de Jonas Maria. Conforme os apontamentos, “no Brasil, a bicha é uma personagem fundamental na configuração da categoria de homossexualidade” (ZAMBONI, 2016, p. 14).

De acordo com o autor, as Bichas escapolem às categorias. Segundo ele, parte do poder dominante no país combate as territorializações bichas e busca universalizar a experiência dessas pessoas através de uma formação cultural amparada na identidade “gay”, que, a todo instante, nega a bicha.

No entanto, mesmo com as sucessivas tentativas de silenciamento e esvaziamento de sentido, as Bichas persistem.

Radical, a bicha questiona qualquer fundamento possível para o ser, especificamente o humano das democracias modernas. Uma figura problemática, uma personagem incômoda, corruptiva das imagens estáveis e confortáveis que criamos para nós mesmos. A bicha configura uma insistente problematização do que somos, rejeitando as finais soluções — que são sempre propostas pretendendo exterminar o problema, (dis)solver suas (com)posições (ZAMBONI, 2016, p. 12).

A complexidade da performance de Esse Menino em seu perfil no Instagram se dá por meio da subversão das narrativas homofóbicas e “bichafóbicas”. Ele resgata e ressignifica as expressões Bicha enquanto atitude política, modo de saber e prática de vida. De forma direta, o movimento feito pelo humorista em seus vídeos expõe as violências simbólicas sofridas

⁴¹ Movimento similar é empreendido pelas mulheres lésbicas. Muitas delas se apropriam do termo “sapatão” como luta política, o que também está conectado à manifestação de suas masculinidades como algo pelo qual se orgulham e reforçam suas dissidências. Hoje, nota-se ainda uma ressignificação das lésbicas “caminhoneiras” nas redes sociais, associadas à categoria “desfem” (lésbicas não femininas) – ver mais em Novaes (2023).

pelos homossexuais. Nesse sentido, incentiva-se a reflexão crítica sobre as narrativas estereotipadas difundidas e assentadas no imaginário, além da disputa de sentido que separa os gays das bichas (mesmo que todos sofram retaliações e preconceitos, mas em diferentes níveis).

3. A ORALITURA DISSIDENTE NO ENFRENTAMENTO ÀS NECROPOLÍTICAS

Neste capítulo, debateremos com maior profundidade um tipo de performance incorporada em específico: a linguagem falada, tão presente nas performances dos criadores de conteúdo pesquisados. Para Martins (2021), a linguagem oral torna-se um ambiente de memória que, através da voz e do corpo, configura-se como prática performativa. Ao pensar na construção da memória negra no Brasil, a autora indica que a textualidade oral agiu no exercício e na transmissão de códigos e saberes censurados – sendo representativa do que ela encara como meio de enunciação do sujeito e de sua coletividade. Portanto, concordamos que “o que no corpo e na voz se repete é também uma episteme” (MARTINS, 2021, p. 23).

Ainda de acordo com a autora, a palavra é poder e ação. Além de agenciar rituais, a linguagem é, em si, ritualística. Em contribuição aos Estudos da Performance, L. M. Martins aponta que o borramento da dicotomia entre oralidade e escrita nos permite olhar para a complexidade das performances incorporadas e orais. Para entendermos como isso acontece, ela sugere o conceito de “oralitura”.

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasura da dicotomia entre a oralidade e a escrita. A oralitura é do âmbito da performance, seu agenciamento, e nos permite abordar, teórica e metodologicamente, os protocolos, códigos e sistemas próprios da performance, assim como o *modus operandi* de sua realização, de sua recepção e afetações, assim como suas técnicas e convenções culturais, como inscrição e grafia de saberes (MARTINS, 2021, p. 41).

Portanto, a oralitura nos auxiliaria a enxergar o que e como pessoas dissidentes discursam e se expressam não apenas por palavras, mas também através das ressonâncias da prática performática da fala, manifestada em suas corporeidades. Por meio de postagens nas redes sociais, os criadores de conteúdo aqui estudados produzem, inscrevem e disseminam saberes num *modus operandi* próprio de comunicarem com e em suas comunidades digitais. Portanto, sugerimos esta lente analítica como mais uma chave de interpretação da pesquisa; desta vez, para visualizar as estratégias semânticas e “armas performativas” empreendidas por Bielo Pereira, Blogueira de Baixa Renda, Esse Menino e Jonas Maria.

3.1. A ênfase das mudanças como fenômeno em curso: a última geração “dos únicos”

No dia 5 de junho de 2022, a Dia estúdio transmitiu a *live* da Parada LGBTQIAP+. Num dos recortes publicados no canal da rede, Bielo Pereira contou um pouco da relação com a mãe evangélica, que passou a respeitar sua identidade de gênero após ouvir o pastor da igreja que frequentava. Apesar da repressão vinda do fanatismo religioso, do conservadorismo e das *fake news* associadas à comunidade LGBTQIAP+ (como a “cura gay”), a criadora de conteúdo afirmou perceber mudanças de discurso e de pensamento no Brasil até mesmo fora dos diálogos empreendidos no meio digital e das mídias não-massivas.

Na visão de Bielo Pereira, essas transformações são projetadas a partir da experiência pessoal e da troca com colegas que também são dissidentes sexuais e de gênero. Para ela, há uma mudança de linguagem e de cosmovisão que se encaminha para normalizar corpos e identificações que não sejam cisheteronormativos. Conforme o pensamento da criadora de conteúdo, a vivência LGBTQIAP+ é uma vivência que “se espalha pelos lugares”.

No final de 2022, em 12 de dezembro, Bielo foi entrevistada no podcast “Com Alma” pela modelo Mariana Goldfarb. Tivemos acesso a ele por meio do *streaming* Spotify⁴². Durante os 66 minutos de conteúdo, as duas conversaram sobre assuntos que envolvem empoderamento feminino, pressão estética, gordofobia, gênero e autoestima.

Embora demarque um nicho específico de atuação, vemos que Bielo age por múltiplas facetas considerando as vivências interseccionais. Ela pondera que todo mundo sofre pressão estética, mas, por ser uma pessoa gorda maior⁴³, seu discurso cobra a acessibilidade de corpos semelhantes ao dela. Na entrevista, a criadora de conteúdo comentou os entraves que passou para conseguir assistir ao show da cantora Rosalía, em São Paulo, pela falta de uma cadeira adequada na área do mezanino.

No episódio, Bielo disse ter precisado mobilizar uma equipe para resolver a questão com a organização do evento. Apesar de, por vezes, sentir-se constrangida, ela afirmou que tenta se manter positiva e sempre cobrar acessibilidade nesses espaços por ser fundamental ocupá-los. Segundo a criadora de conteúdo, é possível sentir o impacto da sua presença nos lugares que frequenta só pela visualidade de seu corpo.

⁴² Disponível em: <https://shre.ink/T0E6>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁴³ Categoria que, convencionalmente, inclui quem veste roupas a partir do tamanho 56. A subdivisão no movimento gordoativista destaca que pessoas gordas maiores enfrentam mais opressão e exclusão social que corpos menos gordos.

Ao pensar nas pessoas trans e negras, Bielo reflete:

Com os espaços e acessos que estamos galgando, nós vamos ser a última geração dos primeiros, dos únicos [...], da gente chegar e falar “nossa, eu ‘tô’ aqui nesse hotel, eu sou a única pessoa trans, a única pessoa preta que ‘tá’ aqui [...]”, porque **a gente já tá conseguindo se criar em comunidades para que a gente esteja em todos os lugares**. Quando a gente vai falar dos dados de pessoas trans e travestis aqui no Brasil, a gente vai falar sobre a mortalidade. Então, a gente vai falar que é 35 anos de idade o limite de uma pessoa trans branca e 28 anos o de uma pessoa trans preta. Teoricamente, eu já estou vivendo um ano a mais do que a sociedade diz que eu deveria estar vivendo. E não é isso. Eu sei que eu sou dessa primeira geração que a gente vai começar a alterar esse dado, porque a gente está chegando em lugares e fazendo coisas que são diferentes. Eu nunca precisei fazer muitas das coisas e ter os trabalhos que muitas das minhas irmãs trans e travestis têm que ter para que hoje elas possam ter uma vivência diferente dessa realidade [de pobreza, prostituição e marginalização], para que as pessoas trans e travestis que, hoje, graças à deusa, estão conseguindo se reconhecer cada vez mais novas possam vir com uma possibilidade de futuro em qualquer coisa (SPOTIFY BRASIL, 2022).

Em sua fala, vemos que as novas práticas de sociabilidade, acesso e visibilidade de pessoas trans e negras é a ênfase do discurso de Bielo. Além disso, ela também tratará da acessibilidade para pessoas gordas ao comentar a dificuldade de encontrar roupas que sirvam no seu corpo. No dia do casamento da irmã, a criadora de conteúdo precisou improvisar uma peça de última hora porque a que mandou fazer com uma costureira não deu certo. “Não importa o dinheiro que eu tenha, não vou conseguir entrar numa loja e comprar uma roupa”, relatou.

Nesse sentido, Bielo discute a problemática da gordofobia pelo modo como o Brasil “vende” a imagem do corpo magro como o mais bonito, melhor e mais saudável. Em 2021, o país foi o segundo que mais realizou cirurgias plásticas, com mais de 3 milhões de procedimentos cirúrgicos e não cirúrgicos, de acordo com uma pesquisa global realizada pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (International Society of Aesthetic Plastic Surgery, ISAPS)⁴⁴. O tipo mais comum realizado foi a lipoaspiração, com 275.191 procedimentos (o que representa 13,4% do número total).

Em dezembro de 2022, Bielo participou de *lives* cuja pauta era uma retrospectiva daquele ano. A primeira delas se tratou da retrospectiva da Dia Estúdio, no dia 22 de dezembro, em que a criadora de conteúdo celebrou ter integrado a primeira transmissão totalmente formada por apresentadores negros no canal Multishow, sendo também a primeira pessoa trans a transmitir o Rock In Rio na mesma emissora de TV fechada.

⁴⁴ Dados disponíveis em: <https://www.isaps.org/discover/about-isaps/global-statistics/reports-and-press-releases/global-survey-2022-full-report-and-press-releases/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

Além do Rock In Rio, Bielo também esteve na transmissão dos festivais de música Afropunk, na Bahia, e Turá, em São Paulo. Ela afirma ter percebido a sua relevância no meio digital naquele ano, o que a impulsionou a estar em lugares de destaque, conversar com pessoas com alta visibilidade midiática e ter podido efetivamente ser ela mesma em todos os momentos. Já no dia 26 de dezembro de 2022, na *live* da produtora de conteúdo e jornalista Foquinha, Bielo relembrou com felicidade a entrevista que fez com a *drag queen* Glória Groove e com a cantora Liniker⁴⁵ [figura 11] nos dias em que as artistas se apresentaram no Rock In Rio.

Figura 11 - Bielo Pereira entrevista a cantora Liniker na cobertura do Rock In Rio 2022



Fonte: print de vídeo no canal do Multishow, no YouTube, feito pela autora em 10/07/2023

Ao assistirmos e ouvirmos os conteúdos de Bielo Pereira, majoritariamente com mais de uma hora de duração, entendemos que ela adapta, renova e propõe assuntos por meio de uma linguagem sensível e direta. Isso acontece geralmente pelo uso de testemunhos e relatos em primeira pessoa, que sempre a colocam como dona do discurso em relação às causas que defende. Entre seus testemunhos, há relatos de episódios em que sofreu violência simbólica, nos quais ela enfatiza o estigma enfrentado por pessoas trans negras e gordas, que têm seus corpos animalizados e/ou patologizados.

Por outro lado, nota-se também que a criadora de conteúdo afirma haver um contexto de mudanças em como pessoas dissidentes são encaradas no Brasil, discursando em tom

⁴⁵ Liniker de Barros Ferreira Campos é cantora, compositora, atriz e artista visual brasileira. Aos 27 anos de idade, em 2022, tornou-se a primeira artista trans a vencer um Grammy Latino – sendo premiada em duas categorias: Melhor Álbum de Música Popular Brasileira e Melhor Canção Brasileira. Em 2023, foi considerada imortal pela Academia Brasileira de Cultura (ABC), sendo a primeira mulher trans e travesti a receber o título.

positivo sobre as conquistas próprias e aquelas empreendidas pelo movimento LGBTQIAP+. Além disso, Bielo narra o estreitamento de suas relações afetivas pelos novos imaginários que têm sido formados.

Pelo mapeamento de seus conteúdos, identificamos ainda que ela busca entender como chegar (ou continuar chegando) à transformação concreta de práticas culturais e políticas no país. Para tal, abre-se espaço para que seus entrevistados também tragam suas histórias de vida para que se possa estabelecer relação com outras vivências dissidentes.

Quanto às mudanças exaltadas, desdobram-se diferentes esferas da sociedade brasileira. Dentre elas, a) a das **instituições**, como a presença trans nas universidades; as ambiguidades do discurso religioso, nas brechas entre o ultraconservadorismo e a mudança na forma de comunicar a religiosidade evangélica; b) a de aspectos de **poder econômico**, como na reflexão sobre a ascensão financeira de mulheres negras com acesso a espaços luxuosos com possibilidades de escolha; c) a **relação com o trabalho dos produtores de conteúdo digital dissidentes**, sobretudo na encruzilhada da relação entre o posicionamento e a atuação das marcas contratantes, os períodos de oferta de campanhas, a identificação e o papel social do criador de conteúdo.

Ao final, é possível visualizar que a construção narrativa de Bielo Pereira nas plataformas digitais de atuação, tendo como base a transformação do olhar sobre as dissidências sexuais e de gênero, estimula sentimentos positivos, de empoderamento e esperança em sua comunidade. A partilha de emoções e experiências comuns é uma das principais táticas argumentativas da criadora de conteúdo, que busca expor as dificuldades e, ao mesmo tempo, as potencialidades da vivência e resistência dos corpos dissidentes no Brasil.

Dentre suas formas de atuação, ela o faz por meio da exaltação do contato com outros criadores e artistas dissidentes, como foi o caso da entrevista com a cantora Liniker, mulher trans negra. Assim, Bielo demarca que pessoas como ela, atravessadas por diversos marcadores sociais estigmatizados no país, podem ocupar espaços de visibilidade, lazer, consumo e produção de conhecimento. Ainda que práticas necropolíticas contra grupos minoritários estejam fortemente introjetadas, já há mudanças em curso para que esta seja a última geração dos únicos.

3.2.O “papo reto” da Blogueira de Baixa Renda com a estetização da vida

Nas produções da Blogueira de Baixa Renda, cria-se uma atmosfera que estabelece proximidade com o público e a identificação de seus pares. Pelo Instagram, Nathaly Dias defende que seus *stories* contam um episódio novo de sua vida todos os dias. No YouTube, ela constrói vínculos em sua comunidade digital por meio de relatos pessoais e de reflexões que surgem do cotidiano, com vídeos que majoritariamente variaram de 10 a 30 minutos.

O canal no YouTube arquiva vídeos em formato de *vlogs* que mostram a rotina da criadora de conteúdo, seja por meio de faxinas (o “Faxina e Fala”⁴⁶), compras no supermercado e conversas com familiares enquanto tomam café. Dos 65 vídeos publicados em 2022, 45 foram *vlogs*, além de vídeos especiais de séries (15) e receitas (5). Por meio desse estilo, “Blô” manda o “papo reto” da vivência favelada.

No mês de abril de 2022, foram publicados cinco vídeos no canal: 1) *vlog* sobre compras de itens para a casa, (1) *vlog* de compras no supermercado, (1) *vlog* mostrando a casa de uma amiga, que também mora no Morro do Banco e (2) *vlogs* de Faxina e Fala, com arrumação de casa e pensamentos do dia a dia. Por meio da simplicidade temática dos conteúdos, ressaltamos que Nathaly Dias introduziu algumas questões de classe do cotidiano dos brasileiros, tais como o preço dos alimentos, o poder de compra dos chamados “pobres prime”, a estrutura física e ambiência da favela, entre outros aspectos.

No primeiro vídeo, “Blô” diz que precisou comprar um purificador de água para não ter que beber a água da Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos), que, segundo ela, estava marrom e com gosto de terra. Esse problema⁴⁷ afetou grande parte dos municípios do Rio de Janeiro durante os primeiros anos da pandemia de Covid-19, enquanto a companhia passava paralelamente pelo processo de privatização. Para solucionar a questão dentro de casa, Nathaly Dias ressaltou que pagou caro pelo purificador, no valor de R\$799,00, mas que acredita ser fundamental expor os preços para que os seguidores tenham ideia de seus gastos reais.

Já no primeiro vídeo do mês de maio de 2022, a criadora de conteúdo publicou um “Faxina e Fala”. Desta vez, o vídeo intitulado “Lavando a louça e falando besteira” levanta

⁴⁶ É comum que blogueiras de moda e beleza publiquem conteúdos em vídeo no formato “Maquia e Fala”, nos quais conversam com os seguidores enquanto se maquam. Já para Nathaly Dias, o modelo gravado é o de “Faxina e Fala”, que se alinha à proposta do canal Blogueira de Baixa Renda em retratar momentos do dia a dia das pessoas de baixa renda.

⁴⁷ Desde 2020, a Cedae enfrentava uma crise de contaminação, que se repetiu em 2021. Em novembro de 2022, a companhia de abastecimento de água afirmou ter eliminado o problema. A empresa montou um “painel sensorial”: grupo composto por 15 técnicos que provam diariamente a água fornecida a fim de evitar uma nova crise, principalmente pela substância geosmina. A medida ficou conhecida na grande imprensa, nos veículos digitais e locais como os “sommeliers de água”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/11/27/com-sommelier-de-agua-e-novas-tecnologias-cedae-diz-ter-eliminado-problema-da-geosmina.ghtml>. Acesso em: 08 jan. 2023.

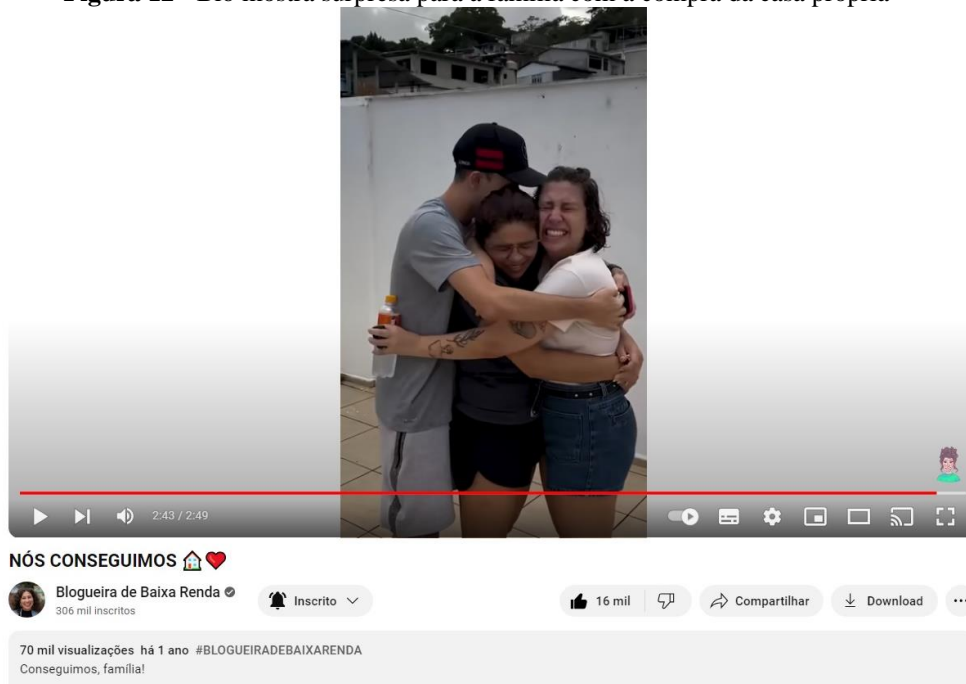
algumas reflexões e relata anseios pessoais. A Blogueira de Baixa Renda contou ter passado por dias difíceis em relação à saúde mental, com o tratamento para ansiedade. Além disso, comentou ter “o sonho da casa própria” – presente no imaginário brasileiro como um desejo para 87% da população, sobretudo para os mais jovens e pobres⁴⁸.

Ainda sobre a questão da moradia, “Blô” disse ter vergonha dos programas de televisão que reformam “casa de pobre” com enredos apelativos e que investem nos sentimentos dos participantes. No vídeo, ela faz referência ao quadro “Lar Doce Lar”, apresentado por Luciano Huck há pelo menos 15 anos na grade da TV Globo: “não tem pobreza que me faça ir a um programa de TV para ganhar uma obra na minha casa”, satirizou a criadora.

Um dia após essa publicação, o vídeo postado em 6 de maio de 2022 mostra a surpresa feita pela Blogueira para a família com a compra da primeira casa própria, no Morro do Banco. No conteúdo de dois minutos e 50 segundos, Nathaly Dias afirma que, mesmo sendo uma casa simples e na favela, é a concretização de um sonho. Ela mostra a reação da mãe e do irmão e chora ao abraçá-los. Intitulado “nós conseguimos”, o conteúdo ainda traz a ideia de que os seguidores da “Blô” também fazem parte da conquista.

⁴⁸ O dado é de uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha e o Quinto Andar, que entrevistou 3.186 pessoas a partir dos 21 anos de idade, presencialmente, em todas as regiões do Brasil. Segundo o levantamento, divulgado em fevereiro de 2022, quanto mais pobre, mais se sonha em ter casa própria: 92% da classe D em comparação a 70% da classe A. A maior porcentagem de faixa etária com o sonho da casa própria é de 91%, entre os jovens de 21 a 24 anos. A análise também revelou que ter casa própria e uma profissão são as maiores prioridades dos entrevistados. Disponível em: <https://conteudos.quintoandar.com.br/censo-quintoandar-habitos-da-casa/>. Acesso em: 25 out. 2023.

Figura 12 - Blô mostra surpresa para a família com a compra da casa própria



Fonte: print do vídeo no canal da criadora feito pela autora em 30/01/2024

A publicação seguinte, do dia 11 de maio de 2022, mostra um dia de compras no Mercado de Madureira, em que “Blô” filmou lojas e lanchonetes simples do local. O Bar do Dudu foi descrito por ela como tendo uma “estética perfeita de bar do Rio de Janeiro” [figura 13].

Figura 13 - “Mercadão de Madureira onde o Rio é mais carioca



Figura 14 - Bar do Dudu, no Mercadão de Madureira



Fonte: frames do vídeo no canal Blogueira de Baixa Renda, no YouTube

Em 7 de novembro, a Blogueira de Baixa Renda publica um vídeo no qual sua mãe, Ana Lúcia, responde perguntas dos seguidores. A parente se mostra um pouco ansiosa por estar à frente das câmeras de forma não espontânea como de costume. Por isso, mãe e filha respondem juntas, enquanto Fernanda (a namorada da “Blô”) faz alguns comentários ao fundo e sem aparecer.

Mãe e filha estão sentadas à mesa, onde costumam aparecer juntas tomando café na sala de casa, com as xícaras à mostra. É possível perceber que o cenário é intimista, como um retrato do cotidiano que se apresenta como parte da rotina familiar. Isto é, é como se o cenário mais ou menos montado para o vídeo encenasse “a casa do povo brasileiro”, o que pode remontar as memórias afetivas de grande parte dos espectadores.

No conteúdo, a Blogueira comenta rapidamente que seu irmão Renatinho não ligou quando ela disse estar namorando uma mulher. Já a “Mãe da Blô” afirma ser íntima de Fernanda, que elas mantêm uma relação próxima e se veem todos os dias. “Dou esporro todos os dias, ainda sou chamada de abusada”, brinca.

Sobre a história de vida de Ana Lúcia, ela cita que, durante todos os anos em que morou com os pais em Solânea, sua cidade natal, não havia energia elétrica em casa. Apesar de sentir falta dos familiares, a “Mãe da Blô” enfatiza seu apreço pelo Morro do Banco. “Eu gosto de tudo, eu gosto de morar aqui, é muito legal, tranquilo, perto de tudo... também acho que não é bagunçado, não é barulhento [com sons de latidos ao fundo]”. Então “Blô” brinca sobre os latidos, mas sua mãe reformula dizendo que não é barulhento em relação às festas, que é uma favela muito tranquila. Nathaly Dias conclui: “é uma favela muito bem administrada [risos]”, satirizando a atuação do poder paralelo de organizações criminosas na região.

Em dezembro de 2022, o primeiro vídeo da Blogueira de Baixa Renda foi comentando o caso da blogueira Karen Bachini, acusada de abuso trabalhista e assédio moral em relação a uma ex-funcionária⁴⁹. Nathaly Dias aproveitou a pauta para comentar sobre como os patrões podem assumir um espaço de autoridade na vida dos empregados, tendo influência até nas decisões políticas e borrando a transparência na relação patrão-funcionário.

“Blô” exemplifica a problemática ao citar que pessoas com realidades parecidas com a de sua mãe (sem acesso à educação de qualidade, analfabeta funcional e com 10 irmãos também sem estudo) podem ter nos patrões a maior referência de sucesso. A criadora de conteúdo ainda traz sua própria experiência com um chefe abusivo, que lhe atribuía muitas funções enquanto era estagiária. Agora como patroa, Nathaly Dias diz que tenta ao máximo valorizar as pessoas com quem trabalha.

Em meados daquele mês, a Blogueira de Baixa Renda publicou dois vídeos nos quais vai ao supermercado comprar ingredientes para uma ceia de Natal baixa renda e, posteriormente, grava o preparo de todos os alimentos para a refeição que custou R\$100,00. As festas de final de ano e a relação com os familiares permeiam os conteúdos publicados no período, que também englobou o aniversário de seu irmão.

Como já vimos, uma das principais características dos conteúdos da Blogueira de Baixa Renda é o destaque à estética, cultura e cotidiano da favela, bem como de outros lugares periféricos. Nesse sentido, sua linguagem circula pela visualidade e ambiência desses espaços à medida que a criadora de conteúdo filma com detalhes os lugares como são e deixa sons que seriam considerados como “ruídos” em seus *vlogs*. Dessa forma, é possível identificar a movimentação da vida cotidiana dentro dos vídeos e, mesmo quando se monta um cenário, sua performance permanece intimista, simples e fortemente posicionada na marca Baixa Renda.

As palavras faladas também comunicam seu estilo de vida. Embora costume ter uma linguagem bem-humorada, a Blogueira de Baixa Renda estabelece críticas ao alto preço dos alimentos, a abusos trabalhistas, à falta de políticas públicas que combatam a precariedade dos serviços ofertados na favela etc. Apesar de todas as problemáticas que atingem diretamente a população mais pobre, a criadora de conteúdo consegue mostrar vulnerabilidades sociais ao passo em que escancara a possibilidade de se manter uma rotina leve, com autonomia, criatividade e consciência política.

⁴⁹ Posteriormente, em 2023, foi esclarecido que a ex-funcionária ganhou o processo que garantiu os direitos de CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), mas perdeu ações por danos morais e assédio que moveu contra Karen Bachini. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/karen-bachini-volta-a-se-pronunciar-sobre-denuncia-de-ex-funcionaria/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

Com uma dinâmica “papo reto”, a linguagem dos conteúdos da Blogueira de Baixa Renda dialoga diretamente com o que vemos se tratar, segundo Maffesoli (1995), de uma estetização da vida. Ao pensar na ligação entre a vida cotidiana, o imaginário e a preocupação do presente, o autor sugere que a pós-modernidade esteja sendo marcada, escrita e descrita por um estilo estético no qual o gozo e a felicidade partilhada configuram uma nova ética.

Tendo em vista que a Blogueira dá ênfase aos símbolos que perpassam seu corpo (tanto em relação à moda favelada e às gírias usadas na periferia, quanto em relação à manifestação de suas feminilidades e masculinidades no tange às expressões lésbicas), identificamos que “a exacerbação do próprio corpo (corporeísmo, moda, aparência) desemboca em seu contrário, esgota-se em um corpo coletivo” (MAFFESOLI, 1995, p. 150). Em outras palavras, sua corporalidade é palco desse jogo de aparências que privilegia práticas culturais dos moradores de comunidade no Rio de Janeiro, em especial o Morro do Banco, e de sua dissidência sexual. Este movimento traz uma nova sensibilidade aos espectadores de seus vídeos, que possivelmente incorporam a estética “como maneira de sentir e de experimentar em comum” (MAFFESOLI, 1995, p. 53).

Utilizando os termos do sociólogo francês, os membros da comunidade digital da Blogueira de Baixa Renda integram um “contágio afetivo” e participam das “emoções comuns” relacionadas à classe “Baixa Renda”. Eles têm o contato direto com a ambiência, os sons, a corporalidade e as emoções que caminham entorno da fala da criadora de conteúdo. Nesse sentido, como sugere Maffesoli (1995, p. 75), identificamos “uma força singular do ideal comunitário”. Por fim, indicamos que as armas performativas na oralitura dos conteúdos mapeados nessa sessão abarcaram o lúdico, a sátira, o deboche, a possibilidade de sonhar e a partilha das emoções no cotidiano.

3.3. O humor de Esse Menino como arma performativa na subversão das práticas de violência

O que chama atenção nos conteúdos de Esse Menino é a construção de seu humor na expressão Bicha, utilizando recursos como a subversão e a ironia para ressignificar estereótipos no imaginário brasileiro. Nesse sentido, o criador de conteúdo cultiva uma sociabilidade cômica no seio de sua produção digital, tendo o riso como instrumento que integra o cotidiano e o vocabulário do corpo (LE BRETON, 2010).

As postagens do humorista no ano de 2022 começaram no mês de fevereiro, quando foram publicados quatro vídeos. No postado em 13 de fevereiro, Esse Menino responde a um

seguidor sobre ter sido especulado para participar da 22ª edição do *reality* Big Brother Brasil. O criador de conteúdo vincula o mecanismo de votação do programa ao sistema das eleições, já declarando sua posição política para a presidência.

No vídeo do dia 23 de fevereiro de 2022, o contexto do Carnaval foi pano de fundo para a construção narrativa de Esse Menino, que uniu o “universo blogueirístico” da festa conhecida como “Farofa da Gkay” (promovida pela influenciadora digital Gessica Kayane), às tradicionais micaretas – amplamente conhecidas pelos brasileiros como um tipo de festa característica da data, principalmente na cidade de Salvador. O *reels* em questão simula a propaganda do que seria “a primeira micareta só para homossex no Brasil”.

No último vídeo publicado em março de 2022, no dia 29, Esse Menino brinca sobre as marmitas brasileiras serem compostas por uma grande quantidade de arroz em comparação aos demais alimentos tradicionais de uma refeição no Sudeste (como feijão e um tipo de carne, por exemplo): “eu sou verificado no Instagram, eu mereço mais, sabe?”. Na legenda da postagem, ele finaliza com “agora é abrir aquele pote de sorvete no congelador e torcer ‘pra’ ter feijão”. Entendemos que o humorista utiliza práticas e hábitos comuns presentes no imaginário de parte da população do país para promover o riso.

As temáticas mais simples e cotidianas continuam nas postagens do mês de maio, quando foram publicados quatro vídeos no perfil do Esse Menino. Os conteúdos trazem piadas sobre uma “trend” do período (um tipo de conteúdo que se espalha rapidamente pelas redes sociais, mas depois desaparece quase que completamente), dicção ruim, temperatura fria e um *vlog* de sua rotina. Este último vídeo, de 1min54s de duração, satiriza os *vlogs* do TikTok nos quais influenciadores retratam uma rotina muito diferente da realidade brasileira. O humorista mistura sua rotina verdadeira de criação para a internet com piadas sobre o “meio blogueirístico”, no qual os jovens adoecem, têm má alimentação e gravam *trends* de coreografias de dança.

Passando para o mês de agosto, no dia 4 de agosto, Esse Menino publicou um *reels* no qual aborda o uso de gírias na internet. No vídeo, o humorista encena ser um padre que discursa no velório das expressões “de milhões” e “de centavos”, populares nas comunidades digitais até se tornarem saturadas e serem usadas em textos publicitários. O criador de conteúdo comenta a utilização forçada dos termos em postagens de marcas milionárias que queriam parecer descoladas, além das gírias “terem caído no vocabulário de tiozões e tiazonas”.

Como parte do “ciclo natural da gíria” (em alusão à frase “ciclo natural da vida”, comum no imaginário brasileiro para se referir à morte), outras frases ou palavras vão

substituindo gírias que caem em desuso rapidamente nas redes sociais. A ‘da vez’, na época da criação do vídeo, seria a expressão “abafa”, performatizada na fala de Esse Menino.

O vídeo de maior engajamento (número de likes, visualizações, compartilhamentos e comentários)⁵⁰ de Esse Menino no Instagram foi publicado no dia 1º de novembro de 2022. No *reels* de exato 1min30s, o tom do humor se constrói numa infantilização de Jair Bolsonaro após a derrota no segundo turno da eleição presidencial daquele ano. O conteúdo foi publicado dois dias após o resultado, quando o então presidente ainda não havia se pronunciado quanto à vitória de seu oponente – atitude que foi encarada como uma quebra de protocolos.

“O futuro ex-presidente do Brasil ainda não deu as caras, nem ‘pra’ dar o cheiro em quem votou nele. é triste.... ‘pra’ eles, eu ‘to’ rindo [emoji de estrela e coração vermelho] (comenta, compartilha, salva e já pensa no *look* ‘pra’ posse)”, diz a legenda do post. Nas *tags* utilizadas, não há menção a Jair Bolsonaro nem a sua nomeação. Foram elas: #reels #explorar #brasil #humor #lulapresidente #lula2022.

No vídeo, Esse Menino simula entrar no Palácio da Alvorada para conversar com Bolsonaro.

Anda, vão bora [...]. Psiu! Não adianta fazer cara feia, levanta, vão bora! Não é porque você perdeu [risos], ‘pera’... não é porque você perdeu que vai ficar o dia inteiro aqui preso dentro desse quarto vendo Record. Até porque dia primeiro [de janeiro] você tem que ó, caçar seu rumo. E você não quer ficar com nota baixa no Airbnb do Palácio, né? Então, bora. Olha o Felipe Neto debaixo da cama!! Anda, porra! Vai comer um negocinho, tomar um suquinho de Padre Kelmon... é... laranja. Acordar! Passa um negocinho nessa cara para dar um *up* na gata, dar uma desinchada do choro. Cadê aquela gay que ‘cês’ tem, ‘cês’ guarda ela aonde? Agustin!!!! Michele ‘tá’ fazendo é graça, daqui a pouco ‘cês’ reata. É, de seis em seis meses ela tem que retocar aquele preenchimento labial dela. Daqui a pouco ela ‘tá’ aí. Você devia estar preocupado com outras coisas. Já procurou saber como tirar seu FGTS? Sua ‘tchurminha’ ‘tá’ lá fora, enchendo o saco, quebrando as coisas, tacando fogo nos trem, fazendo balbúrdia... parecendo até que é universidade federal, né? [resmungo]. Vai resolver a vida desse povo. Não sei, amor, não sei o que você vai fazer! Se vira, toca um berrante. Vem tocando “ou ah”, “ou ah” na beira da estrada. Mas do jeito que ‘tá’, não ‘tá’ dando, não. Fala ‘pra’ eles: “perdemos agora, mas vai ter chance aí de vocês votarem em mim de novo, outra oportunidade”. Ano que vem na Fazenda, não sei, mas vai ter. Vamos então de *livezinha*, aquela *livezinha* show? (INSTAGRAM, 2022).

O tom de zombaria permeia o texto de Esse Menino, que trata o então presidente como um derrotado que não sabe perder, ativando nos espectadores a imagem de um homem chorão

⁵⁰ Até janeiro de 2024, o vídeo possuía 15,4 milhões de visualizações, 793.384 curtidas, 34,9 mil comentários e mais de 1 milhão de compartilhamentos. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CkbCMphAWKH/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

e mimado. Além de Bolsonaro, outras figuras midiáticas da campanha eleitoral de 2022 são citadas no vídeo, como o influenciador Felipe Neto – que dedicou conteúdos na internet para se posicionar contra o presidenciável ao longo daquele ano.

Esse Menino também menciona Padre Kelmon, figura que “virou meme” ao ser chamado de “padre de festa junina” pela senadora Soraya Thronicke. Com discursos que se alinhavam ao de Jair Bolsonaro, o também candidato Padre Kelmon ganhou maior notoriedade ao tumultuar o andamento das falas no debate realizado pela TV Globo no final de setembro de 2022. Em tom jocoso, Esse Menino associa Padre Kelmon à uma candidatura de fachada – conhecida como candidatura “laranja”⁵¹.

Ainda são trazidos acontecimentos posteriores ao resultado da eleição, como, por exemplo, que Michelle Bolsonaro teria deixado de seguir o marido e alguns dos enteados no Instagram. Na encenação do vídeo, Esse Menino tranquilizaria Jair Bolsonaro sobre uma possível separação do casal. A figura do maquiador da então primeira-dama (Agustin Fernández) também é trazida em tom cômico.

A narrativa humorística incorpora também algumas práticas do cotidiano de parte da população brasileira. Além disso, Esse Menino utiliza a retórica bolsonarista contra o próprio grupo, misturando discursivamente os estereótipos atribuídos aos apoiadores do ex-presidente como um “gado”, que segue seu pastor, seu líder, irracionalmente. Para desarticular as manifestações bolsonaristas, Esse Menino sugere: “Toca o berrante”.

Como pontuado por C. Abidin, o humor exerce um forte papel nas estratégias de comunicação dos criadores de conteúdo, que preferem brincar com sutilezas e subtextos e códigos da cultura pop (ABIDIN; KARHAWI, 2021). O riso tem ligação com a cultura popular, como assinala M. Bakhtin (1987). Segundo o autor, ao estudar o contexto da Idade Média e do Renascimento pelos escritos de François Rabelais, a comicidade apresentaria uma dualidade de mundos: o oficial e o não-oficial. Como uma segunda vida, os rituais e espetáculos cômicos se manifestavam de forma exterior à Igreja e ao Estado, sendo profundamente pertencentes à esfera particular da vida cotidiana.

Em suas investigações na literatura, Bakhtin se debruça sobre o Carnaval medieval para pensar nas diferentes concepções de mundo possibilitadas pelas festividades populares. Nesse sentido, o autor encara que as festas carnavalescas eram como uma paródia da vida ordinária em que havia uma “liberação temporária da verdade dominante e o regime vigente,

⁵¹ O presidente Lula chegou a nomear Padre Kelmon de candidato laranja neste mesmo debate. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/09/30/padre-kelmon-e-chamado-de-kelson-kelvin-cabo-eleitoral-e-laranja.htm>. Acesso em: 14 nov. 2023.

de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (BAKHTIN, 1987, p. 8).

A partir disso, o autor propõe o conceito de Carnavalização, em que uma “visão carnavalesca do mundo” e o riso são agentes com a força de liberarem a imaginação e o pensamento para novas possibilidades de vida. Isso acabaria, de acordo com sua formulação, por preparar “as grandes transformações, mesmo no domínio científico” (BAKHTIN, 1987, p. 43), o que acarreta uma possível quebra da seriedade da racionalidade ocidental que modificaria as nossas práticas. Nos valemos da caracterização feita pelo autor como chave de interpretação para a linguagem de *Esse Menino*.

“O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do povo” (BAKHTIN, 1987, p. 10). Com um caráter ambivalente, como defende o filósofo, o riso expressa uma visão de mundo em construção onde todos os que riem estão sendo incluídos em determinada narrativa e sociabilidade. Essa elaboração se conecta ao que poderíamos considerar como a “dimensão conformista do riso” (LE BRETON, 2010), em que nos deixamos levar e rimos para fazer parte de um grupo.

Para D. Le Breton (2010), o cômico surge na emergência de uma interação, de uma incongruência ou da ruptura de convenções, gerando confusões subjetivas em que duas matrizes de significado entram em curto-circuito. Como tática de subversão, como sugere o antropólogo francês, o riso joga luz ao que está desarrumado por meio de uma “alquimia social do sentido e da situação” (LE BRETON, 2010, p. 18, tradução nossa).

Além disso, este artifício semântico estabelece fronteiras e distinções sociais. Só é possível rir quando se conhece o que é falado. Na comunicação de *Esse Menino*, vemos a invocação de discursos negativos sobre dissidências sexuais e de gênero como identificadora de simbolismos ligados à experiência de vida das pessoas do grupo. O que percebemos por meio desse mecanismo é a ‘desordenação’ desses estigmas, redirecionando o alvo para aqueles que os violentam. Portanto, sua tática discursiva, seu pensamento-performance tem um caráter transgressor e atua em jogo com as censuras sociais através da subversão, ironia e deboche.

Tais armas performativas do criador de conteúdo o fazem recalculas as ofensas, voltando-as contra os carrascos. Como forma de produzir conhecimento sobre si mesmo, *Esse Menino* se nomeia e nomeia os seus pares, tornando evidente que as injúrias disseminadas e reforçadas pelo poder vigente lhe oferecem oportunidade de criar respostas e ter suas existências reconhecidas. Em outras palavras, “ao ser insultada, a pessoa também adquire,

paradoxalmente, certa possibilidade de existência social e é iniciada na vida temporal da linguagem” (BUTLER, 2021, p. 13).

Seguindo as pistas de uma Antropologia do Riso, visualizamos as transformações de lógicas violentas, necropolíticas, na mudança de alvo das ofensivas simbólicas. Trata-se de uma tática de enfrentamento ao conservadorismo e às práticas de morte contra corpos dissidentes. Isto marca ativamente o lugar dessas pessoas numa disputa de narrativa e visibilidade, bem como na construção de novos imaginários.

De acordo com Le Breton (2010), o humor é capaz de transformar a fragilidade em força e manter a cabeça erguida diante de situações dolorosas. Nesse sentido, o autor aponta que o riso pode atuar como uma resposta à adversidade.

[O senso de humor] trata-se, por vezes, de “salvar a cara”, e de se livrar de enrascadas após uma ofensiva simbólica, de afastar o alvo mudando de personagem, devolvendo assim por ricochete a violência contra o agressor que perde um pouco de sua soberba diante de quaisquer testemunhas. O humor ou o riso são técnicas para reformular uma situação difícil. Através da distância lúdica que ele inesperadamente traz, ele redefine as circunstâncias (LE BRETON, 2010, p. 21, tradução nossa).

Ao tomar os sentidos para si, Esse Menino brinca com os incômodos e faz das mordanças sua arma política. Assim, o humorista constrói saber, comunhão e empoderamento por meio de sua performance incorporada, oral e encenada caricaturalmente. E essa construção se dá ao longo de uma grande quantidade de conteúdos, o que contribui para a criação de um caminho, de um percurso performático.

O tema do *reels* publicado no dia 17 de novembro de 2022 aborda a grande quantidade de acontecimentos daquele mês. Esse Menino elenca a campanha mundial de conscientização contra o câncer de próstata (Novembro Azul), a realização do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), a Copa do Mundo do Qatar e a LGTBfobia, além da Black Friday, o avistamento de luzes misteriosas no céu de Porto Alegre, a celebração da Consciência Negra, a já citada festa “Farofa da Gkay” e a indicação da cantora Anitta ao Grammy Internacional como Artista Revelação. Ao final do vídeo, o criador de conteúdo ironiza: “eu só queria estar de férias que nem o Bolsonaro”, referindo-se novamente ao “sumiço” do então presidente após o resultado da eleição⁵².

Às vésperas do Natal, no dia 22 de dezembro, o *post* de Esse Menino encena como seria o “Tiozão/Tiazona dessa geração”. O texto retrata o parente que empregaria gírias LGBTQIAP+ e linguagem neutra. Além disso, a personagem cita assuntos em voga no meio

⁵² Mais sobre o assunto disponível na reportagem “Não ajuda, mas não atrapalha: Aliados de Lula comemoram sumiço de Bolsonaro” (UOL Notícias, 20 nov. 2022): <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/20/bolsonaro-transicao-sumico-lula-pt.htm>. Acesso em: 17 nov. 2023.

digital e fora dele, como relacionamento aberto. Ao final do vídeo, ao perguntar sobre um familiar, o humorista descobre que este estaria na porta do quartel como os apoiadores de Jair Bolsonaro, que o fizeram por não aceitarem o resultado da derrota na eleição.

Ao final desse mapeamento, concordamos com Zamboni (2016, p. 19) que “apesar de remetê-la a uma cultura da representação e da reprodução, a bicha persiste nos saberes da sexualidade até os nossos dias, como singularidade incontornável por completo”. Nesse sentido, reforçamos a potência da linguagem humorística de *Esse Menino* que, ao se afirmar enquanto Bicha, cria respostas por meio de armas performativas da linguagem em confronto direto com práticas de morte, invisibilidade e silenciamento de corpos dissidentes no Brasil.

3.4. Pensando narrativas que conectam a cultura pop às vivências dissidentes

Os primeiros três vídeos de Jonas Maria em 2022 foram publicados em fevereiro. Intitulado “TUDO sobre MATRIX como alegoria TRANS”, o primeiro deles propõe uma análise fílmica do filme *Matrix*, de 1999. Para isso, o criador de conteúdo estabelece paralelos entre a trama ficcional e a vivência de pessoas trans por meio de uma leitura de simbolismos.

Jonas Maria comenta que as roteiristas e diretoras do filme, as irmãs Lilly e Lana Wachowski, são mulheres trans e que a imprensa já especulava a identidade de gênero antes delas a explicitarem publicamente. As duas também dirigiram produções como *V de Vingança*, *Speed Racer* e *Sense8*, mas apenas Lana trabalhou no roteiro e direção do 4º filme da saga: *Matrix Resurrections*, de 2021. Em 2020, Lilly Wachowski afirmou, numa entrevista ao canal da Netflix no YouTube, que *Matrix* é sim uma alegoria trans, mesmo sem ter embutido intencionalmente a transexualidade na criação da história⁵³.

Para Jonas, o protagonista da trama percorre uma vivência semelhante à experiência trans. Ao pensar no nome do personagem, o criador de conteúdo identifica a aproximação do apelido “Neo” com a sonoridade da palavra “new” (novo, em inglês). O nome completo, “Thomas A. Anderson”, traria um significado mais complexo. Conforme a reflexão de Jonas, Anderson vem do grego “andros”, que significa homem, esposo; “Son” é filho, em inglês. No final, é possível lê-lo como “Thomas homem homem”.

Sobre as formas de tratamento ao personagem, Jonas destaca que aqueles que tratam Neo como “Mrs. Anderson” são figuras de autoridade: seu patrão e o agente Smith. O comportamento seria uma metáfora do desrespeito ao nome social de pessoas trans. Na

⁵³ Disponível em: <https://www.omelete.com.br/matrix/matrix-metafora-transexual-lilly-wachowski>. Acesso em: 08 jan. 2024.

análise, o criador de conteúdo incorpora o texto da autora trans Andrea Long Chu, que argumenta que os agentes de Matrix seriam a própria personificação da transfobia⁵⁴.

Ao concordar com a interpretação mencionada, Jonas acrescenta que o agente Smith é responsável por manter a ordem de um sistema que manipula a mente das pessoas. Como afirmou, tal realidade inventada se legitimaria e se naturalizaria tanto a ponto de corpos humanos serem completamente controlados – o que, como argumentou, em muito se assemelha ao sistema binário de gênero como conhecemos. É citada a cena de embate entre os dois personagens numa estação de trem. Ao ser chamado como “Mrs. Anderson”, o protagonista Neo reafirma o que seria seu nome social.

Com a inserção de um trecho da entrevista de Lana Wachowski no vídeo, ouvimos que a cena retrata metaforicamente uma experiência pessoal dela. Na declaração, a roteirista diz ter tido vontade de tirar a própria vida pulando na frente de um trem em movimento durante a adolescência. Na ocasião, ela já entendia ser diferente e temia que crescesse barba em seu rosto ao observar a puberdade de amigos.

No filme, quando Neo toma a pílula vermelha, abandona de vez sua “vida do passado” e passa a se reconhecer e ser reconhecido como tal. Para Jonas, a pílula vermelha tem a ver com o hormônio Premarin (cuja cor era vermelha), muito utilizado na década de 90 por mulheres trans norte-americanas. Hoje, o hormônio mais utilizado por elas é uma pílula azulada (provavelmente também referenciada em Matrix). Segundo o criador de conteúdo, essa “vida dupla” do personagem Neo é muito recorrente na vivência trans, o que é chamado de “Cisplay”: quando uma pessoa trans precisa fingir ser cisgênero para sobreviver.

No conteúdo, Jonas ainda comenta que praticamente todo filme trans tem “a cena do espelho”, mas, em Matrix, o espelho vai ganhando outros simbolismos que não a disforia de gênero ao longo da trama. O ator não-humano acaba sendo fundamental no enredo ao torna-se portal para que os personagens naveguem entre os mundos, sendo também um espaço onde se procuram erros da Matrix.

Sem a Matrix, o protagonista Neo afirma que o mundo seria sem limites e fronteiras, onde as pessoas poderiam ser quem quisessem, sem regras. Nesta cena, Jonas ressalta as imagens focadas na frase “SYSTEM FAILURE” (sistema falido), com os códigos das letras M e F em referência ao binarismo de gênero (masculino e feminino). O criador de conteúdo relativiza ao falar que quem está alheio ao universo trans pode achar as conexões forçadas,

⁵⁴ Texto disponível em: <https://www.vulture.com/2019/02/what-the-matrix-can-teach-us-about-gender.html>. Acesso em: 08 jan. 2024.

mas que, além das roteiristas terem confirmado a alegoria, pessoas trans entendem bem os códigos metaforizados.

Em 11 de abril de 2022, Jonas publicou o vídeo “Como DESMASCARAR FALSOS LGBTs nos filmes”. O conteúdo faz parte da série “Cinopédia”, quadro em que são trazidos conceitos do cinema com algum recorte de gênero. Este, em específico, aborda o Vito Russo Test, teste que avalia como se dão as representações nas tramas. O nome homenageia o historiador e ativista LGBT Vito Russo, autor do livro *The Celluloid Closet: Homosexuality in the movies* (1981).

A personalidade estadunidense também foi cofundador da ONG GLAD – Aliança Gay e Lésbica Contra a Difamação, criada para monitorar a representação de LGBTs na mídia após coberturas sensacionalistas da epidemia da Aids. Segundo o teste, os personagens dissidentes em gênero e sexualidade: i) devem ser identificáveis dentro do universo da trama, não fora dela; ii) não devem ser definidos apenas por sua sexualidade ou identidade de gênero. Ou seja, devem ter a mesma profundidade de um personagem cis heterossexual; e iii) devem ser importantes para o enredo, não bastando os ‘personagens acessórios’. Jonas ressalta que esses critérios garantem apenas que há representação, mas não se ela é boa ou ruim. Anualmente, a GLAD lança relatórios sobre o teste.

Passando para o mês de maio, Jonas publicou mais um vídeo da série Cinopédia. Desta vez, o criador abordou o debate sobre *queerbaiting*⁵⁵ como continuação de um conteúdo sobre *queercoding* publicado em 14 de novembro de 2021⁵⁶. Ele começa falando sobre o Código Hays, um conjunto de normas morais criado em 1934 que proibia personagens LGBTs nas produções cinematográficas. Como tática para driblar essas regras, a insinuação de dissidências se tornou comum nos longas e curtas-metragens. No entanto, esse fenômeno acabou gerando representações problemáticas que criaram a prática do *queercoding*. Em um momento histórico diferente, em que não há censura explícita, surge o *queerbaiting*.

As produções com *queerbaiting* tendem a deixar romances não-heterossexuais e/ou não-cisnormativos nas entrelinhas, sem que tais vínculos sejam confirmados na trama. Tendo isso em mente, Jonas reitera que o cinema trabalha com imagens, signos, códigos e, por isso, olhares mais demorados, toques de mãos, sons e luzes são elementos manipulados que podem sugerir interesse romântico. Agora, essa insinuação tem um viés mercadológico e esvazia certos tensionamentos políticos estabelecidos na dimensão da resistência.

⁵⁵ *Queerbaiting* é o nome dado à prática de insinuar um romance *queer* em produções midiáticas, como filmes, séries e jogos, sem que seja retratada explicitamente esta relação. Já *queercoding* abarca o mesmo fenômeno de insinuação, mas referindo-se à sexualidade e/ou identidade de gênero de um ou mais personagens.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=47YmtfNCqyg>. Acesso em: 06 nov. 2023.

No vídeo, há exemplos de séries e filmes da contemporaneidade, como *Sherlock Homes* (BBC) e *Supernatural* (The CW). Para o criador de conteúdo, o *queerbaiting* é danoso porque se aproveita de grupos estigmatizados, mas não se responsabiliza em discutir suas mazelas.

Em 10 de agosto de 2022, Jonas adiciona mais um vídeo à série Cinepédia. Desta vez, pautando o “*queercatching*”. O criador de conteúdo vai retomar os outros dois vídeos envolvendo a temática, incentivando que os seguidores o façam também. Há uma tentativa de organizar os fenômenos em ordem cronológica: 1) *queercoding*, 2) *queerbaiting* e 3) “*queercatching*”⁵⁷.

Para debater o fenômeno mais recente, Jonas resgata o pensamento da influenciadora Rowan Ellis⁵⁸. Ele sintetiza que se tem percebido uma nova faceta do *queerbaiting* à medida que os personagens LGBTQIAP+ ganham características fora da ficção, mas dentro dela nada é comentado. Isto é, que tem se tornado comum que diretores, produtores ou os próprios atores declarem a sexualidade de determinado personagem, mesmo sem indícios de tal identidade/comportamento/experiência na obra.

Assim, diversos públicos são atraídos sem que haja qualquer comprometimento com sua luta política. As representações acabam não tendo grande significação, não geram incômodo ou tensionamento, e nem todo o público consumidor necessariamente saberá das informações externas. Além disso, é reforçada a falácia de que o aspecto identitário dos personagens não é importante.

Para Jonas, tal prática trata-se de uma distorção do discurso, um cinismo: “uma coisa é reduzir um personagem a ser LGBT, outra coisa é sequer citar isso na história; é se apropriar do nosso discurso para bater uma cota de diversidade que, hoje em dia, tem algum valor”. O criador de conteúdo menciona alguns exemplos de possíveis *queercatchings*. Entre eles, a bissexualidade da Mulher-Gato interpretada por Zoe Kravitz e a homossexualidade de Albus Dumbledore na saga *Harry Potter*.

Neste vídeo, um comentário nos chamou atenção pela discussão gerada com outros internautas. Observa-se que um usuário desqualifica o assunto trazido por Jonas, diminuindo a importância da temática apresentada e justificando o desrespeito às pessoas dissidentes. Sob uma ótica de distanciamento cristalizada na palavra “vocês”, vemos que

⁵⁷ O *queercatching* é a prática de insinuação da dissidência sexual e/ou de gênero fora das produções midiáticas. “Extra filme”, um ator ou roteirista afirma que certo personagem é homossexual, por exemplo, mas esta informação não se verifica dentro da trama.

⁵⁸ Rowan Ellis é uma youtuber e escritora inglesa que cria conteúdos digitais sobre questões LGBTQIAP+, representação e cultura pop. Jonas acredita que ela tenha cunhado o termo “*queercatching*”. Mais informações sobre ela em: <https://www.rowanellis.com/>. Acesso em: 22 out. 2023.

@gustavosilveiraa1373 tem um discurso autoritário sobre estes corpos ao decidir o que e quem merece ou não ser respeitado [figura 15].

Na sequência, identificamos nas respostas ao comentário a validação do pensamento de Jonas. Mesmo sem saber comprovadamente a sexualidade e o gênero de @gustavosilveiraa1373, que nem revela sua corporalidade na imagem do perfil, os demais internautas o identificam enquanto pessoa cisheterossexual em decorrência de seu discurso opressor. A partir disso, os seguidores buscam destituir tal narrativa ofensiva, que exprime o desinteresse de pessoas cisheterossexuais em entender os pontos colocados por Jonas Maria – o que demonstra também uma disputa de poder e evoca noções como representatividade, protagonismo discursivo e o tensionamento acerca da heteronormatividade.

Figura 15 - Comentários do vídeo “quem define a SEXUALIDADE/GÊNERO de um PERSONAGEM?”

-  [@gustavosilveira1373](#) há 1 ano
Vocês ficam dando muita importância a coisa sem importância. Por isso não conseguem respeito nunca :)
-  1  Responder
- ▲ 7 respostas
-  [@erikcruz1640](#) há 1 ano
E ainda assim você veio assistir o vídeo e comentar. Parece que se importa, heim... Porque não vai cuidar da sua vida? ;)
-  12  Responder
-  [@luanacamargo1695](#) há 1 ano
n é vc que decide oq é importante ou não
-  8  Responder
-  [@gustavosilveira1373](#) há 1 ano
[@luanacamargo1695](#) Aliás, sexualidade é importante para você mano? Que vida rasa hein...
-   Responder
-  [@luanacamargo1695](#) há 1 ano
[@gustavosilveira1373](#) REPRESENTATIVIDADE é importante, sempre foi e sempre vai ser
-  7  Responder
-  [@hellishell](#) há 1 ano
[@gustavosilveira1373](#) pra vc pode N ser importante falar sobre sexualidade até pq nunca sofreu discriminação ou preconceito por vc ser qm é
-  6  Responder
-  [@braziliansimon2737](#) há 1 ano
Primeiro que tem importancia sim, uma vez que violencias e cassação de direitos ainda existem. Segundo que respeito é questao de educação, ninguem precisa CONQUISTAR o teu respeito :)
-   Responder
-  [@braziliansimon2737](#) há 1 ano
[@gustavosilveira1373](#) para um heterossexual, obvio que ela nao é importante. Já para nós...
-  1  Responder

Fonte: print do YouTube tirado pela autora em 18/01/2024

Passando para o mês de outubro, é publicado mais um vídeo da série Cinepédia. Desta vez, Jonas comenta o uso do Teste de Bechdel (ou Teste de Wallace), que busca identificar como as mulheres estão sendo apresentadas nas mídias de entretenimento. Com requisitos simples, o criador de conteúdo sugere que o teste possa agir como uma ponte para o exercício do senso crítico que nos ajudaria a fazer leituras a partir de algum critério, sobretudo quando sentimos um incômodo aparentemente inexplicável ao consumir determinados produtos culturais.

A princípio, os filmes, histórias em quadrinhos e videogames deveriam passar pelos seguintes crivos: i) ter, pelo menos, duas personagens mulheres; ii) elas devem conversar entre si; iii) essa conversa não deve ser sobre homens. Com o passar do tempo e popularização do teste, acrescentaram-se: iv) essas mulheres devem ter nomes; v) a conversa entre elas tem que durar, pelo menos, 60 segundos.

Após a explanação, Jonas salienta que o teste não critica filmes isolados, mas a indústria como um todo ao revelar que, ainda na contemporaneidade, muitas obras são reprovadas por crivos tão simplistas. Logo, evidencia-se uma questão sistemática. Para a realização do teste, o criador de conteúdo indicou o site colaborativo em funcionamento bechdeltest.com.

Ao final, percebemos que Jonas Maria incorpora leituras sobre produtos da cultura pop para debater problemáticas entorno da representação das vivências dissidentes. Nos estudos de representação, uma única imagem é capaz de gerar diversas leituras, sob diferentes aspectos e lentes de investigação, acerca do que ela retrata. Por sua vez, o fenômeno da representatividade abarca um desses efeitos, quando determinada representação imagética, geralmente associada a alguma minoria social, acaba por gerar identificação e senso de pertencimento.

Este cuidado com o consumo de produtos que se vendem representativos, mas pouco contribuem para o enfrentamento das desigualdades sociais, é uma das ênfases de Jonas Maria na série Cinepédia. Ao trazer testes de verificação da representatividade, o criador de conteúdo evidencia que uma simples insinuação/simulação de personagens dissidentes numa trama não é o suficiente para provocar rupturas profundas nas hierarquias sociais. O que vem acontecendo, na verdade, é uma lógica de esvaziamento da representação dessas figuras com a intenção exclusiva de ampliar o público consumidor do produto da comunicação.

Ao mesmo tempo, por meio de leituras próprias e de outras pessoas trans, Jonas Maria estabelece conexões que nem sempre são tão evidentes para o espectador desatento aos códigos sociais – sobretudo na questão trans. Isto é feito através de pesquisa, consultando entrevistas, declarações públicas e textos que discutem o assunto, até chegar na interpretação de metáforas com a potência política de representar um grupo estigmatizado. A linguagem utilizada pelo criador de conteúdo carrega um didatismo para explicar seu raciocínio, além de se munir de exemplos e situações comparativas que fortificam suas argumentações.

Assim como os demais criadores mapeados nesta dissertação, Jonas Maria não esconde que sua leitura de mundo está intrinsecamente nutrida por experiências incorporadas, sua trajetória de vida e pelos saberes de seus semelhantes. Isto significa dizer que, ainda que

tenha uma linguagem com aspectos academicistas, ele busca reivindicar seu espaço argumentativo por meio do olhar que só é como é em decorrência da sua vivência trans.

4. A(R)TIVISMOS DIGITAIS: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E ATUAÇÃO PELAS TELAS

Neste último capítulo, gostaríamos de mapear os a(r)tivismos digitais presentes nos conteúdos dos quatro sujeitos de pesquisa. Com base na explanação de Chaia (2007), entendemos o a(r)tivismo enquanto prática político-estética. De acordo com o autor, práticas políticas individuais que chegam ao coletivo por meio da tecnologia digital podem ter nos artistas o potencial de realizar novas revoluções de linguagem.

Ainda conforme Chaia (2007, p. 10), o artista ativista “engendra uma esfera relacional fundada no desejo de luta, na responsabilidade ou na vocação social que reconhece a existência de conflitos a serem enfrentados de imediato”. Tendo isso posto, neste ponto da cartografia, propomos que a coletividade nas comunidades digitais dos criadores de conteúdo seja cultivada a partir dos a(r)tivismos.

Dessa maneira, considera-se que os criadores de conteúdo manifestam demandas socioculturais que fomentam o engajamento de lutas políticas na esfera pública contemporânea. Como agentes de movimentações em nicho, os dissidentes sexuais e de gênero aqui estudados promovem, ainda que sem intenção, activismos que “pressupõem o estético como assunto público” (ROCHA e RIZAN, 2022, p. 130). Assim, temos que suas criações na internet são expressões fundadas nas dimensões estética, criativa, performativa e de participação social coletiva.

4.1. A complexidade do ativismo em plataformas controladas por oligopólios

No capítulo I, debatemos a relação dos criadores com o mercado publicitário no Brasil e demos indícios de que esses profissionais contribuem para que as máquinas financeiras girem ainda mais para oligopólios (Amazon, Google, Meta etc.) que detém o controle das plataformas digitais. O que significa dizer que a atuação na internet é a mercadoria desses produtores.

A “plataformização” das sociabilidades contemporâneas se revela nas redes sociais. Como formulado por A. Mintz (2019), este fenômeno deixa rastros da ação das plataformas digitais na mediação ativa das relações que a sustentam e abrigam, sendo própria da ecologia da internet e estando historicamente situada (MINTZ, 2019).

Num contexto de polarizações intensas, com aumento do conservadorismo e dos discursos de ódio, é preciso ter em mente que, no Brasil, esses espaços não têm regulação. As

campanhas eleitorais de 2018 e 2022 exemplificam como qualquer usuário com conhecimento técnico pode utilizar *boots* para agir em benefício próprio ou de outrem, sob suspeita de financiamento desses robôs por parte de candidatos a cargos públicos no país.

Além disso, a atuação dos algoritmos, base da cultura digital de hoje (LEMOS, 2021), interfere substancialmente na seleção de conteúdos, discussões, produtos e hábitos que chegam ao usuário, bem como nos seus desejos, opiniões e afetações. Segundo Canclini (2021, p. 154), o roubo de dados e seu tratamento algorítmico “conferem às plataformas privilégios para capturar subgrupos de públicos, assim como sua promiscuidade ou versatilidade, aumentando a dependência do nosso consumo de ofertas transnacionais”.

As plataformas digitais, de acordo com Mintz (2019), estão ancoradas em três pilares: a tecnologia, o modelo de negócios e a interação entre os usuários. Então, a lógica mercantil atravessa diretamente os espaços online. O Brasil ainda é palco de outros fatores que podem enfraquecer o ativismo digital, como a ampla disseminação das *fake news* e *deepfakes*⁵⁹.

Ao mesmo tempo, paradoxalmente, identifica-se uma forte ação de movimentos sociais de minorias que se organizam nas plataformas. Ainda no início dos anos 2000, Machado (2007) já defendia que as tecnologias de informação e comunicação se tornaram instrumentos importantes para a organização e articulação de coletivos. Além disso, o autor já posicionava que tais tecnologias possibilitariam a formação de novos movimentos sociais e formas de ativismos, com maior flexibilidade, horizontalidade, alcance e dinamismo.

Para ele, as novas movimentações e táticas ativistas na internet passaram a ter como base uma atuação em rede, com amplas coalizões e agregações de grupos identitários, possivelmente na “geografia das comunidades culturais, linguísticas ou a identificação e compartilhamento de certos valores” (MACHADO, 2007, p. 249). À época, as características de voluntariado, reciprocidade e modelos horizontais de comunicação e intercâmbio já eram percebidas como enormemente potencializadas pelas tecnologias.

Com o aumento do uso das tecnologias de informação e comunicação, tais repertórios [de ação coletiva] são cada vez maiores. Experiências, modelos sociais, valores e signos são cada vez mais difundidos, confrontados e compartilhados, criando um amplo horizonte de transformação simbólica e social (MACHADO, 2007, p. 279).

Apesar de J. Machado ter mencionado a política e o cotidiano nesse tipo de ativismo, salientamos que discordamos da previsão do autor sobre qual seria a tendência da maior parte dos movimentos sociais nas redes: a identificação por valores universais. Numa perspectiva mais contemporânea, entendemos que vem acontecendo justamente o contrário: os

⁵⁹ As *deepfakes* estão associadas ao emprego de IA (Inteligência Artificial) para manipular vídeos, imagens, textos, sons e até perfis em redes sociais.

movimentos artistas se valem das especificidades e dos nichos, mesmo que haja função midiática massiva na internet e que valores universais continuem sendo pautados.

Logo, concordamos com V. Susca ao pensar que as grandes narrativas históricas estão sendo disputadas e que está em ativação um outro processo:

O que é pequeno, local e parcial, por meio de seus jogos linguísticos, seus espaços de compartilhamento e sua imaginação, tende a se impor em primeiro plano, a ganhar corpo e a inspirar a dispersão caótica da socialidade pós-moderna (SUSCA, 2019, p. 47)⁶⁰.

De acordo com o autor, em plataformas como o YouTube e o Instagram, há uma desintegração da barreira entre artista e público, autor e leitor, criador e espectador. O tipo de conteúdo nesses espaços nasce da bacia semântica, da paixão e da criatividade dos usuários, de uma subjetividade conectiva cultivada a partir de experiências lúdicas e estéticas (SUSCA, 2019).

Conforme Rocha e Rizan (2022, p. 131), o “ativismo passa a ser utilizado como arma de combate e subjetivação” na contemporaneidade, fora e dentro das telas. O movimento de embate e tensionamento contra padrões morais/sociais/religiosos e instituições de poder, articulado pelas dissidências, entrecruza-se na vida urbana e na ambiência digital, localizando-se num plano dilatado e expandido.

Corroboramos a afirmação anterior com a perspectiva de Colling (2018b), que considera a inserção das tecnologias digitais no dia a dia dos brasileiros como um dos fatores para a emergência de activismos dissidentes de gênero e sexualidade no país – apesar de ainda haver censuras contra minorias em algumas plataformas. Assim como estes autores, Lemos (2021, p. 58) indica que “a cultura digital possibilita que vozes antes caladas possam agora ter instrumentos para silenciar seus opressores”.

4.2. Causa negra, trans e gordoativismo: o ativismo interseccional de Bielo Pereira

No mês de janeiro é celebrada a visibilidade trans no Brasil. Sendo uma pessoa que se identifica na especificação bigênere dentro do guarda-chuva trans, Bielo Pereira publicou dois vídeos sobre a temática em seu canal próprio no Youtube em 2022. No primeiro deles, intitulado “Dia nacional da visibilidade trans”, ela conta a história de 29 de janeiro, enfatizando a importância de datas emblemáticas como essa. A criadora de conteúdo dá

⁶⁰ Susca (2019) sugere que encaramos hoje a “instagramização” do mundo, na materialização da existência a partir de um enquadramento midiático, ou seja, uma mídiatização da existência. Acrescentamos à essa visão a ideia de “plataformização”, como elaborado por Mintz (2019).

ênfase ao ativismo inevitavelmente consistente, “de luta diária”, como uma questão de vida ou morte.

Além disso, Bielo lembrou o 29 de janeiro do ano anterior (2021), quando foram feitas ameaças de morte contra as deputadas trans de São Paulo Erika Hilton (atualmente deputada federal) e Carolina Iara. O extremo quadro de violência a que pessoas trans são submetidas, sobretudo com a adição do recorte racial – pessoas trans negras – faz parte de um sistema necropolítico que encara esses corpos como inimigos. De acordo com Achille Mbembe (2016, p. 144), “se é livre para viver a própria vida somente quando se é livre para morrer a própria morte”.

No pensamento de Mbembe (2016, p. 128-130), nações ocidentais nascidas no berço do colonialismo manifestam “a figura emblemática e paradoxal do estado de exceção” e tem no racismo a função de “regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado”. Nesse sentido, o terror e o massacre são as estratégias de extermínio dos corpos em um estado de permanente sofrimento.

O terror é uma característica que define tanto os Estados escravistas quanto os regimes coloniais tardo-modernos. Ambos os regimes são também instâncias e experiências específicas de ausência de liberdade. Viver sob a ocupação tardo-moderna é experimentar uma condição permanente de “estar na dor” (MBEMBE, 2016, p. 146).

A narrativa do conteúdo acerca das necropolíticas de Bielo foi construída na interseção entre elementos da política brasileira e os dados estatísticos já mencionados da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Em adição, a criadora comenta déficits na ocupação de pessoas trans em cargos de trabalhos formais, acesso à educação escolar e universitária de qualidade, e acesso à saúde.

Em contrapartida, numa perspectiva mais “positiva” ao tempo em que nos inserimos, são trazidos marcos da cultura pop e do entretenimento. Bielo cita o prêmio do Globo de Ouro de melhor atriz em série dramática para MJ Rodrigues na série estadunidense “Pose” e a participação da cantora travesti Linn da Quebrada na vigésima segunda edição do *reality show* Big Brother Brasil.

Ainda é citada a possibilidade de cirurgia para pessoas trans que possuem disforia de gênero pelo SUS (Sistema Único de Saúde). A criadora de conteúdo comentou também a retirada da transexualidade da lista de transtornos mentais da OMS (Organização Mundial de Saúde). Por fim, Bielo termina o vídeo com uma chamada para a ‘luta coletiva contra a transfobia’, sublinhando que o Brasil e a sociedade brasileira precisam avançar na pauta trans além do mês de janeiro.

O segundo vídeo daquele mês, intitulado “10 personalidades trans pra acompanhar”⁶¹, apresenta uma listagem de cinco celebridades trans nacionais e cinco internacionais, com uma descrição de cada uma delas. Estão incluídas personalidades de diferentes áreas de atuação profissional, como cantoras (Liniker e Raquel Virgínia), atores (Tarso Brant, Elliot Page, Chelle Man etc.), roteiristas, como Lana Wachowski, e influenciadores digitais.

Já no mês de junho de 2022, Bielo Pereira participou da *live* da Dia Estúdio que antecedeu a Parada LGBTQIAPN+ de São Paulo. Na conversa, a criadora entrevistou a historiadora Giovanna Heliodoro, atuante nas redes sociais como Trans Preta (@transpreta, no Instagram). A entrevistada relatou sua experiência de processo de transição de gênero que ocorreu durante a graduação. Segundo ela, esse período foi marcado por muitas violências, quando se sentiu como “safari” dos colegas de curso.

Na conversa com Giovanna Heliodoro, Bielo comentou que ainda é muito recente a presença de pessoas trans nas universidades e que, na época em que estudou Lazer e Turismo na USP (Universidade de São Paulo), não havia sequer dados que identificassem a presença dessas pessoas naquele espaço. Para Bielo, esta geração é pioneira em vários ‘avanços’ da pauta trans no Brasil, mas há um sentimento controverso nesse panorama: por um lado, é cansativo e desgastante carregar o peso de ser a primeira, ao mesmo tempo em que enxerga com bons olhos a possibilidade de fazer parte de mudanças significativas do país.

Como mencionado no capítulo I, o DiaCast recebeu a criadora de conteúdo digital Ana Paula Xongani no dia 17 de março de 2022. Por volta dos 40 minutos da entrevista, Bielo Pereira comenta a resposta da colega, também mulher negra, a respeito da “Preta Patrícia” – termo em alusão ao estereótipo das “patricinhas”, geralmente associado às mulheres brancas com alto poder aquisitivo.

No programa, Bielo Pereira e Ana Paula Xongani debateram as mudanças advindas da ascensão financeira de mulheres negras no Brasil, que agora têm mais acesso a lugares e artigos de luxo, como hotéis caros e roupas de grife. Nesse contexto, Bielo (consumidora de itens de luxo) afirma que só a presença de uma mulher preta nesses espaços provoca ruptura, significando uma ação concreta, ainda que silenciosa.

Ao mesmo tempo em que este tipo de acesso pode representar uma transformação individual, Bielo enfatiza no *videocast* que é fundamental não ter medo de ir a esses lugares apesar de possivelmente haver constrangimentos. Na visão da produtora de conteúdo,

⁶¹ Neste conteúdo, a lista de personalidades trans foi elaborada por Bielo, com pessoas que ela admira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nlf5vMwPTzA>. Acesso em: 18 jan. 2024.

subverter a lógica de estratificação social dos negros como renegados a classes abastardas é uma alternativa que quebra um limite imposto pelo racismo brasileiro.

A visão de Gonzalez (2020), numa abordagem político-econômica da mulher negra no Brasil, complexifica a declaração de Bielo. Para a autora, a divisão racial e sexual do trabalho caracteriza a tríplice discriminação das mulheres negras em raça, classe e gênero.

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão (GONZALEZ, 2020, p. 50).

Isto é, a autora aponta que o status financeiro é apenas um dos pilares do racismo brasileiro. Portanto, tal ascensão financeira não garantiria mudanças significativas na hierarquia social dominada por homens brancos. Além disso, Gonzalez (2020) reforça que a mulher negra é excluída do feminismo no país mesmo quando se discute a dominação sexual, social e econômica. Ao seu ver, a discriminação racial é um ponto neutralizado enquanto problema e expõe o atraso político de grupos considerados progressistas no Brasil, que tentam ocultar a exploração da mulher negra pela mulher branca, por exemplo.

Nesse sentido, a autora reivindica: “como a mobilidade social ascendente do negro brasileiro se caracteriza por ocorrer em termos individuais, que se pense no tipo de lavagem cerebral a que ele é submetido” (GONZALEZ, 2020, p. 51). Apesar disso, a filósofa acreditava que a mulher negra possui uma “chama de libertação”, potente para combater a tríplice discriminação.

No primeiro trimestre de 2023, de acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV)⁶², a remuneração média das mulheres negras foi de R\$ 1.948 (equivalente a 48% do que homens brancos ganham, 62% do que as mulheres brancas ganham e 80% do que os homens negros ganham, em média). Das 50 milhões de mulheres negras aptas a trabalharem no período, apenas 44% (22,1 milhões) estavam empregadas.

Embora passados mais de 30 anos da escrita de L. Gonzalez sobre o assunto, a ocupação de trabalhos informais e de baixo nível de escolaridade continua atingindo mais fortemente as mulheres negras brasileiras. Mesmo em um cenário diferente daquela época, a participação das mulheres negras que chegaram ao ensino superior e concluíram o curso ainda é baixa (em 12% em 2023, como apontado pela pesquisa da FGV). Em síntese, indica-se que a ascensão das mulheres negras no Brasil ainda enfrenta muitas barreiras.

⁶² Disponível em: <https://ibre.fgv.br/blog-da-conjuntura-economica/artigos/crescimento-da-populacao-em-idade-ativa-e-maior-entre-mulheres>. Acesso em: 09 out. 2023.

4.2.1. O gordoativismo de Bielo, a patologização e os imaginários

Um vídeo no canal “Mina Bem-estar”, no YouTube, publicado em 21 de fevereiro de 2022, mostra a participação de Bielo Pereira numa entrevista feita pela apresentadora Angélica. Intitulado “Angélica entrevista Bielo Pereira: Beleza e autoestima”⁶³, o conteúdo aborda aspectos como a identificação de gênero, o processo de transição e a ambição profissional da criadora de conteúdo.

Questionada sobre o que é mais difícil no Brasil, ser gorda, ser preta ou ser bigênera, Bielo afirma que os três são complicados, mas que ser gorda é ser patologizada o tempo inteiro por todas as camadas da sociedade. “Ainda mais porque somos um país tropical, todo mundo sempre quer estar com o ‘corpo de verão’ o tempo todo. [...] Essa imagem sempre chega primeiro”, acrescenta.

Seguindo a perspectiva de M. Maffesoli (2001), considerando que o imaginário é um “cimento social” e que estabelece vínculos ainda que de forma ambígua, entendemos que uma reprodução de símbolos gera afetos na imagética de “corpo ideal”, magro e musculoso, o que faz com que o imaginário coletivo brasileiro sobre o corpo gordo tenha um caráter negativo com poder de significação na vida social. O magro costuma ser encarado como saudável mesmo quando está enfermo, mas aquele que difere da régua do que é visto como belo e ideal, é patologizado. Ou seja, a apreensão desses significados tende a colocar as pessoas gordas como corpos abjetos.

Mapeamos uma entrevista de Bielo no canal TLC Brasil no YouTube, publicada no dia 9 de agosto de 2022. O vídeo faz parte de um projeto da emissora com a cantora travesti Pepita, que apresenta o quadro num estilo parecido com um *videocast*. A artista inicia a conversa elogiando a relação de Bielo com a mãe e perguntando como a criadora de conteúdo se identificava.

Ao longo do relato de sua história de vida nas respostas dadas à Pepita, Bielo afirma que ser gorda é seu maior recorte, pois é imediatamente lida desta maneira pelo olhar do *Outro*. Ela diz ter táticas para estar em lugares que fazem parte da sua rotina e que não são preparados para receber pessoas gordas maiores, como, por exemplo, as aeronaves. A criadora de conteúdo comenta que pede uma poltrona extra nas viagens, bem como um extensor de cinto de segurança.

⁶³ Mina é uma plataforma digital lançada em 2022, de domínio da UOL. Trata de temas como bem-estar, beleza, amor-próprio e autocuidado. A apresentadora Angélica é uma das colunistas do portal. Disponível em: <https://minabemestar.uol.com.br/> e <https://www.youtube.com/@minabemestar4674/videos>. Acesso em: 23 out. 2023.

Ao ser questionada sobre os chamados ‘*haters*’ nas redes sociais, Bielo responde que recebe *hate* (ódio) ao andar na rua. A situação em questão está marcada em sua memória por ter ouvido de um desconhecido que ela morreria em decorrência de seu peso. Por essa razão, a produtora de conteúdo diz não se importar com o discurso de ódio na internet.

Nota-se que Bielo reivindica o gordoativismo no combate às discriminações contra corpos gordos (gordofobia), pontuando que a questão é menosprezada no debate público, seja na comunicação em espaços digitais ou não. Para ela, o corpo trans e negro pode até estar começando a ser mais “bem-visto” pela sociedade brasileira (sem esquecer dos recortes de espaço e acesso) ou encontrando novas formas de produzir saberes sobre si (sem deixar de lado as violências que permeiam essas pessoas diariamente e o quanto o caminho até a dissolução delas é grande), mas a pessoa gorda continua sendo vista como alguém doente que precisa de intervenção e não pode estar em espaços comuns, de diversão e lazer.

Nesse sentido, um cinto de segurança, uma cadeira e uma peça de roupa são utilidades do cotidiano que passam despercebidos pelas pessoas magras, mas são grandes agentes na vida de alguém que enfrenta a falta de acesso e discriminação. Ao trazer esses elementos do dia a dia, Bielo constrói um ativismo na sua comunidade digital e ‘chega com os pés na porta’ daqueles que ainda não a conhecem quando é entrevistada.

4.3. As andanças de Jonas Maria, reflexões coletivas e o a(r)tivismo desobediente

Na tentativa de ressignificação das atrações turísticas de Nova Iorque, Jonas põe seu corpo pelas territorialidades dissidentes presentes na cidade. Isto aparece em dois *vlogs* publicados por ele em fevereiro de 2022. O primeiro deles traz a procura do criador de conteúdo por livros com a temática trans. Além disso, o criador visita pontos historicamente reconhecidos como representativos do movimento LGBTQIAP+ local⁶⁴.

Em suas andanças, Jonas Maria encontrou livrarias com sessões amplas de *women studies* e *queer studies*. No entanto, ele ironiza o fato de que os ratos têm mais representação midiática que pessoas trans na cidade. Seu pensamento-performance destaca que os ratos estão por toda parte, nos filmes, nos livros e nas pichações, quase como se fossem cidadãos nova iorquinos de direito⁶⁵.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VhMWrd8AYfM>. Acesso em: 18 jan. 2024.

⁶⁵ Para Jonas, a imagética dos ratos apresenta simbolismos importantes, dos quais é possível estabelecer conexões. O animal tornou-se personagem principal da identidade visual de seu podcast, o “Degenerados”, não só pela influência da ampla presença midiática em Nova Iorque, mas também por esses animais serem alvo de

No segundo vídeo, Jonas visita a casa do político Murray Hall, que era um homem trans e só teve a identidade de gênero “descoberta” quando faleceu, no século XIX. O criador de conteúdo também vai ao LGBT Community Center e ao Greenwich Village Waterfront – porto frequentado por LGBTs após a Revolução de Stonewall, incluindo lideranças do movimento, como Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera. Por fim, ele passa pelo bar The Stonewall Inn, localizado numa praça onde há imagens e QR Codes com a história de algumas das pessoas que participaram da revolta de 1969, caracterizada pelo enfrentamento dos dissidentes frente ao abuso da força policial que os reprimia.

Já em março de 2022, o único vídeo publicado naquele mês foi: “COTAS TRANS: como evitar fraudes?”⁶⁶. Jonas começa explicando que o conteúdo se trata de uma continuação de uma publicação de dezembro de 2021, na qual comentou o porquê das cotas trans serem uma demanda da comunidade. Nesta nova postagem, o criador de conteúdo ressalta que dará suas opiniões pessoais sobre possíveis fraudes no recurso, guiado não só pela sua vivência, como também por seus estudos e contato com outras pessoas trans.

Mesmo assim, Jonas pontua que sua perspectiva pode contemplar ou não a visão de outras pessoas trans, salientando que este não é um tema consolidado dentro da própria comunidade. Ele ressalta que é importante que pensemos juntos a questão – na prerrogativa do pensar-com, bastante descrita nesta dissertação.

Pelas pistas deixadas por Haraway (2019) sobre os modos de lidar coletivamente com os problemas do presente, conseguimos conectar seu pensamento à proposta ativista de Jonas:

Importa qué pensamientos piensan pensamientos. Importa qué conocimientos conocen conocimientos. Importa qué relaciones relacionan relaciones. Importa qué mundos mundializan mundos. Importa qué historias cuentan historias (HARAWAY, 2019, p. 65-66).

Como ponto de partida para debater o assunto, Jonas comenta que viu no Instagram uma feminista afirmando ser contra as cotas para pessoas trans nas universidades. O post tinha comentários de internautas também mulheres cis que ironizavam a necessidade do recurso e diziam que criariam um nome social para usufruir da ação afirmativa. Tendo isso em mente, o criador de conteúdo alertou que muitos desses comentários, para além de expressarem malícia, ignorância e até ingenuidade, incentivam o crime de falsidade ideológica ao incitarem a mentira sobre nomes sociais.

testes de medicamentos e produtos – o que se liga aos medicamentos ‘em teste’ em pessoas trans que se hormonizam.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v9RfNHuF1e0>. Acesso em: 18 jan. 2024.

Na explanação de Jonas, ele não acredita ser suficiente a exigência de uma única autodeclaração, sendo importante pensar também em ações que **não** devem ser feitas como solução, tais como: exigir laudos psiquiátricos; estabelecer distinções sobre o que é ou não ser trans, como exigir que a pessoa obrigatoriamente tenha se hormonizado e feito operação de redesignação sexual. Esses requisitos excluiriam a diversidade de experiências e de acesso a tratamentos médicos, bem como rotularia quais pessoas trans são válidas de existirem.

Como solução, Jonas sugere olhar para a vida social do candidato, o histórico de vida, vínculos afetivos com outras pessoas, atuação nas redes sociais, ou até a apresentação de outros documentos que tenham o nome social (caso a pessoa o utilize). Ele ressalta que, quando se trata de políticas públicas, provar sua identidade não é uma violência, mas uma necessidade para a garantia de direitos.

Pensando junto com Jonas, é interessante mencionar que a sugestão dada por ele já é aplicada em cenários semelhantes e as ações afirmativas exigem comprovação em todos os setores. Tendo como exemplo as cotas aplicadas para pretos e pardos nos concursos públicos federais, há uma carência de critérios mais bem elaborados que deem conta da complexidade e variedade de cores e expressões étnico-raciais dos negros no país. Apenas com o documento de autodeclaração, como estipulado inicialmente pela lei 12.711/2012, abria-se brechas para que a comprovação fosse baseada exclusivamente nos traços fenotípicos dos candidatos. Entendendo a problemática, algumas instituições passaram a realizar uma entrevista de heteroidentificação, por meio de uma banca avaliadora que faz perguntas sobre a história e experiência de vida do candidato, possibilitando um panorama mais amplo de sua vida social.

Já quando olhamos as cotas de gênero nos partidos políticos, que devem ter o mínimo de 30% e máximo de 70% para cada um dos gêneros binários (presente na lei 9.504/1997), vemos que ainda assim há fraudes no regulamento por meio de candidaturas laranja (já explicadas anteriormente, no capítulo III). Buscando evitar tal manobra, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) determinou, em 2018, que os partidos devem reservar pelo menos 30% do Fundo Eleitoral para financiar as campanhas de candidatas mulheres no período eleitoral, além de aplicar o mesmo percentual à propaganda eleitoral gratuita nas rádios e emissoras de televisão⁶⁷.

Para o criador de conteúdo, o estabelecimento de critérios mais rígidos deve ser reconhecido pela comunidade trans como uma medida necessária para que não se perca a ação

⁶⁷ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2019/Marco/cota-de-30-para-mulheres-nas-eleicoes-proporcionais-devera-ser-cumprida-por-cada-partido-em-2020>. Acesso em: 23 nov. 2023.

afirmativa. “Não é a identidade da pessoa trans que está em questão, mas sim se ela atende aos critérios, sendo que é ela mesma que vai estabelecer quais são eles”.

Por fim, Jonas diz que não sabe quantas “provas” seriam necessárias para comprovar ser apto ao uso da cota trans, mas que cada caso é um caso e que as instituições precisariam de uma avaliação mais precisa. Apesar da dificuldade de categorizar os requisitos, ele acredita que a rigidez no processo de investigação evitaria fraudes e discursos que desmoralizem ou descredibilizem a medida. Esta seria uma forma de reduzir danos.

No mês de junho, Jonas publicou dois vídeos sobre a chamada *‘temporalidade queer’*. De acordo com Halberstam (2005), o *tempo queer* resulta de estranhas temporalidades, horários de vida imaginativos e práticas econômicas excêntricas. A ideia de trazer esse tema para o YouTube surgiu de conversas entre amigos dissidentes do criador de conteúdo que se conectaram aos seus estudos de interesse.

Em “LGBT: porque você não se sente adulto”⁶⁸, Jonas se baseia na obra *In a Queer time and place* (2005), de Halberstam. Nela, o autor se debruçou nas representações trans nas artes com enfoque no fator tempo-espço, no contexto da epidemia da Aids na década de 80. Segundo Halberstam, a *temporalidade queer* estaria fora dos marcos de vida heteronormativa, como o casamento e o nascimento de um filho.

Isto é, para Halberstam (2005), o tempo socialmente construído não somente organiza, como também impõe sistemas normativos, como o capitalismo e a branquitude. A *temporalidade queer*, quando lida em recortes de raça, classe e de pessoas com deficiência, por exemplo, acentua ainda mais a disparidade. Jonas avalia que isso se trata de um descompasso entre o que se é e o que se pode ser.

Além disso, esse “atraso” em relação às pessoas normativas pode ser percebido concretamente por LGBTQIAP+s que são expulsos de casa na adolescência – o que pode acarretar evasão escolar, altíssima entre as travestis no Brasil. Passando desta fase, ainda podem ocorrer impeditivos na área profissional (como, por exemplo, lésbicas que não podem performar masculinidade para não perderem postos de trabalho).

É como se ‘ser adulto’ é ser cis e heterossexual. E ‘adulto’ aqui não só entendido como alguém com responsabilidades e contas para pagar, mas também alguém admirado, respeitado e com direitos garantidos. [...] Quem é LGBT possui outros rituais de pertencimento social, de entrada na vida adulta e até de luto. E nem sempre os ritos de passagem estão bem estabelecidos. Eu sou um cara trans e eu passei por duas puberdades na minha vida, sendo que alguns médicos dizem que quando você começa a testosterona, na verdade é como se você estivesse entrando na menopausa. Então eu entrei na menopausa com 25 anos. O que que eu faço com todo

⁶⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cs18xAwqS1c>. Acesso em: 18 jan. 2024.

esse anacronismo na minha vida? E com o sentimento de descompasso e não pertencimento que vem com isso? (YOUTUBE BRASIL, 2022).

Quanto às necropolíticas no Brasil, Jonas sugere que o problema de morte de pessoas dissidentes no país os mata e os une. Isso afeta a noção de segurança, de valor e de perspectiva de vida dos grupos estigmatizados. Segundo o criador de conteúdo, esta parcela da população não caminha no mesmo ritmo que os cisheterossexuais, tendo outra relação espaço-tempo. A tentativa de viver sob os termos normativos não só provoca a sensação de deslocamento e inadequação, como também os priva de viverem em seus próprios termos, com outros referenciais e outros propósitos.

A segunda parte desta reflexão está no vídeo “QUEER TIME: como os hormônios nos afetam”⁶⁹, publicado em 13 de junho de 2022. Nele, Jonas volta a *temporalidade queer* especificamente ao recorte trans. Ele abre o conteúdo com o texto de João W Nery, do livro *Erro de Pessoa* (1984): “Tinha nascido quase aos 30 anos, sem nunca ter morrido!”.

Além deste, Jonas cita a obra *Destransição, Baby* (2021), de Torrey Peters, que leu em seu clube de leitura “Testo Junkies”. Segundo ele, o livro foi escrito e protagonizado por uma mulher trans, ou seja, a história parte de uma cultura trans, então possui piadas, críticas e reflexões que só poderiam ser como são porque vieram de alguém que vive no corpo a transexualidade.

Para Jonas, o tempo trans inclui o tanto de tempo que se dedica/investe/perde com a transição de gênero: hormonização, cirurgia, documentos. No passado, o Brasil exigia que pessoas trans vivessem 2 anos socialmente para poder iniciar a transição com hormônios. Hoje, são outros tempos: tempos de terapia, tempo de descobrir-se, tempo de *passabilidade*. O criador de conteúdo aponta o começo da hormonização com a testosterona como um “**marco temporal alternativo**, que pode guiar vidas e o “transversário”, que não necessariamente tem relação com uso de hormônios.

Assim como a colega Bielo Pereira, Jonas cita a expectativa de vida de 35 anos de idade das travestis brasileiras: “como a gente divide uma vida de 35 anos? 35 anos é velhice na idade travesti? Se sim, quanto tempo dura uma infância travesti? Ou a gente simplesmente está falando de um grupo que não possui a noção de velhice?”. Em seu relato, Jonas diz ter mais de 30 anos de idade e só agora estar explorando seu corpo, apresentando-se ao mundo como Jonas, entendendo quem é, o que gosta e o que faz. Ao mesmo tempo que há um sentimento de jovialidade, ele também sente um descompasso, de que deveria estar vivendo um outro momento de sua vida.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tD2np31ZIRM>. Acesso em: 18 jan. 2024.

Portanto, o criador descreve o cenário como **uma sensação de anacronismo**, que afeta tanto a forma como as pessoas trans são enxergadas pelo *Outro*, quanto sua autopercepção. Ele acrescenta que viu no Instagram duas pessoas trans que compraram brinquedos falando sobre o quanto aquilo significava para elas. No episódio, o homem trans comprou um skate e a mulher trans comprou uma boneca Barbie, artefatos comuns à infância cisgênera, mas que não são permitidos às pessoas trans nessa fase da vida.

É importante abrir um parênteses nos conteúdos de Jonas para apresentar brevemente a corrente teórica que J. Halberstam integra. De acordo com Colling (2021), o autor americano se alinha à “teoria antissocial” dos *estudos queer*, na qual se privilegia uma “estética do fracasso”. Tal estética atribui o fracasso às pessoas *queer* como uma forma criativa, cooperativa e surpreendente de estar no mundo por meio da melancolia, tristeza e negatividade, celebrando um certo anti-utopismo e a pulsão de morte (pegando carona em algumas hipóteses da Psicologia) (COLLING, 2021).

Sem desconsiderar a relevância do trabalho de Halberstam, salientamos estar mais inclinados às proposições de Colling (2021) que, também estudando os a(r)tivismos dissidentes brasileiros, propõe uma substituição do fracasso pela ideia da desobediência e resistência desse grupo. Isto é, o pesquisador brasileiro indica que o cenário do país evidencia a potência da recusa às práticas de morte ao ter na arte, na alegria e nas festividades as suas táticas de enfrentamento ao contexto de discriminação e necropolítica.

Voltando para os vídeo de Jonas, em 27 de junho de 2022, é publicado um *vlog* indo à Marcha Trans de São Paulo e na Poc Com – feira de quadrinhos e artes do universo LGBTQIAP+. Já no mês de julho, o criador de conteúdo postou um único vídeo no canal a respeito do *Transfeminismo*. Ele chama atenção para a configuração do movimento ser tanto uma corrente teórica quanto uma posição política, voltada para mulheres trans e travestis no feminismo.

Pontuando mais uma vez que não existe um modelo universal de mulher, Jonas confirma que o Transfeminismo não é uma vertente que pressupõe a fragmentação dos debates. Pelo contrário, é um outro olhar que, com base na obra de Letícia Carolina Nascimento (2021), indica um caminho que reconhece as performances de gênero (no campo das mulheridades e feminilidades) e as performances dissidentes, como as travestigêneres – um gênero por si só.

Nesse sentido, Jonas escolheu duas das diversas demandas do Transfeminismo abordadas em livro homônimo para formular o vídeo do dia 18 de julho de 2022: a **Cisgeneridade** e a **Autodeterminação**. O criador de conteúdo afirma que quem é cis não se

coloca em um lugar de construção, mas se enxerga como “natural”, “normal”, sendo a regra. A suposta coerência entre sexo-gênero-desejo é validada socialmente e essa validação subjugava outros corpos.

A partir da leitura de Nascimento (2021), Jonas ressalta que a Autodeterminação é importante para pessoas trans porque é o entendimento de que elas podem falar por si. Há algumas décadas, o que definia ‘o que é ser trans’ era o discurso médico – que ainda ocupa papel importante nos sistemas de poder e no imaginário.

Os conteúdos de Jonas Maria revelam a construção de um a(r)tivismo digital baseado em propostas de reflexões coletivas. Tanto pelas leituras de autores dissidentes, quanto pela sua própria experiência de vida, o criador de conteúdo busca ressignificar lugares, narrativas, símbolos culturais e atores do cotidiano que já se presumem consolidados. Como discorremos sobre as formulações de Colling (2021), na atuação de Jonas, recorre-se à desobediência em relação à cisgeneridade e heteronormatividade para desestabilizar “as tesouras de gênero e sexualidade”, ancoradas em discursos e regras estabelecidas pelo poder dominante.

4.4. Alteridade, transgressões faveladas e direito à cidade nas vivências da Blô

No canal da Blogueira de Baixa Renda, as questões de classe, direito à cidade e moradia seguiram sendo fortemente pautadas como características de sua produção ativista. Em junho de 2022, o único conteúdo publicado no canal foi “tour da minha casa própria no Morro do Banco – Casa na Favela”, no dia 16. No vídeo, Nathaly Dias explica que comprar um imóvel na favela possui mais complicações burocráticas do que “no asfalto”, além da casa possuir uma estrutura malfeita e cheia de “gambiaras”.

Em seguida, no mês de julho, é trazido o começo de obra na residência, que teve parte do processo inicial realizado pela própria criadora de conteúdo a fim de baratear os custos da reforma. Ela contou ter assistido tutoriais no YouTube, exaltando as publicações dos pedreiros na plataforma digital. Os vídeos seguintes mostram a quebra de expectativas de Nathaly Dias ao descobrir, junto às arquitetas e ao tio Paulo (seu tio pedreiro), que a estrutura do imóvel estava mais debilitada do que já imaginavam.

Apesar do problema de construção irregular, “Blô” se emociona ao receber a primeira conta de luz com seu nome. “Fazer essa obra, mesmo não tendo mais dinheiro para nada, tem me curado, tem me dado alegria, tem me deixado satisfeita”, relatou no vídeo “deu tudo certo mesmo quando dá errado”, postado no dia 23 de julho de 2022. Em 18 de novembro, a

criadora de conteúdo traz um *vlog* de atualizações sobre a obra na casa própria, que precisou ser completamente derrubada em decorrência dos problemas estruturais.

Os meses de setembro e outubro se dividiram entre atualizações sobre a obra na casa própria, compras e receitas. Em 19 de outubro de 2022, Nathaly Dias publicou um *vlog* no qual desabafa sobre a ascensão do pobre, após avistar uma colega da época de escola. A pessoa em questão havia se tornado cobradora de van (meio de transporte alternativo utilizado no Rio de Janeiro).

Em um relato carregado de emoções, a Blogueira de Baixa Renda diz que isso lhe causou certa tristeza porque desejava um futuro diferente para a amiga que a protegia de bullying o colégio. Durante o vídeo, a criadora de conteúdo vai construindo seu pensamento com comentários de fundo da sua namorada Fernanda (agora noiva), que afirma ser mais comum que pessoas com a mesma realidade delas (pobres, estudantes de escola pública e moradoras de favela) acabassem trabalhando nesse tipo de função. Ou seja, que é mais comum que se vejam favelados na posição de cobradores de van, em trabalhos informais e/ou de baixa remuneração do que financeiramente mais confortáveis, porque não se trata de uma questão de mérito, mas de diferença de oportunidades.

Ao refletir-com Fernanda, Nathaly Dias se direciona ao público:

As coisas são restritas mesmo, até a informação é restrita, a educação é restrita. Então é muito mais difícil uma pessoa virar eu do que virar ela [a colega]. Não é querendo desmerecer a batalha de cada uma não, ‘tá’? Só estou querendo pontuar que é muito difícil chegar nessa parte que eu estou, e é mesmo, é difícil para caramba. E, às vezes, eu me sinto mal porque olho para as pessoas que já estão muito à frente de mim e falo “puts, era para eu estar lá. O que eu estou fazendo de errado que eu não estou conseguindo chegar lá?”. Então é até uma questão de empatia e de conseguir olhar para mim mesma e falar: “[...] olha as meninas do Morro do Banco!!!!” (YOUTUBE BRASIL, 2022)⁷⁰.

Ao final, Nathaly Dias pondera que deve aproveitar mais suas conquistas e não se comparar a outras blogueiras de sucesso, porque não saiu do mesmo ponto de partida que elas. Para “Blô”, as pessoas ao seu redor, na favela, ainda enfrentam muitas barreiras de classe.

O debate proposto no conteúdo acrescenta as discussões sobre meritocracia e desigualdade social no Brasil. Pela esfera pública contemporânea, ainda podemos expandir a reflexão com a “onda” de *coaches* financeiros sem especialização, que vendem cursos com promessas milagrosas e agem de má fé nas redes sociais. Como este é um assunto que não se encerra na temporalidade em que o vídeo da Blogueira de Baixa Renda foi postado, podemos recuperá-lo também para acontecimentos posteriores, como o caso de golpes vendidos por

⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vhS6R4LCTgY>. Acesso em: 24 nov. 2023.

peessoas com muitos seguidores. Ao menos nove influenciadores digitais fizeram publicidade para um site falso que utilizou o nome da loja Shein para induzir usuários a um golpe bancário em abril de 2023⁷¹.

Vemos que a figura da blogueira ou influenciador digital não é de uma autoridade absoluta, na qual há credibilidade irrestrita. A maneira como se ganha dinheiro e seguidores na internet é questionável, já que pode haver uso de artifícios desonestos e criminosos para adquirir sucesso e conseguir “chegar lá”. É importante que, seja como criador de conteúdo, seja como usuário, o contexto social em que nos inserimos não se perca de vista, como Nathaly Dias apontou em seu relato.

Em vídeo publicado no dia 4 de novembro de 2022, a Blogueira de Baixa Renda traz uma descrição de seus gastos mensais. Em alusão ao Orçamento Secreto do governo Jair Bolsonaro⁷², a produtora de conteúdo brincou que o vídeo teria o “orçamento secreto da Blô”. Ao longo do conteúdo, ela sublinha novamente a sua ascensão financeira, mas afirma ter muito cuidado com seu dinheiro porque, assim como todo pobre, tem medo de perder tudo. Além disso, Nathaly Dias explicou que ganha dinheiro fazendo publicidade e com o AdSense do canal no YouTube⁷³, o que não lhe garante um salário fixo. Mas, apesar disso, ela diz ter facilidade no controle de gastos pelo conhecimento que adquiriu com a formação acadêmica em administração.

Na visão do psicanalista brasileiro C. Dunker (2020), esse “medo de perder tudo” é um dos efeitos do neoliberalismo, que instituiu as maneiras como devemos sofrer. O mesmo acontece com esse autogerenciamento e autogestão, em que o indivíduo é a sua própria empresa e administra tudo o que produz. Nesse sentido, o autor defende que o neoliberalismo não se trata apenas de um sistema econômico, mas de uma psicologia.

Conectando os apontamentos acima à noção de *Capitalismo Gore*, podemos ampliar a lista de características desse sistema. Nas pistas deixadas por S. Valencia (2010), a aceitação frenética dos ideais neoliberais em busca do desenvolvimento e ascensão social atua como um espaço de restituição e validação individualista, configurando-se enquanto parte dessa “mediação psicopolítica”. Isto é, constrói-se uma subjetividade capitalista, que também

⁷¹ Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/04/11/shein-alerta-para-golpe-em-site-promovido-por-influenciadores-como-meio-de-ganhar-dinheiro-avaliando-roupas.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2023.

⁷² A partir de 2020, começaram a ser liberados valores da União para deputados e senadores sem que se divulgasse a forma como o dinheiro era distribuído, para quais parlamentares e com qual finalidade. Tal prática ficou conhecida como “Orçamento Secreto”, no âmbito da presidência de Jair Bolsonaro.

⁷³ AdSense é o nome dado pelo Google à remuneração em dólares para canais do YouTube e websites que exibem anúncios. A quantia paga mensalmente varia por inúmeros fatores, como a quantidade de cliques, de visualizações e tempo de vídeo.

reafirma a espetacularização da violência, o que contribui para a precarização econômica e existencial de populações vulneráveis, a degradação do conceito de trabalho e o incentivo à aporofobia – o ódio aos pobres (informação verbal⁷⁴).

O relato da Blogueira de Baixa Renda quanto à saúde mental revela que os gastos com consultas psiquiátricas, sessões de terapia e compra de remédios ultrapassam o valor do aluguel de onde morava. Ela explica que poderia ter recorrido aos SUS para realizar o tratamento, mas acabou vivendo uma fase muito difícil na qual estava desesperada por ajuda e encontrou uma profissional com quem se identificou. Mesmo assim, “Blô” diz ter que trabalhar muito para conseguir bancar esses gastos, mas que “paga sorrindo e com satisfação no coração”, porque é o que tem recuperado sua qualidade de vida.

A partir disso, podemos dimensionar alguns fatores que desvinculam a questão de um olhar individual e encontram o caráter coletivo do sofrimento. A narrativa de fracasso individual presente no neoliberalismo tenta isolar completamente a dimensão política do adoecimento, das formas de sentir prazer e felicidade, pelas pistas de Dunker (2020). Utilizamos o exemplo da Blogueira de Baixa Renda para identificar as controvérsias presentes na interseção de classe social e saúde mental – uma ideia que ela também parece entender, ao dizer que todo pobre compartilha do mesmo temor.

Por fim, a Blogueira de Baixa Renda critica os já citados *coaches* de finanças, por incentivarem que os seguidores não comprem casa própria, sem terem “sentido na pele” o que é não ter onde morar. Na mesma linha, Nathaly Dias expõe as contradições dessas figuras, que dizem que não vale a pena comprar um automóvel, mas moram num local onde o transporte público funciona de um jeito completamente diferente comparado à favela de morro, por exemplo.

Moro em São Paulo, em Pinheiros, não compre carro. Óbvio, Uber Black maravilhoso oferecido ali pelo aplicativo na porta da sua casa sem nenhum comprometimento com seguro, com gasolina... eu não consigo pedir um Uber aqui na porta da minha casa porque não entra aqui [no Morro do Banco] (YOUTUBE BRASIL, 2022).

Em retrospecto, o vídeo publicado em 22 de março de 2022 compartilha que os familiares de “Blô” não têm vontade de sair do Morro do Banco. A Blogueira de Baixa Renda afirma que não deseja sair do Rio de Janeiro por ter se acostumado ao “ambiente caótico” da cidade. Ela sinaliza manter uma relação ambígua com os espaços em que circula porque a favela onde mora está na Barra da Tijuca, bairro que é considera elitizado e habitado por

⁷⁴ Trata-se de uma palestra de S. Valencia no Seminário "Neoliberalismo na encruzilhada neopopulista", da Universidade do Arizona (Estados Unidos), em 24 jan. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ls3eni6YTk>. Acesso em: 24 nov. 2023.

peessoas ricas. Por essa razão, a criadora de conteúdo diz ter tido dificuldade para encontrar lugares onde consiga se identificar fora da comunidade e acabou desistindo de se mudar da região por não se sentir pertencente a outros espaços.

Um relato de classismo sofrido por Nathaly Dias é trazido para o YouTube no dia 10 de novembro de 2022, após aproximadamente um mês do ocorrido numa loja de cosméticos no Barra Shopping, também localizado na Barra da Tijuca. Esta não foi a primeira vez que a produtora de conteúdo passou por uma situação de violência simbólica em um espaço de consumo tido como mais sofisticado.

O vídeo, intitulado “E mais uma vez aconteceu comigo...”, retrata o mau atendimento que obteve no estabelecimento, com a descrição dos diálogos com os funcionários: “eu só lembro da arrogância, eu só lembro do olhar, eu só lembro do rosto, da postura, da linguagem corporal, de como questionava minhas escolhas... era só eu ter falado “mermão, eu quero, porque eu tenho dinheiro”, declarou.

Eu fico impactada com o tanto de preconceito que eu sofro ao entrar numa loja de cosméticos [...]. Eu acho impressionante o quanto eu sou desconsiderada. [...] É sempre aquela mesma história de cara de pobre que, mesmo sem a gente conseguir definir porque sempre dizemos que pobre não tem cara, não tem como. Se você não está ‘portando’ uma roupa de marca, se você não está ‘portando’ uma bolsa, eles vão te julgar (YOUTUBE BRASIL, 2022).

Os *stories* do Instagram registrados minutos depois do ocorrido foram incorporados ao vídeo para auxiliar na contextualização do caso. Nathaly Dias explicita que a razão para publicar esse conteúdo foi saber que essas situações não acontecem só com ela e que mesmo estando “mais dentro do padrão” do que pessoas negras e gordas, por exemplo, ainda é inferiorizada pela posição social que ocupa: “eu não consigo nem materializar o que é, que cara é essa que é julgada, que é colocada nessa posição de pobre”.

Ao final do relato, a criadora de conteúdo comenta com indignação sobre o despreparo da marca para se responsabilizar e solucionar o conflito, porque é necessário que mudanças reais aconteçam. Isto é, não basta apenas ganhar produtos, receber um atendimento “maquiado” e demitir os funcionários envolvidos. Há toda uma cultura empresarial preconceituosa que precisa ser modificada, como afirmou a vítima.

Para L. Kern, a forma como as cidades foram construídas também reflete diretamente essa marginalização, apesar de ser na vida urbana que as mulheres têm outras opções, como a recusa pelo casamento heterossexual, a busca de carreiras não tradicionais, a expressão de identidades, participação cultural e midiática, bem como o “desenvolvimento de novas redes de parentesco e amizade” (KERN, 2021, p. 27). As feridas abertas pelo classismo nos dão luz

sobre os efeitos da figura da mulher favelada no imaginário brasileiro (e, mais especificamente, fluminense) que, mesmo sendo cisgênero e branca, é vista como uma fonte ou sinal de problemas relacionados a questões urbanas da cidade (KERN, 2021).

Esse tipo de distinção social também atinge os familiares da Blogueira de Baixa Renda para além do gênero e da sexualidade dissidente, como descrito no vídeo. De acordo com Nathaly Dias, seu irmão já passou por este tipo de discriminação numa loja de roupas:

Eu tenho um irmão que anda na rua com roupa de marca, um Iphone na cintura, um colar de ouro grosso, cheio de bolsa na mão, mas [quando] está dentro de uma loja chega uma senhora *gran fina* e pergunta: “vendedor, você pode me ajudar?”, quando claramente meu irmão não está vestido como um vendedor de uma loja *fast fashion*, ‘tá’ ligado? Claramente é racismo, é preconceito, é ‘classismo’ (YOUTUBE BRASIL, 2022).

A origem da mãe e dos tios da Blogueira de Baixa Renda em Solânea, no estado da Paraíba, no nordeste brasileiro, é constantemente resgatada pela criadora de conteúdo, no que pode ser uma busca por rememorar sua história de vida. Em agosto daquele ano, período próximo do primeiro turno da eleição presidencial, a Blogueira de Baixa Renda foi convidada para ir à Brasília para conhecer o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) pelo Redes Cordiais – primeira organização brasileira de educação midiática para influenciadores e redes sociais⁷⁵. Na viagem, ela gravou um *vlog* pela feira de Ceilândia, região que abriga a maior população nordestina fora do Nordeste.

“É uma mistura de Uruguaiana com a feira de Solânea”, comentou unindo a ambiência carioca à da Paraíba. Como um “tour gastronômico na perifa”, “Blô” filmou o ambiente de circulação de pessoas entre lojas de roupas, barracas de comida e lanchonetes. Ela almoçou na Barraca da Galega e comeu o abacaxi da Noêmia de sobremesa, reforçando sua escolha pela interação com os vendedores locais – semelhante a que estabeleceu no *vlog* do Mercado de Madureira, citado anteriormente no capítulo III. Ao sair da feira, Nathaly Dias reforçou a similaridade simbólica entre espaços dos estados, ao dizer que a loja de sapatos Polyelle é um ponto de encontro em Brasília, assim como a loja Ponto Chic também o é no imaginário popular do subúrbio carioca.

⁷⁵ A organização afirma que busca “construir redes mais saudáveis e confiáveis, mais perto do modelo em que elas foram originalmente pensadas: uma esfera pública de diálogo e troca, numa internet livre, em que a liberdade de expressão crie comunidades comprometidas com diálogos democráticos”. Disponível em: <https://www.redescordiais.com.br/quem-somos/manifesto/>. Acesso em: 27 out. 2023.

Figura 16 - “From Perifa” estampa camisa de Blô em parceria com marca Chico Rei



Fonte: print de foto do Instagram, tirado pela autora em 24/04/2023

Os aspectos do popular trazidos pela Blogueira de Baixa Renda, sobretudo a respeito das táticas existentes nas periferias, favelas e subúrbios, representam transgressões (CERTEAU, 1998). Estas atuam pelas frestas do poder instituído e dão lugar à criatividade, às subjetividades e conhecimentos autônomos adquiridos no cotidiano. Dessa forma, “Blô” põe seu corpo à deriva por essas territorialidades para que possa entender as dinâmicas de relações interpessoais, narrativas e simbolismos cultivados em espaços bastardos.

Como postulado ao longo de toda a produção audiovisual da Blogueira de Baixa Renda em 2022, algumas vidas são tidas como mais valiosas que outras. Isso tem a ver não só com o modo como a mídia interfere na formação dos imaginários, mas na (des)valorização sociocultural dos moradores de favela e seus saberes, bem como na (falta de) garantia do direito à cidade e no (não) reconhecimento da necessidade de espaços de consumo e lazer que não excluam e marginalizem tal população.

Compreendemos que Nathaly Dias reivindica a favela como um berço de cultura, assim como o interior nordestino de onde emigrou parte de sua família. O lugar de origem é tido como uma lembrança inesquecível e o Morro do Banco como seu espaço de pertencimento, de onde entende fortemente as distinções sociais de classe através do olhar sobre os modos de se vestir favelados, a circulação na cidade, as contradições com o bairro onde se localiza a comunidade, as relações de alteridade (“os do morro” e “os do asfalto”), o classismo, o limite de oportunidades, entre outros aspectos.

4.5. Esse Menino contra um líder em declínio: rapidez, o deboche e escracho humorístico

Ao pensar sobre o panorama dos conteúdos de Esse Menino, entendemos como ele cria, desenvolve e incentiva debates na esfera pública contemporânea por meio de um a(r)tivismo digital. Mesmo com vídeos curtos, o humorista consegue inserir reflexões de dinâmicas sociais que permeiam nosso imaginário, acontecimentos noticiados pela imprensa, reivindicações políticas e sociais, crenças discriminatórias sobre sexualidade, além de assuntos nichados da internet.

Em abril, Esse Menino produziu dois vídeos sobre os gastos públicos das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) na compra de Viagra, próteses penianas, remédio para calvície, toxina botulínica e lubrificante íntimo. O assunto veio à tona na grande imprensa no dia 12 de abril, mesma data da primeira publicação. Neste primeiro vídeo, o humorista faz alusão ao vídeo da Pfizer, responsável pela sua *viralização* no ano de 2021⁷⁶.

No conteúdo, Esse Menino simula ser funcionário de uma farmacêutica enviando e-mails para tentar vender o medicamento utilizado para tratamento de disfunção erétil. Ao contrário do que ocorreu na encenação da Pfizer, desta vez se obteve uma rápida resposta à proposta, sendo, inclusive, tratado com carinho pelos militares.

Posteriormente no dia 14 de abril, o segundo vídeo zomba da compra de Botox e remédio para a calvície. Para isso, Esse Menino interpreta como seria um militar brasileiro numa guerra, usando um filtro de harmonização facial⁷⁷ para representar os procedimentos estéticos: “Bando de feia. Aqui é Brasil, amor”.

⁷⁶ Esse Menino ganhou maior notoriedade nas redes sociais após publicar o vídeo em que satiriza a demora na compra de vacinas Pfizer por parte do então presidente Jair Bolsonaro em meio à pandemia da Covid-19 em 2021. No conteúdo, ele simula ser a farmacêutica enviando diversos e-mails com propostas para o governo brasileiro, sendo ignorado e desistindo da negociação. A publicação fez com que o criador de conteúdo ganhasse 1 milhão de seguidores em duas semanas.

⁷⁷ Os filtros são uma ferramenta em diversas redes sociais, como o Instagram, que utiliza a tecnologia de realidade aumentada para modificar fotos e vídeos. Nesse exemplo, o filtro exacerba a aparência do rosto do usuário na caricatura do procedimento de harmonização facial.

Figura 17 - Esse menino com filtro para satirizar compra de Botox pelos militares



Fonte: print do vídeo do Instagram, tirado pela autora em 15/05/2023

No dia 27 de abril de 2023, Esse Menino publicou um vídeo sobre o pagamento de impostos, no qual questiona o destino da arrecadação e zomba da aparência de Renan Bolsonaro. “Já que não vai distribuir ‘pro’ povo, eu queria que pelo menos eles usassem [o dinheiro do imposto] para dar um corte de cabelo decente para o Renan. Pode tirar do meu!”. O humorista finaliza o conteúdo com um chamado para que os seguidores tirem ou regularizem o título de eleitor.

Já no dia 1º de junho de 2022, um *reels* do Esse Menino simula uma propaganda do “Robô B17”, que seria um robô aspirador que encobre escândalos de representantes da extrema direita no Brasil. Utilizando a retórica bolsonarista sobre a Lei Roaunet⁷⁸, o humorista enfatiza o caráter contraditório de grupos conservadores que acusam artistas de serem bancados pelo Estado (a exemplo da cantora Anitta, alvo de ofensivas misóginas e discursos de ódio por parte desses grupos). Isso porque, naquele período, foram descobertas contratações de cantores sertanejos, abertamente apoiadores de Jair Bolsonaro, com valores

⁷⁸ Descrição da lei disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18313cons.htm. Acesso em: 24 nov. 2023.

exorbitantes para se apresentarem em cidades pequenas do país, chegando a mais de 1 milhão de reais⁷⁹.

As críticas quanto ao governo Bolsonaro continuam no vídeo do dia 11 de julho de 2022, no qual Esse Menino atua como atendente de um restaurante brasileiro. Na esquete produzida pelo humorista, ele interpreta um garçom que oferta o vírus da Covid-19, carnes com preços altos, acompanhamentos em pouca quantidade, gasolina como bebida, entre outros. O criador de conteúdo ainda afirma que a comida vendida no local é de restos de outra pessoa.

Na data da publicação, circulava na imprensa brasileira a imagem de um grupo de pessoas procurando restos de comida num caminhão de lixo no centro do Rio de Janeiro. Em setembro de 2021, havia ganhado repercussão na esfera pública, por meio do jornal Extra, a prática de distribuição de ossos e restos de carne na zona sul da capital fluminense para moradores que não tinham alimentos (EXTRA, 2021)⁸⁰.

Na legenda do *post*, Esse Menino comenta a volta do Brasil ao Mapa da Fome das Nações Unidas. O país apresentava uma situação mais grave do que a média global no período, com 4,1% da população com fome crônica. No texto, o criador do conteúdo afirma que a notícia “é um reflexo de um governo que não trabalha para o povo”.

As afetações que surgem a partir da exposição da precariedade nas metrópoles revelam características do nosso meio social. Na perspectiva dos estudos da Sociologia Urbana, sentimentos como indignação e pena coabitam com a indiferença e insensibilidade da *atitude blasé* (SIMMEL 1973 [1903]), na qual prevalece o anseio pela liberdade individual no comportamento de reserva. No contexto da fome, entendemos que esse olhar sobre o *Outro* é capaz de atuar como mantenedor das hierarquias sociais, na medida em que pode carregar uma sensação de ‘repulsão mútua’.

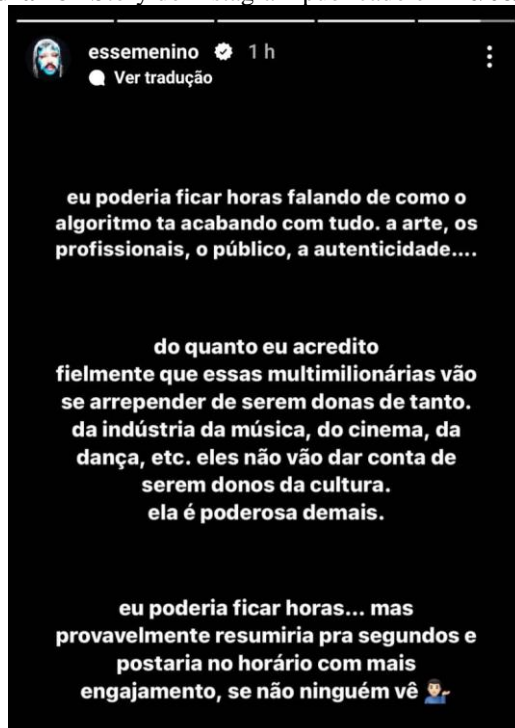
De acordo com Simmel (1973, p.16), o cerne da “*atitude blasé* consiste no embotamento do poder de discriminar”. Num conteúdo digital de humor, a reinserção de imagens fortes como essa no *feed* de uma rede social sugere a potência da comunicação pós-massiva na possibilidade de chamar atenção para a necessidade de responder a urgências nas condições de vida atual.

⁷⁹ O cantor sertanejo Gustavo Lima foi contratado pela prefeitura de Magé, na Baixada Fluminense, para realizar um show em comemoração ao aniversário da cidade com o cachê de R\$ 1,004 milhão. Reportagem disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/show-de-gustavo-lima-com-cache-de-mais-de-r-1-milhao-no-rio-e-alvo-de-investigacao-do-mprij/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

⁸⁰ “Garimpo contra a fome: sem comida, moradores do Rio recorrem a restos de ossos e carne rejeitados por supermercados”. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/garimpo-contra-fome-sem-comida-moradores-do-rio-recorrem-restos-de-ossos-carne-rejeitados-por-supermercados-25216735.html>. Acesso em: 24 nov. 2023.

No dia 16 de agosto, o *reels* publicado por Esse Menino mostra a interação dele com a Alexa, assistente virtual da Amazon que é capaz de conversar com o usuário. No vídeo, o dispositivo não-humano alerta o humorista sobre o início da campanha eleitoral no Brasil e o convoca a começar os debates com pessoas de posição política diferente. O criador de conteúdo reforça, por meio do conteúdo, sua preferência para o cargo da presidência, além de incentivar os seguidores a participarem do processo até a votação.

Figura 18 - Story do Instagram publicado em 16/08/2022



Fonte: print tirado pela autora na data da publicação

Após a publicação, Esse Menino postou um *story* abordando o baixo alcance e equívocos da classificação feita plataforma em conteúdos mais explícitos sobre política. “Mais um vídeo que eu faço sobre política que VÁRIAS pessoas não conseguem ver (no outro, 8 mil pessoas me avisaram do erro na plataforma). Minha vontade de largar isso aqui é diária, eu tenho vídeos sobre política programados até o segundo turno... é desanimador demais”. O criador de conteúdo ainda criticou a lógica dos algoritmos e do enquadramento necessário para ser bem-sucedido na profissão.

No vídeo seguinte, do dia 29 de agosto de 2022, Esse Menino lista características do candidato da oposição para que eleitores tenham argumentos para explicar o voto. No entanto, os motivos mencionados acabam subvertendo a intenção de voto ao retratarem fatos negativos do cenário brasileiro, como as mortes em decorrência da Covid-19 e o quadro da fome. “Quem falou que ele não governa para minoria, se ele só governa para rico? Só bilionário tem uns três, quatro”, satirizou.

No *reels* publicado no dia 5 de setembro de 2022, o criador de conteúdo arquiva uma resposta à “caixinha de perguntas” produzida na funcionalidade do *story*. “Minha amiga smp chama pros rolês uma menina q eu ã gosto. O q faço, Esse?”, perguntou um seguidor. O humorista responde que essa pessoa é o “Geraldo Alckmin do rolê”, referindo-se ao então candidato a vice-presidente na chapa de Lula (PT). A comparação aciona discussões no âmbito da campanha eleitoral quanto à escolha do representante, que foi um dos fundadores do PSDB.

Não sei o que você está fazendo aqui, não sei quem te chamou, não entendi até agora, mas você veio. Vamos aturar porque ‘cê’ veio com uma outra pessoa ali que a gente adora... que é uma que eu estou engasgada aqui com essa história que até agora eu não entendi o que é que você veio fazer aqui com a gente (INSTAGRAM, 2022).

O humorista publicou um vídeo de 1min39s no dia 28 de setembro de 2022, zombando que teria mais motivos para votar em Jair Bolsonaro do que seus eleitores. Esse Menino se refere ao vídeo da Pfizer (mencionado anteriormente) como o vídeo que mudou a sua vida e que, desde então, tem feito mais sucesso e dinheiro em cima dos erros do então presidente. “Ele gerou empregos para o país? Não, mas para mim gerou (risos)”.

Os vídeos do mês de outubro foram dedicados majoritariamente à eleição no perfil do Esse Menino. Em 1º de outubro, ele elaborou um conteúdo sobre o que se pode ou não fazer no dia da eleição. Já em 5 de outubro, num vídeo de 1min57s, o humorista interpreta o diabo para declarar qual seu voto. Neste último, ele brinca com o fenômeno de cobrança dos internautas para que artistas assumam publicamente suas intenções de voto na internet. O diabo, no entanto, assume a postura de “isentão” e diz estar ao lado daqueles que não se posicionam.

Em 25 de outubro, o *reels* publicado aborda a crença de que se o Lula ganhasse a eleição, o Brasil viraria a Venezuela. Mais uma vez, o texto busca subverter discursos bolsonaristas e *fake news*. Para isso, Esse Menino simula uma ligação entre os dois países, na qual a Venezuela esclareceria a questão:

Nunca nem chegou perto de ser comunista. A senhora baixa essa bola, hein? ‘Tá’ se achando, hein? Não, deu uns auxílios, umas oportunidades ‘pra’ galera mais pobre, que é dever do governo (não fez mais do que sua obrigação) e já ‘tá’ se achando a ‘comunistona’, a primeira e única herdeira natural de Karl Marx. Você, gatinha, ‘mal mal’ é o que a gente chama aqui de ‘comuna de balada’, tipo ‘gay de balada’. Vez ou outra você faz uma gracinha, ‘tá’? Fica muito ‘loucona’ e faz um SUS, e só! Não pense você que vai andar com a foice e o martelo no recreio da ONU (INSTAGRAM, 2022).

No vídeo seguinte, do dia 27 de outubro, o criador de conteúdo simula conversar com pais eleitores de Bolsonaro. Na conversa, Esse Menino conta uma série de situações da vida dos personagens na realidade dos pobres no Brasil como forma de alertá-los.

Após o *reels* no dia 1º de novembro de 2022 sobre a derrota do então candidato à reeleição para a Presidência da República (detalhado no capítulo III), a postagem do dia 14 de novembro continua abordando a repercussão do resultado da eleição, discorrendo, desta vez, sobre as manifestações bolsonaristas pelo Brasil. O humorista simula ser um dos manifestantes e zomba da falta de clareza sobre as reivindicações dos apoiadores do ex-presidente. Esse Menino ainda cita personalidades como a atriz Cássia Kis e o ex-jogador de futebol Robinho, condenado por estupro na Itália em 2017 – ambos a favor do então candidato à reeleição.

O assunto se repetiu no vídeo do dia 30 de novembro de 2022, no qual Esse Menino uniu as manifestações bolsonaristas ao “sumiço” do ex-presidente. No *reels*, o criador de conteúdo atua como alguém que avisa os manifestantes sobre o “relacionamento tóxico” que estavam mantendo com Jair Bolsonaro. O humorista relaciona as fortes chuvas do período, que desmantelaram parte das barracas que abrigavam as pessoas na porta de quartéis, a um sinal divino para voltarem para casa. Ele também citou o ‘sigilo de 100 anos’⁸¹ como uma característica negativa no então mandatário.

Já no dia 14 de dezembro, o vídeo de 2min09s de Esse Menino comemora o anúncio da volta do Ministério da Cultura. O criador de conteúdo comenta o desamparo de artistas nos quatro anos de governo Bolsonaro, nos quais só cantores milionários tinham incentivo financeiro. Com a possível volta de editais e leis de incentivo, o humorista afirma que a classe artística poderá “voltar a sonhar”.

O último vídeo publicado no perfil @essememino em 2022 data de 26 de dezembro. Em tom de zombaria, Esse Menino encena ser o psicólogo de Jair Bolsonaro. “Todos deveríamos fazer terapia, inclusive ex-presidentes que tem chorado muito por aí”, escreveu o criador de conteúdo na legenda da postagem. O personagem incentiva o político a aceitar a derrota, mesmo que tenha sido o único presidente a não se reeleger na história do Brasil. Por fim, o humorista pede ingressos ao paciente para ir à posse de Lula, considerando que as entradas de Bolsonaro e Michelle não seriam usadas.

Ao final do mapeamento de conteúdos do Esse Menino, identificamos a presença incisiva dos escândalos do ex-governo em seus vídeos. O a(r)tivismo digital do humorista se

⁸¹ De acordo com a análise da ONG Transparência Brasil, o governo Bolsonaro foi o que mais negou informações indevidamente sob proteção do chamado ‘sigilo de cem anos’ – que corresponderia a um uso incorreto do art. 31, § 1º, inciso I da Lei de Acesso à Informação, que restringe a divulgação de informações pessoais e sem interesse público. Das 513 negativas irregulares registradas de 2015 a 2022, mais de 80% (413) ocorreram durante o governo Bolsonaro (2019-2022), com maior ocorrência no ano de 2019 (140 negativas indevidas) (TRANSPARÊNCIA BRASIL, 2022). Disponível em: <https://blog.transparencia.org.br/uso-indevido-do-sigilo-de-100-anos-para-negar-acesso-a-informacao-foi-quatro-vezes-maior-no-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

dá a partir de suas críticas, em tom irônico e debochado, ao longo de todo o ano de 2022, com ênfase ainda maior após o início oficial da campanha eleitoral. Além de se posicionar contra Bolsonaro e figuras aliadas ao então presidente, o criador ressaltou constantemente em seus textos a piora nas condições de vida do brasileiro e o encolhimento da classe artística durante os quatro anos do mandato passado. As postagens foram feitas com dinamismo, tendo em vista que quase sempre foram publicadas no mesmo dia em que a imprensa noticiou os acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se compreender como os quatro criadores de conteúdo estudados – Bielo Pereira, Blogueira de Baixa Renda, Esse Menino e Jonas Maria – criaram táticas de enfrentamento às práticas de morte no Brasil em 2022 diante de suas dissidências sexuais e/ou de gênero. Para responder ao questionamento norteador, a cartografia social empreendida tentou mapear a atuação desses atores em suas comunidades digitais, seio das mídias contemporâneas com função pós-massiva em que a circulação da informação é, ao mesmo tempo, planetária e nichada.

Como uma estratégia metodológica, o estudo se valeu de “chaves de interpretação”, como a interseccionalidade, os Estudos da Performance e a “oralitura” (MARTINS, 2021). O objetivo da pesquisa foi dar destaque à formação de novos saberes e olhares para as dissidências, bem como identificar os caminhos comunicacionais que visibilizam narrativas simbólicas que, possivelmente, desestabilizam as noções sobre gênero e sexualidade no país. Para tal, sugerimos que os sujeitos de pesquisa o fizeram por meio de adaptações criativas e visões de mundo próprias, artifícios da linguagem, “performances de (re)existências” e a(r)tivismos digitais, cultivando a construção de novos imaginários sobre estes corpos.

A cartografia enquanto uma ferramenta de visualização nos deu pistas da importância pluridisciplinar dos estudos de comunicação sem que o pesquisador precise insistir num distanciamento irreal do que se propõe a pesquisar. Houve o esforço de conhecer os criadores de conteúdo, os meios pós-massivos e as produções de mundos ao redor do objeto de pesquisa com a finalidade de pensar as práticas de criação de conteúdo digital, suas performatividades e usos da internet – compreendendo que este é um ambiente ambivalente, em constante atualização, mobilizado por agenciamentos polifônicos e polissêmicos. Com isso, buscou-se entender a produção audiovisual de 2022 como peça fundamental de um contexto mais abrangente, no qual os quatro criadores são apenas um recorte da trama. Mesmo assim, foi possível investigar diferentes pontos de vista, divididos em eixos temáticos pelos quatro capítulos.

Para esta investigação, consideramos que o ambiente digital alimenta e é alimentado pelos imaginários (MAFFESOLI, 2001) e investimos na particularidade da atuação do “nicho de minorias” como parte da expressão e visibilidade das dissidências sexuais e de gênero dos criadores de conteúdo digital selecionados – *minority celebrities*, como identificou Abidin (2019). Esta última característica dá luz à lógica “socialcast” (KARHAWI, 2017b), baseada na construção de relações de personalidade entre os criadores e seus seguidores.

Tendo esses conceitos em mente, visualizamos usos dos espaços digitais que seguem a lógica do local. Um núcleo comum entre os quatro sujeitos de pesquisa se constitui pela ênfase de uma “potência estético-comunicativa” (FERNANDES, 2005), já que todos eles têm, em suas performances incorporadas, a força política e a(r)tivista dos pensamentos-performances dissidentes que carregam consigo e disseminam nas plataformas. Isto é, as comunidades, o “nós” é formado pelo compartilhamento de experiências de vida, sentimentos comuns e significados compartilhados com os seguidores, numa criação de conteúdo a partir das sensibilidades.

Neste contexto, Bielo Pereira, Blogueira de Baixa Renda (Nathaly Dias), Esse Menino e Jonas Maria produzem táticas ordinárias, ancoradas por autonomia, paixão, criatividade e construção de saberes para si e seus pares. Ao se posicionarem enquanto dissidentes e serem o “rosto” da comunicação, o processo de identificação torna-se mutável, num vir a ser, não se deixando ser capturado pela norma cisheterossexual. Logo, consideramos que esses criadores contribuem para a “ferrugem das tesouras de gênero”, ao bagunçarem e desnaturalizarem os códigos de feminilidade e masculinidade baseados no binarismo de gênero e sexualidade heteronormativa – movimentando, portanto, não apenas as práticas sexuais, mas também estilos e experiências de vida, imagens coletivas e narrativas simbólicas.

Inicialmente, comentamos que o binarismo de gênero compõe os sistemas de simbolização cultural do Capitalismo Gore (VALENCIA, 2010), além de citarmos algumas violências e necropolíticas no Brasil em relação aos corpos dissidentes: estigmas de doenças relacionadas à homossexualidade e transgeneridade; invisibilidade e apagamento social dessas pessoas em levantamentos oficiais sobre a população; pouca representação nas mídias tradicionais; pânico morais associados à comunidade trans, alto índice de violência física com casos de agressão/estupro/assassinatos. Ao longo da pesquisa, foi possível mapear que a ação dos criadores de conteúdo corrobora a potência do agir coletivo para que “tesouras de gênero e sexualidade” como essas enferrujem cada vez mais.

Nesse sentido, mesmo que não se considerem ativistas, práticas de a(r)tivismos digitais são percebidas nas produções de conteúdo digital. Tais práticas estão marcadas, majoritariamente, por artifícios semânticos e “armas performativas” da linguagem, em performances ritualísticas, orais e incorporadas, recheadas de humor, ironia e deboche. Esses elementos estão imersos nas dimensões lúdica e estética, de acordo com a realidade social de cada um dos sujeitos de pesquisa descritos.

O ideal comunitário, de um ser-aí-com (SUSCA, 2019), é construído pela estética da vida cotidiana e pelo desejo de pertencer e partilhar, com elementos de resistência e

desobediência em relação à “régua” da cisheteronormatividade. Assim, Bielo Pereira, Blogueira de Baixa Renda, Esse Menino e Jonas Maria contribuem para a des-naturalização do gênero e sexualidade como binariamente determinados. Por meio de suas expressões, potências e poderes, esses criadores de conteúdo expõem a fragilidade e a decadência desse sistema. Eles dão visibilidade a novas “pedagogias”, aspirações e possibilidades de autorreconhecimento, dando a ver a estética como assunto público e meio de experimentação do comum.

Durante a cartografia, identificamos relatos pessoais como parte integrante do trabalho de Bielo Pereira, uma pessoa intersexo e bigênera que se reconheceu dentro do ‘guarda-chuva’ trans pelo contato com as pessoas. Ao ser entrevistadora/interlocutora, notou-se que seu pensamento-performance se construiu nos diálogos abertos com outros criadores, nos quais descreveu experiências comuns às pessoas dissidentes no Brasil (seja pelo convívio familiar, dentro de instituições religiosas, nas universidades ou no mercado de trabalho). Uma característica marcante de sua criação de conteúdo é a gramática interseccional que passeia entre as questões raciais, de gênero e sexualidade, e do gordotivismo (mesmo que ela reivindique este último como seu principal nicho de atuação).

A performance da apresentadora não se baseou apenas nas práticas discursivas, mas principalmente pela visibilidade de seu corpo e no confronto imagético frente aos ideais de corpo masculino, branco, cisgênero, magro e heterossexual. Ao adentrar o ‘guarda-chuva’ trans, a criadora mostrou as múltiplas possibilidades de expressão de corpos dissidentes: ela carrega consigo uma imagem associada ao feminino, mas se entende também como um corpo masculino; ela é uma pessoa intersexo que, portanto, possui características que desafiam a justificativa biológica e “natural” do binarismo homem/mulher.

Já no mapeamento de Jonas Maria, percebemos o esforço de seu pensamento-performance no deslocamento das “imagens de gênero”, pré-conceitos do que é ser homem ou mulher. O criador de conteúdo digital rechaça tais categorias binárias e as normas de vida heteronormativas, des-identificando-se com elas. Em relação à transgeneridade, ele buscou desmistificar o essencialismo na concepção do que é um corpo trans, frequentemente enquadrado pelas lentes do discurso médico-patológico. Assim, mostrou que mesmo as minorias sexuais e de gênero sofrem com enquadramentos e tesouras.

Entre suas semelhanças com experiências de Paul B. Preciado, Jonas enfatizou o quanto pessoas trans são diversas, apesar de enfrentarem estigmas comuns à comunidade como um todo (vistos como doentes, anormais e antinaturais). Nos vídeos e pelos relatos da hormonização com a testosterona, o criador de conteúdo aprofunda algumas narrativas

difundidas por conservadores e explicita o incômodo que eles têm no que se refere àqueles que ‘ameaçam’ o binarismo de gênero de algum modo. Isto significa dizer que, mesmo que com pouca representação e poder político/midiático/social/jurídico no Brasil, as pessoas trans se tornam alvo de pânicos morais – que podem ser percebidos como estratégia discursiva das violências simbólicas cisheteronormativas que disputam a mobilização da opinião pública.

Jonas também traz referências a produtos culturais contemporâneos a fim de estabelecer conexões com a vivência trans, por meio interpretações próprias carregadas de metáforas, simbolismos e alegorias. Isso foi feito em séries de vídeos, como o Cinepédia. De maneira geral, sua criação de conteúdo intenciona discutir questões de gênero a partir do seu próprio ponto de vista e uso exploratório na internet, reafirmando sempre que possível que não deseja ser falado pela cisgeneridade e não fala por todas as pessoas trans. Ao final, consideramos que Jonas propõe o pensar-com e pensar-em por meio de produções audiovisuais mais densas.

Ao trazer histórias e experiências de familiares, a Blogueira de Baixa Renda explicita sua visão de mundo acerca da realidade e das problemáticas em torno da homofobia, aporofobia e racismo no território carioca, sem deixar de lado os muitos recortes e camadas de distinção social eminentes desses problemas (evocando novamente a interseccionalidade como lente teórico-metodológica). Apesar das violências que permeiam seu cotidiano e a adoecem, a criadora de conteúdo ocupa espaços em que se sente deslocada e fortalece práticas de resistência num “fazer-cidade”, que é seio do agir político e urbano contemporâneo (AGIER, 2015). Para tanto, ela estabelece conexões entre o espaço da favela onde vive e a cultura nordestina, em ambientes onde a criatividade e a desobediência se fazem presentes.

Ao retomar imaginários sobre a população de baixa renda, “Blô” mostra ser possível a coexistência de lazer e trabalho por meio de uma criação de conteúdo digital descontraída. Nas reflexões cotidianas, o “papo reto” de Nathaly Dias se faz presente nos vídeos em formatos simples como *vlogs*, gravados a partir das ambiências da cidade, moda e sonoridades da favela, o que marca uma visualidade e identidade próprias através de símbolos como “pobre prime”, “favelice”, “sapatão de boné” e “patricinha da favela”. A esfera pública contemporânea foi alimentada pelo resgate de acontecimentos dos últimos cinco anos que traduzem disputas políticas em torno das questões de classe e territorialidade do Brasil e, mais especificamente, do Rio de Janeiro. Nota-se que a “Blô” costuma fazer comparações entre a rotina de pessoas ricas e pobres, além de ironizar situações extremas de consumo, como a banalização do minimalismo e da compra de bolsas de grife, por exemplo – o que faz valer o título de Blogueira de Baixa Renda.

Já os conteúdos de Esse Menino foram caracterizados pela curta duração e rapidez de elaboração, seguindo a lógica do Instagram. O humorista declarou sua preferência para a Presidência da República desde o início de 2022 e, ao longo dos meses, seguiu construindo um modo inovador de ativismo digital até o resultado da eleição. Para isso, seus roteiros focaram nos escândalos do governo de Jair Bolsonaro e na reprodução irônica e debochada do discurso dos apoiadores do ex-presidente. As notícias recém anunciadas na esfera pública foram rapidamente incorporadas a esquetes de humor, que satirizavam a postura de seu alvo e rebatiam violências cometidas naquele mandato.

Utilizando “armas performativas”, Esse Menino estabeleceu-se, sempre que possível, conexões entre o cotidiano das pessoas que formam a comunidade digital e os problemas sociais enfrentados, como a fome. Tal prática ainda envolveu, entre outros aspectos, as posições arbitrárias do Estado, eventos internacionais e a cultura homofóbica brasileira. A narrativa do criador de conteúdo se baseou na subversão de ofensivas e discursos falaciosos da oposição por meio da “desordenação” dos estereótipos tanto sobre a classe artística quanto sobre “as bichas” – reivindicadas por ele como atrizes fundamentais de sua própria identidade, atitude política e a(r)tivismo digital. Ao final, nota-se que o humorista “re-noticiava” e “re-denunciava” os acontecimentos políticos ao criticá-los em suas postagens, das quais obtivemos pistas da força do humor enquanto ferramenta na qual o riso atua como resposta e a chacota escrachada como marcadora de distinção social.

O tempo gore, marcado pela violência e constituído por sistemas de simbolização cultural que abrigam o binarismo de gênero e a heterossexualidade compulsória, é um projeto em curso. Ele se retroalimenta de tecnologias como o classismo, homofobia, misoginia, transfobia e racismo. Todas essas ferramentas de extermínio são chaves nas críticas dos a(r)tivismos digitais dos criadores de conteúdo cartografados nesta dissertação, pois atravessam seus corpos e suas comunidades, trajetórias de vida, experiências na cidade, relações familiares etc. Nesse sentido, encontramos como resultado desta cartografia um enferrujar que extrapola as dissidências sexuais e de gênero, tocando também em outros marcadores sociais/identitários.

Embora apresentem consonância no que defendem publicamente, sendo do “nicho de minorias”, os quatro criadores de conteúdo mapeados são heterogêneos e possuem diferentes abordagens, quantidades de seguidores, tipos de atuação digital, expressões de gênero e sexualidade, além de linguagens únicas. Por isso, o presente estudo não abrange, qualifica ou analisa a imensa totalidade de produção audiovisual brasileira na internet do ano de 2022; e seria impossível fazê-lo. Existem os mais diversos tipos de produtores e profissionais da

internet e, a cada dia, surgem novas plataformas digitais com lógicas algorítmicas que ainda caminhamos para compreender.

As novidades trazidas pelas invenções midiáticas atuais e seus efeitos revelam a necessidade de pesquisas com diferentes enfoques, polos de discussão, lentes metodológicas e áreas de conhecimento. Nesse sentido, as possibilidades de estudos sobre criação de conteúdo digital, mídias com função pós-massiva e plataformas digitais são inesgotáveis. Nesta dissertação, seguimos outros olhares sobre as dissidências sexuais e de gênero. Ao final, compreende-se que, mesmo em um contexto necropolítico de muitas violências contra esses corpos, pulsa a resistência e desobediência cotidiana, pelas ruas das cidades e também nos conteúdos digitais, que desestabilizam o “cis-tema” e enferrujam tesouras de gênero.

REFERÊNCIAS

ABIDIN, C. Communicative Intimacies: Influencers and Perceived Interconnectedness. *In: Ada: A Journal of Gender, New Media, & Technology*, College Park, v. 8, nov. 2015. Disponível em: <<https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/26365/>>. Acesso em: 02 out. 2023.

ABIDIN, Crystal. Minahs and minority celebrity: parody youtube influencers and minority politics. *Celebrity Studies*, Singapore, 2019, p. 598-617.

ABIDIN, Crystal.; KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais, celebridades da internet e “blogueirinhas”: uma entrevista com Crystal Abidin. *Intercom*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 289-301, 2021.

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. *MANA*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. **ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais)**, Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. Labrys, **Estudos Feministas**, n.4, 2003. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/berenice1.htm>> Acesso em: 12 out. 2023.

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BLOGUEIRA DE BAIXA RENDA. **Dia de feira, encontrei uma amiga da quarta série e desabafo sobre ascensão do pobre**. YouTube Brasil, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vhS6R4LCTgY>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

BLOGUEIRA DE BAIXA RENDA. **E mais uma vez aconteceu comigo**. YouTube Brasil, Rio de Janeiro, 10 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y9yBdhHwMqs>. Acesso em: 28 nov. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: Os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 1ª Edição, 2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CANCLINI, N. G. Públicos promíscuos. **Observatório Itaú Cultural**. São Paulo: ed. 28, 1 jan., p. 149-155, 2021.

CHAIA, M. Artivismo – Política e Arte Hoje. **Revista Aurora**, n. 1, p. 9-11, 2007.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 3ª edição, 1998.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018a. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430946>.

COLLING, Leandro. A emergência dos artivismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. **Revista Sala Preta**, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018b.

COLLING, Leandro. Fracasso, utopia queer ou resistência? Chaves de leitura para pensar as artes das dissidências sexuais e de gênero no Brasil. **Conceição/ Conception**, Campinas, v. 10, p. 1-22, 2021.

CORREMOS o risco de repetir com a monkeypox o estigma da Aids', alerta historiadora. **Portal Fiocruz**, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/corremos-o-risco-de-repetir-com-monkeypox-o-estigma-da-aids-alerta-historiadora>. Acesso em: 12 out. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10, vol. 1, 2002, p. 171-188. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed.34, v. 3, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed.34, v. 3, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed.34, v. 4, 1997.

DELLAFANCY, Bianca. **Sua vida não será a mesma**. YouTube, 08 maio 2019. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wUyyf_OV4ek. Acesso em: 19 out. 2023.

DURAND, G. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 3ª ed., 2004.

FELINTO, Erick e GRUSIN, Richard. Mediação *gore* e *bromance* de Jair Bolsonaro e Donald Trump. *In*: FERNANDES, C. S. et al. **A[r]tivismos urbanos**: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulina, 2022, p. 33-58.

FERNANDES, C. S. **Sociabilidade, Comunicação e Política**: a Rede MIAC como provocadora de potencialidades estético-comunicativas na cidade de Salvador. 2005. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FERNANDES, C. S. e HERSCHMANN, M. Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música. **Fronteiras – estudos midiáticos**. V. 17, n.3, 2015, p. 290-301.

FERNANDES, C. S. et al. (Re)existências em um contexto de intensificação das polarizações e precarizações. *In*: FERNANDES, C. S. et al. **A[r]tivismos urbanos**: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulina, 2022, p. 9-29.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Vol II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1ª ed., 1997.

HALBERSTAM, J. Temporalidade queer e geografia pós-moderna. *In*: HALBERSTAM, J. *A queer time and place: transgender bodies, subcultural lives*. New York: NYU Press, 2005. Tradução: GUSMÃO et al. **Periódicos**, Salvador, n. 18, v. 1, 282-305, out.2022-dez.2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/52559>.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema**: Generar parentesco en el Chthuluceno. Traducción Helen Torres, 2019.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. *In*: SAAD- -CORRÊA, E. N. SILVEIRA, S. C. **Tendências em Comunicação Digital**. São Paulo: ECA-USP, 2016.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, São Paulo, v. 17, edição comemorativa, p. 46-61, 2017a.

KARHAWI, I. Na tela da TV e do computador: as celebridades youtubers. *In*: SAAD-CORRÊA, E. N.; SILVEIRA, S. C (org.). **Tendências em Comunicação Digital 2**. São Paulo: ECA-USP, 2017b.

KARHAWI, I. Autenticidade, intimidade e coconstrução: mapeamento das características da produção de conteúdo dos influenciadores digitais. *In: Intercom: 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, Universidade Federal da Paraíba. Anais [...].* João Pessoa, 2022, p. 1 – 15. Disponível em: <https://bit.ly/44qhpXw>. Acesso em: 16 out. 2023.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos - Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília, 2 ed., 2012.

KERN, Leslie. **Cidade feminista:** A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel; 1ª ed., 2021.

LASH, Scott, A Reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. *In: A. Giddens, U. Beck, S. Lash (orgs). Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.* Tradução de Magda Lopes. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2012, p. 167-258.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social:** uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Ed ufba, 2012; Bauru. São Paulo: Edusc. 2012.

LE BRETON, David. Éclats de rire: fragments d'une anthropologie du rieur. **Revue des Sciences sociales**, Presses Universitaires de Strasbourg, 2010, Humour et dérision, 43, p.16-23. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01286840/document>. Acesso em: 19 nov. 2022.

LEMOS, André. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, vol. 2, n. 2, p. 155-166, 2010.

LEMOS, André. **A Tecnologia é um vírus.** Pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021.

MACHADO, Jorge A. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 18, p. 248-285, jul./dez. 2007.

MAFFESOLI, M. **A Contemplação do Mundo**, Porto Alegre: Oficinas, 1995 [1993].

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade [entrevista]. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>.

MAFFESOLI, M. Opinião pública/opinião publicada. *In: MAFFESOLI, M. Saturação.* São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, p. 19-30, 2010.

MAGNONI, Antônio Francisco. A Comunicação e a opinião pública na era das redes sociais. *In SANTOS, Célia Maria Retz Godoy dos (org.). Opinião pública: empowerment e interfaces.* Bauru: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, p. 38-55, 2012.

MARTÍN-BARBERO, J. 2004. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo, Editora Loyola, 289 p.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte & Ensaios**, UFRJ, Rio de Janeiro, n.32, p. 122-151, 2016.

MEDEIROS, Jackson da Silva. Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política. **TransInformação**, Campinas, São Paulo, v. 25, n.1, p. 27-33, 2013. DOI: [10.1590/S0103-37862013000100003](https://doi.org/10.1590/S0103-37862013000100003) Acesso em: 22 mar. 2023.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p. 101-128.

MINTZ, A. Miatização e plataformização: aproximações. **Revista Novos Olhares**, Vol.8, n.2, p. 98-109, 2019.

MONS, Alain. **L'étendue du trouble**: créations contemporaines. Liber: Montréal, 2023.

NOVAES, Beatriz. **Estes sapatos são grandes demais para um armário**: Uma análise sobre a vivência lésbica desfem e suas “fronteiridades”. 2023. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

OLIVEIRA, Hugo. Tensões sociais e visibilidade da dança Passinho Foda. In: FERNANDES, C. S. et al. **A[r]tivismos urbanos**: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulina, p. 305-320, 2022.

OLIVEIRA, R. e TÁVORA, B. É ocupando que se sabe: mídia pós massiva e drag queens contra a verdade de gênero. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5 n. 16, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/13312>. Acesso em: 29 out. 2023.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **International Classification of Diseases (ICD)**. OMS: 2019. Disponível em: <<https://shre.ink/UdP3>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

PRADO FILHO, K. e TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Rio Grande do Sul: **Barbarói**, n. 38, 2013, p. 45-59.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro, São Paulo, n. 1, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. N-1 Edições; n. 1, jan. 2018.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas**. Zahar, Rio de Janeiro, 2022.

ROSÁRIO, N. e COCA, A. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. **Comunicação & Inovação**. V.19, n. 41, set-dez 2018, p. 34-48.

RIBEIRO, Djamila. Nós, mulheres, não somos apenas 'pessoas que menstruam'. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 1º dez. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/lhLC>. Acesso por último em 22 jun. 2023.

RINCÓN, Omar. O popular na comunicação: culturas bastardas + cidadanias celebrities. **Revista Eco-Pós**, v. 19, n. 3, p. 27-49, dez. 2016. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/5420>. Acesso em: 12 maio 2023.

ROCHA, R. de M.; SILVA, J. C.; PEREIRA, S. L. Imaginários de uma outra diáspora: consumo, urbanidade e acontecimentos pós-periféricos. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 30, p. 99-111, dez. 2015.

ROCHA, R. de M. e POSTINGUEL, D. KO: O nocaute remix da drag Pablllo Vittar. **E-Compós**, Brasília, v. 20, n. 3, 2017.

ROCHA, R. de M. et al. Comunicação e estudos de gênero: imagens diaspóricas, imaginários insurgentes. **Compós**, Belo Horizonte, 2018.

ROCHA, R. de M. e SANTOS, T. H. R. Remediação com purpurina: bricolagens tecnoestéticas no dragartivismo de Gloria Groove. **INTERIN**, v. 23, n. 1, p. 205-220, jan./jun. 2018.

ROCHA, R. e RIZAN, T. Pistas reflexivas para uma cartografia dos artivismos de gênero no Brasil. In: FERNANDES, C. S. et al. **A[r]tivismos urbanos: [sobre]vivendo em tempos de urgência**. Porto Alegre: Sulina, p. 127-150, 2022.

ROMANCINI, Richard. Do “Kit Gay” ao “Monitor Da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Revista Contratempo**, Rio de Janeiro, ed. 37, n. 2. Ago/2018-nov/2018.

“SIGILOS DE 100 ANOS”: O USO DO ART. 31 DA LAI EM NEGATIVAS. *Transparência Brasil*, dez. 2022. Disponível em: <https://blog.transparencia.org.br/uso-indevido-do-sigilo-de-100-anos-para-negar-acesso-a-informacao-foi-quatro-vezes-maior-no-governo-bolsonaro/>.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª ed., p. 11-25, 1973 [1903].

SIMONINI, Eduardo. Linhas, tramas cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, p. 73-92, 2019.

SUSCA, Vincenzo. **As afinidades conectivas**: para compreender a cultura digital. Tradução de Simone Ceré. Porto Alegre: Sulina, 2019.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TAYLOR, Diana. **Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo Gore**. Editorial Mesulina, 2010.

ZAMBONI, J. **Educação bicha**: uma a(na[1]rqueologia da diversidade sexual. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, 2016.